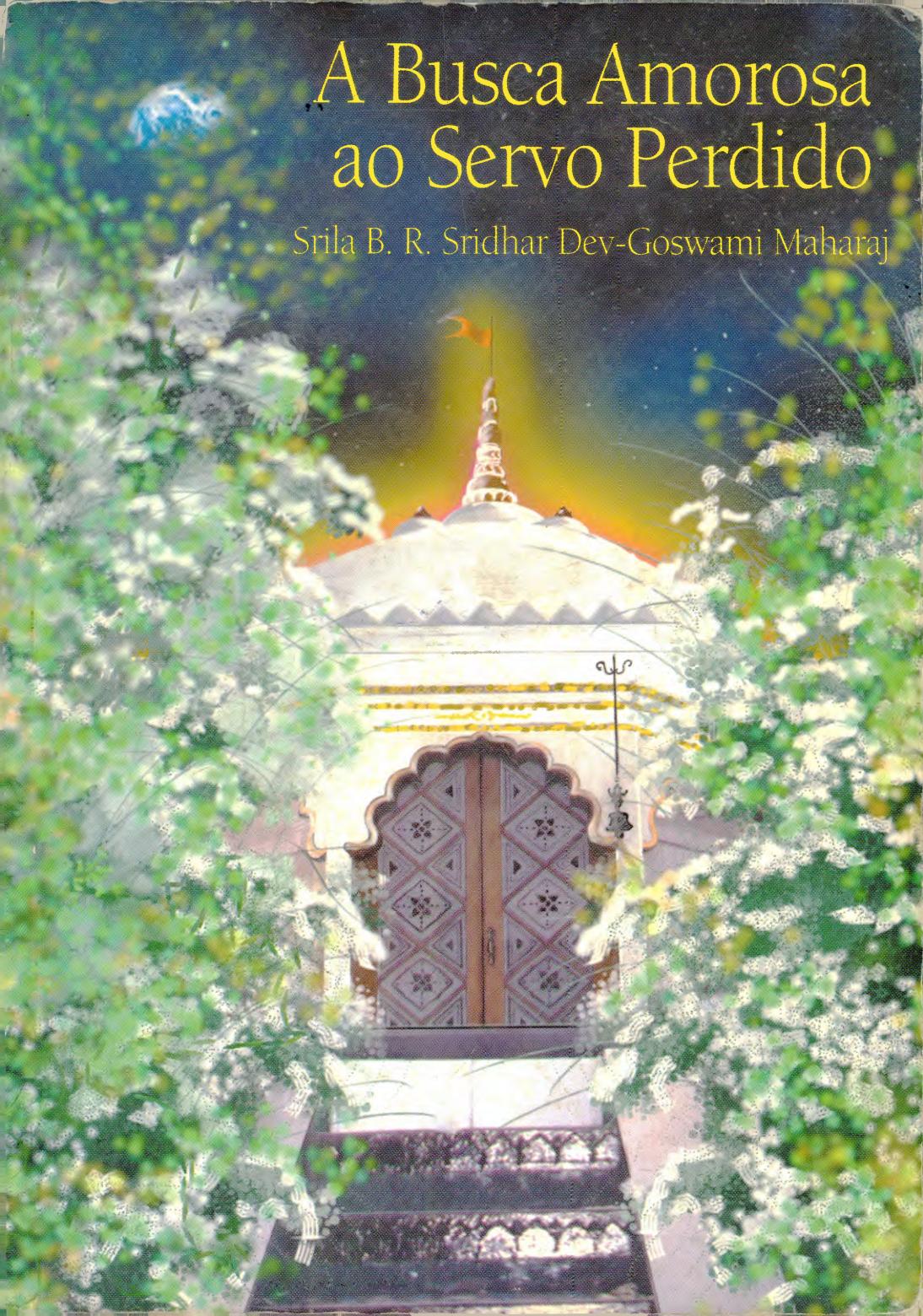


A Busca Amorosa ao Servo Perdido

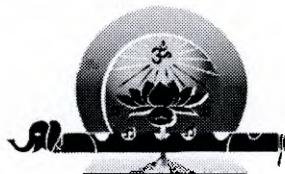
Srila B. R. Sridhar Dev-Goswami Maharaj



RAMASUNDA R



A Busca Amorosa ao Servo Perdido



por

*Om Visnupada Paramahamsa
Parivrajakacharya Varya
Sarva Sastra Siddhanta Vit
Astottara Sata Sri Srimad*

***SRILA BHAKTI RAKSAK
SRIDHAR DEV-GOSWAMI MAHARAJ***

© Copyright 1999 - Sri Chaitanya Saraswat Math

Todos os Direitos Reservados pelo
Sevaiete-Presidente-Acharya da
Sri Chaitanya Saraswat Math, Navadvip

Publicado no Brasil pelo

O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA
Rua Mario de Andrade, 108
Caucaia do Alto, Cotia, SP
06720-000

Título no original em inglês:
“Loving Search for the Lost Servant”

Outubro de 1999

Os editores gostariam de expressar sua sincera apreciação e gratidão aos seguintes Vaisnavas por sua participação com os recursos necessários à produção desta edição:

Adwaita Prabhu, Amiya Krishna Prabhu, Ana Maria de Moraes Preto, Ananga Krishna Prabhu, Anantadeva Prabhu, Anantaram Prabhu, Ananya DD, Antaratma Prabhu, Antonio Carlos Espiloto, Anupama Krishna Prabhu, Bhanu Priya DD, Bhuvana Mohan Prabhu, Dharmapada Prabhu, Doyamoy Prabhu, Giridhari Prabhu, Govinda Mohini DD, Hari Priya DD, Homero L. Santos, Indranath Prabhu, Isa Sakti DD, Jaya Sri DD, Jivana Krishna Prabhu, Kamala Sundari DD, Kalindi DD, Kirtan Lilamoy Prabhu, Krishna Raya Prabhu, Madhavi DD, Mani Moyee DD, Nadyarani DD, Nagendra Prabhu, Nimananda Prabhu, Nimay Sundar Prabhu, Nityadas Prabhu, Palak Krishna Prabhu, Panchatatwa Prabhu, Premavati DD, Priyatama DD, Radhika Priya DD, Rama Sundar Prabhu, Ricardo de Sá, Rodrigo Ramos Roviralta, Rohini Sakti DD, Sindhu Kanya DD, Sri Niddhi Prabhu, Syam Chand Prabhu, Surotama Prabhu, Vijayaksa Prabhu, Visvavandya Prabhu, Yadava Krishna Prabhu, Yadu Gopal Prabhu, Yamuna DD, Yogamaya DD, Yogiraj Prabhu.

A Busca Amorosa ao Servo Perdido

COMPILEDO DE CONVERSAS INFORMAIS DE
SUA DIVINA GRAÇA
**SRILA BHAKTI RAKSAK SRIDHAR
DEV-GOSWAMI MAHARAJ**
COM SEUS DISCÍPULOS

PUBLICADO SOB OS AUSPICIOS DO
PRESIDENTE-ACHARYA
**SRILA BHAKTI SUNDAR GOVINDA
DEV-GOSWAMI MAHARAJ**

EDITADO EM INGLÊS POR
SRI PAD B. SUDHIR GOSWAMI

TRADUZIDO AO PORTUGUÊS POR
SRIMATI INDHUMUKHI DD

REVISADO E EDITADO POR:
BHUVANA MOHAN DAS

Capa:
ANTONIO CARLOS ESPILOTRO

1999

SRI CHAITANYA SARASWAT MATH

ÍNDICE

PREFÁCIO, 5

INVOCAÇÃO, 7

INTRODUÇÃO, 9

PLANETAS DA FÉ, 17

O MEIO AMBIENTE, 31

SOB O OLHAR AMOROSO DE DEUS, 47

SENHOR DAS VACAS, 57

A ILUSÃO DE BRAHMA, 63

DEUS COMO FILHO, 79

DEVOÇÃO DESPROVIDA DE CONHECIMENTO, 91

O SANTO NOME, 111

O SERVIÇO A SRI RADHA, 125

PREFÁCIO

Um teólogo cristão predisse que o cristianismo estava à beira de uma revolução “coperniquiana”. Antes de Copérnico, acreditava-se que a Terra era o centro do universo, e que o sol e outros planetas orbitavam a Terra. Até recentemente, no mundo ocidental, pensava-se que o cristianismo era a concepção central da divindade no universo teísta. Mas desde que o homem ocidental começou a olhar para o oriente, descobriu uma pluralidade de concepções teísticas orbitando a Suprema Verdade.

Aceitando essa pluralidade, devemos também aceitar as gradações de superior a inferior que acompanham o teísmo. Tal como os planetas estão situados conforme sua atração gravitacional pelo sol, as variedades de concepção teística situam-se na esfera superior ou inferior conforme sua atração pelo Centro Absoluto. A concepção Krishna da divindade trata da atração irresistível pelo centro infinito de todo amor, beleza e harmonia.

O infinito pode Se dar a conhecer ao finito, e o agente divino através de quem essa função se manifesta é Sri Guru ou o guia divino. Sua Divina Graça Srila Bhakti Raksaka Sridhar Dev-Goswami é um agente da divindade e um mensageiro dessa realidade suprema. Ele nos lembrou que somos todos “filhos do néctar” e que teremos de “morrer para viver”, “mergulhar a fundo na realidade” e entrar na “terra da dedicação”. Na medida em que nos sacrificarmos neste plano, nos tornaremos libertos de sua influência e seremos atraídos através da dedicação para o plano mais elevado da realidade onde os divinos passatempos “se movem de maneira tortuosa”. E ali encontraremos o “tesouro oculto do Doce Absoluto” no serviço a Srimati Radharani.

Sua Divina Graça nos informou que o anelo íntimo do coração pelo êxtase, encanto e doçura, guia-o na busca por Sri Krishna – a

Realidade, o Belo. A concepção Krishna da divindade é tão irresistível que até mesmo o próprio Krishna é subjugado por Sua própria potência e está loucamente ocupado em provar de Sua própria doçura, dançando em êxtase, e desse modo distribuindo essa doçura aos outros.

No *Sri Chaitanya-charitamrta*, Srila Krsnadasa Kaviraja Goswami descreve que enquanto dançava no Rathayatra, Sri Chaitanya Mahaprabhu às vezes caía num desmaio extático e parecia “uma montanha dourada rolando no chão”. Srila Sridhar Maharaj descreve que: “Na agonia da separação que sentia de Krishna, erupções extáticas de êxtase fluíam como lava do coração do Vulcão Dourado de Amor Divino, Sri Chaitanya Mahaprabhu”.

E agora, na *Busca Amorosa ao Servo Perdido*, descobrimos que o coração do Senhor é tal, que Ele também sente a agonia da separação de Seus devotos caídos, e do mesmo modo que eles estão ocupados em procurar por Ele, Ele se ocupa também numa busca amorosa a Seus servos perdidos.

Bhakti Sudhir Goswami

INVOCAÇÃO

*amnayah praha tattvam harim iha
paramam sarva-saktim rasabdhim
tad bhinnamsams ca jivan prakrti-
kavalitan tad vimuktams ca bhavat
bhedabheda-prakasam sakalam api
hareh sadhanam suddha-bhaktim
sadhyam tat pritim evety upadisati
harir-gauracandro bhaje tam*

Aqui, num único verso, Bhaktivinoda Thakura forneceu a própria essência da filosofia Gaudiya Vaisnava. Ele diz: "Não estamos interessados na opinião de qualquer pessoa comum: não há valor em qualquer opinião além do que seja a verdade revelada (*amnaya*). *Amnaya* significa a verdade revelada ou a escritura que provém de uma fonte confiável: o *guru-parampara*, uma genuína sucessão de gurus.

E o que dizem? Elas enumeram estes fatos: Hari é o todo de tudo (*harim iha paramam*). Qual é a natureza dEle? Ele é o mestre de todas as potências (*sarva-saktim*). E Ele mesmo é o oceano de *rasa*, êxtase (*rasabdhim*).

E a alma *jiva* não é parte direta dEle, mas uma parte de Sua potência (*tad bhinnamsams ca jivan*). Não é uma porção plenária (*svamsa*), mas uma porção parcial (*vibhinnamsa*). Tudo é parte de Hari, porém *svamsa* significa um *avatara*, e *vibhinnamsa* significa uma parte de Sua potência, *tatastha-sakti*. E, por natureza, algumas almas encontram-se absorbas na potência externa, e encontramos outras no colo da potência interna (*prakrti kavalitan tad vimuktams ca bhavat*). Por sua própria existência, algumas almas encontram-se dentro da *svarupa-sakti*. Algumas almas são liberadas e outras não (*mukta* e *amukta*). Tudo é parte de Hari e tem algo em comum com Ele e algo de diferente (*bhedabheda-prakasam sakalam api hareh*). E o único meio de alcançá-LO é a devoção pura, a devoção exclusiva (*sadhanam suddha-bhaktim*). O próprio Hari, na forma de Gaurachandra, está dando a compreensão de que o amor divino é a meta mais elevada da vida (*sadhyam tat pritim evety upadisati harir-gauracandro bhaje tam*).



Srila B. R. Sridhar Dev-Goswami Maharaj

INTRODUÇÃO

A Busca Amorosa do Senhor a Seus Servos Perdidos: uma grande intensidade é expressa aqui de maneira simples. É uma busca louca – uma campanha urgente. Com grande sinceridade, Krishna vem para salvar Seus servos perdidos. Krishna vem para nos levar para casa.

No *Brhad-Bhagatamrta* está escrito que, certa vez, enquanto Krishna e as vacas retornavam da floresta de Vrindavana ao final do dia, um menino acabava de alcançar a emancipação espiritual e entrou em Vrindavana como um vaqueirinho (*sakhya rasa*). Vendo Seu servo há muito perdido, Krishna abraçou-o e ambos desmaiaram de êxtase.

Os demais vaqueirinhos amigos de Krishna ficaram espantados, pensando: “O que é isso? Krishna perdeu Seus sentidos por abraçar este recém-chegado? Como isso é possível!” Então, todos os vaqueirinhos presenciaram atônitos que Balarama veio ao socorro de Krishna e de alguma forma conseguiu acordá-LO.

Então Krishna se dirigiu a Seu amigo com grande afeição: “Por que você se afastou? Por que você ficou vivendo longe do lar por tanto tempo? Como foi possível para você? Como você suportou a separação de Mim? Você Me deixou e ficou vida após vida sem Mim? Todavia, sei do esforço que você empreendeu para retornar a Mim. Você buscou por Mim em todo lugar, e foi mendigar de casa em casa, tendo sido repreendido por tantos, ridicularizado por muitos, e você derramou lágrimas por Mim. Sei de todas essas coisas. Eu estava com você. E agora, após grande dificuldade, você novamente retornou a Mim.” Dessa maneira, Krishna dirigiu-se a Seu servo há muito perdido e o acolheu, dando-lhe as boas-vindas. E quando Krishna retornou à Sua casa, levou o recém-chegado junto conSigo para comerem *prasadam*. É desse modo que um novo recruta é recebido sinceramente pelo próprio Krishna.

Assim, a busca do Senhor a Seus servos perdidos é uma busca

amorosa; não é uma busca comum, mas sim do coração. E o coração do Senhor não é um coração comum. Quem pode avaliar o tipo de busca em que Ele está ocupado? Embora Ele seja pleno em todos aspectos, ainda assim sente as dores da separação de cada um de nós, por menores que sejamos. Apesar de Sua posição suprema, Ele tem lugar para nós num canto de Seu coração amoroso. Essa é a natureza do infinito. Krishna é um autocrata absoluto, um tal bem absoluto.

Um autocrata não se encontra sob a Lei. Não é o caso de que se Krishna Se der para um, outro ficará carente. O infinito não é assim; em vez disso, há um infinito suprimento a Seu comando. Portanto, Ele é o empório de *rasa* (*akhila-rasamrta-murtih*). E Ele está buscando por Seus servos perdidos, para trazê-los ao lar.

Senão, não temos esperança. Nossa consolo, nosso lenitivo na vida, é que afinal estamos sob os cuidados de um Senhor amoroso. Os amigos de Krishna pensam: “Para que ligar para outros? Temos Krishna, nosso amigo”. Esse tipo de encorajamento interno, esse encorajamento desesperado, vem de dentro. “Krishna está ali, Ele é nosso amigo. Para o quê ligamos? Podemos tomar veneno, podemos pular na cabeça daquela grande serpente Kaliya, podemos fazer qualquer coisa. Com Krishna por trás da gente, para que nos preocuparmos?” Esse sentimento é expressado por Bhaktivinoda Thakura em seu *Saranagati*.

*raksa koribo tuhum niscaya jani
pana korobun hama yamuna pani*

«Destemido e confiante em Sua proteção, hei de beber as águas do Yamuna, quer estejam envenenadas ou não.

“Sou Sua propriedade. O Senhor deve cuidar de mim; não pode me abandonar.”

*kaliya-dokha korobi binasa
sodobhi nadi-jala badobi asa
bhaktivinoda tuwa gokula-dhana
rakhobi kesava! korato janana*

“Embora o veneno da serpente Kaliya tenha envenenado as águas do Yamuna, sei que o veneno não atuará. Sua presença limpará as

água e desse modo aumentará nossa confiança em Sua proteção. Bhaktivinoda agora é proprietário de Gokula, Sua morada sagrada. Ó Kesava, bondosamente proteja-o com cuidado.”

Como faremos para entrar numa relação amorosa desse tipo com o Senhor? Por meio da graça de Sri Gauranga. Um devoto disse: “Se Gauranga não tivesse vindo, como poderíamos viver? E quem nos informaria sobre a perspectiva final da vida?” Temos essa grande perspectiva. E no entanto, sem Gauranga, quem teria vindo nos informar de que temos tamanha fortuna interna? E Sri Gauranga diz: “Vocês não sabem, mas têm essa fortuna de tal magnitude.” A vinda dEle para nos informar é como o astrólogo que lê o horóscopo de um pobre e lhe diz: “Por que você está vivendo esta vida pobre? Você possui uma fortuna imensa enterrada no quintal. Tente recuperá-la. Você é tão grandioso e seu guardião é tão amoroso e tão elevado, e no entanto você vague como um pobretão pelas ruas? O que é isso! Você não é um desamparado, não lhe falta um guardião. Apenas precisa lembrar-se de seu guardião misericordioso.”

No *Srimad-Bhagavatam*, 11.5.32, onde se menciona o *Kali-yuga avatara*, encontramos evidência do advento de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Ali está escrito:

*krsna-varnam tvisa 'krsnam, sangopangastra-parsadam
yajñaih sankirtana-prayair, yajanti hi su-medhasah*

«Na era de Kali, as pessoas de grande piedade e inteligência adorarão o Senhor em Sua forma de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Ele aparecerá numa forma dourada cantando o nome de Krishna, acompanhado por Seus associados e séquito.»

E depois desse, há dois outros versos sobre Sri Chaitanya Mahaprabhu:

*dhyeyam sada paribhava-ghnam abhista-doham
trithaspadam siva-virinci-nutam saranyam
bhṛtyarti-ham pranata-pala bhavabdhī-potam
vande maha-purusa te caranaravindam*

O *Srimad-Bhagavatam*, 11.5.33, explica aqui que “aquela mesma personalidade que veio como Ramachandra e Krishna apareceu novamente. Ele veio para nos dirigir rumo à verdadeira realização da

Ano
santo nro 12

vida. Ele está destilando o mais doce néctar lá do alto para todos. Meditem apenas nEle e todos os problemas acabarão. Ele purifica todos os locais sagrados de peregrinação e grandes pessoas santas através de Seu toque e por meio de Seu *sankirtana*. Ele atrai para cá as coisas mais elevadas lá do plano mais elevado. E mesmo Brahma e Shiva, confundidos por Sua nobre dádiva, começarão a louvá-LO. Eles aspirarão ansiosamente por tomar refúgio sob Seus pés de lótus, em rendição. As dores de todos que se propõe a servi-LO serão removidas, e serão satisfeitas suas necessidades internas. E Ele tomará conta daqueles que tomam refúgio nEle; eles receberão proteção bem como tudo que possam precisar. Neste mundo no qual reina a mortalidade, onde estamos continuamente experimentando as indesejáveis mudanças de repetidos nascimentos e mortes, nesta região onde ninguém quer viver, chegará um grande navio para nos favorecer, nos levará para dentro e nos carregará para longe desta posição desagradável. Caiamos aos pés dessa grande personalidade que veio para nos dar o mais elevado néctar.”

*tyaktva sudustyaja-surepsita rajya-laksmim
dharmistha arya-vacasa yad agad aranyam
maya-mrgam dayitayepsitam anvadhavat
vande maha-purusa te caranaravindam*

“Ó Senhor Supremo, o Senhor deixou a deusa da fortuna e Sua grande opulência, que é muito difícil de abandonar, a qual é almejada até mesmo pelos deuses. A fim de estabelecer perfeitamente os princípios da religião, o Senhor saiu para a floresta a fim de honrar a maldição de um brâmane. Para salvar as almas pecaminosas que perseguem prazeres ilusórios, O Senhor procura por elas e lhes concede Seu serviço devocional. Ao mesmo tempo, o Senhor Se encontra ocupado numa busca por Si próprio, numa busca por Sri Krishna, a Realidade, o Belo.”

Esse verso em geral se aplica ao Senhor Ramachandra, que deixou Seu reino, e quem, depois de ir para a floresta com Sitadevi para cumprir com seus deveres designados por Seu pai, perseguiu o *maya-mrgam*, o veado dourado ilusório. Entretanto, Srila Visvanatha Chakravarti Thakura mostra como esse verso também se aplica a Sri Chaitanya Mahaprabhu. Ele diz que a palavra *maya-mrgam* significa que Sri Chaitanya Mahaprabhu corria atrás das almas que estão

envolvidas por *maya*, ou seja, pela concepção equivocada. A palavra *maya-mrgam*, quando aplicada a Ramachandra, significa que Ele correu atrás de Marici, que tomara a forma de um veado dourado. Quando aplicadas no caso de Sri Chaitanya Mahaprabhu, as palavras *maya-mrgam anvadhavat* significam que “Ele perseguiu aquelas almas que estão na ilusão a fim de salvá-las. Ele correu no encalço das almas caídas como um salvador, a fim de salvá-las de *maya*, a ilusão.”

Visvanatha Chakravarti Thakura também deu outra interpretação: ele disse que *dayitaya ipsitam* significa “ser desejado pelo amado”, isto é, a busca por Krishna. Dessa forma, ele identifica duas qualidades no Chaitanya *avatara*: Ele alivia as almas caídas e busca por Krishna no humor de Sua amada (*dayitayepsitam anvadhavat*). Inspirado pelo humor de *dayita*, Sua amada, Srimati Radharani, Ele correu atrás das almas aprisionadas para salvá-las. Aqui, encontramos a referência escritural, a semente dessa concepção. Ele está em busca das almas perdidas, absorvido numa busca amorosa aos Seus servos perdidos.

E durante toda a vida de Sri Chaitanya Mahaprabhu e de Seu outro ser, Sri Nityananda Prabhu, fica muito claro que Eles, sendo a Suprema Entidade, estão procurando pelas almas caídas para salvá-las. Esta será a espinha dorsal de nossa concepção da busca amorosa do Senhor aos Seus servos perdidos.

E também foi dito:

*yada yada hi dharmasya, glanir bhavati bharata
abhyuthanam adharmasya, tada tmanam srjamyaham*

*paritranaya sadhunam, vinasaya ca duskrtam
dharma-samsthapanarthaya, sambhavami yuge yuge*

« Eu apareço onde quer que haja declínio na religião e prevaleça a irreligião. A fim de proteger as pessoas santas e punir os maus, bem como para restabelecer os princípios religiosos, Eu apareço milênio após milênio. » Aqui, Krishna diz: «Eu venho aqui de vez em quando para ajudar a restabelecer as injunções escriturais, bem como para acabar com aqueles que são demoníacos». Estas são as referências das escrituras que descrevem como Krishna vem em busca de Seus servos. Aceitando estas declarações como nosso ponto de partida, podemos ver que Ele está sempre vindo a este mundo para ajudar as almas caídas, Seus próprios servos.

Qual é a posição das almas caídas? No *Sri Chaitanya-caritamrta*, Srila Krsnadasa Kaviraja registra Sri Chaitanya Mahaprabhu instruindo Sanatana Goswami:

*jivera 'svarupa 'haya - krsnera 'nitya-dasa
krsnera 'tatatha-sakti bhedabheda-prakasa*

*krsna bhuli sei jiva anadi-bahirmukha
ataeva maya tare deya samsara dukha*

«A natureza constitucional da alma *jiva* é de ser uma serva eterna de Krishna; a alma *jiva* é uma manifestação da divindade que é una com Krishna e diferente dEle. As almas *jivas* são a potência marginal do Senhor. Embora na realidade sejam servas de Krishna, desde tempos imemoriais, elas têm se ocupado na concepção equivocada, como agentes explora-dores.» A fim de salvar Seus servos perdidos, o Senhor vem de vez em quando para levá-los de volta para Seu próprio lar.

Em outras religiões podemos encontrar muitos messias vindo para auxiliar-nos a reencontrar nosso caminho de volta da consciência mundana para a consciência de Deus. Entretanto, embora encontremos essa concepção em outros países e em outras tradições religiosas, na Índia a encontramos de modo mui profuso e sistemático.

No *Srimad-Bhagavatam*, 11.14.3, Krishna diz:

*kalena hasta pralaye, vaniyam veda-samjnita
mayadau brahmane prokta, dharma yasyam mad-atmakah*

“ Devido à influência do tempo, o som transcendental do conhecimento védico se perdeu na época da devastação. Novamente, na época da Criação, primeiro inspirei Brahma, o criador, de dentro de seu coração. E assim, através de Brahma, tantos discípulos foram iluminados. Estes por sua vez iluminaram seus discípulos. E dessa maneira, a linhagem da verdade revelada descende de Mim.”

E no *Bhagavad-gita*, Krishna diz:

*imam vivasvate yogam, proktavan aham avyayam
vivasvan manave praha, manur iksvakave' bravit*

*evam parampara-praptam, imam rajarsayo viduh
sa kaleneha mahata, yogo nastah parantapa*

"Primeiro, instruí o deus do sol, Surya, sobre esse conhecimento: de Surya este foi passado para Manu, e de Manu para Iksvaku; assim, desde os primórdios do tempo e por meio dessa sucessão discipular, geração após geração, concedo Meus ensinamentos aos demais, transmitindo a verdade de que Eu sou a meta última."

É desse modo que Krishna aparece repetidamente para reivindicar Seus servos perdidos há muito tempo. E, na forma de Sri Chaitanya Mahaprabhu, Krishna também está provando Sua própria doçura. Seu desejo de distribuí-la aos devotos, é causado por Sua potência extática (*hladini-sakti*). Quando Krishna Se combina com Sua potência como Sri Chaitanya Mahaprabhu, Ele Se torna o *acharya*. Assim, Krishna diz: *acharyam mam vijaniyan*: "Saibam que Eu sou o *acharya*". Seu *acharya-lila* é a Sua autodistribuição, e é desse modo que Ele está levando Seus servos perdidos de volta ao lar. Sua forma de recrutar é distribuir conhecimento sobre Si mesmo e devoção a Si próprio, a fim de levar as pessoas ao lar.

Em Vrindavana, Krishna saboreia *rasa* em Seu próprio círculo, e em Navadvipa, como Sri Gauranga e Seu grupo, Ele saboreia a Si próprio e distribui esse sabor aos demais. Sua distribuição e recrutamento são idênticos. Ao distribuir a Si mesmo, Ele está atraindo nossos corações para Ele, levando-nos para o lar. A autodistribuição do Absoluto destina-se a atrair-nos de volta ao lar, de volta a Deus, e, desta maneira, o Senhor está eternamente ocupado em Sua busca amorosa por Seus servos perdidos.

* * *

Surya → Deus do Sol.

↳ manu

↳ Iksvaku.



Sri Chaitanya Mahaprabhu

PLANETAS DA FÉ

Fé é o único meio pelo qual podemos ver, ouvir ou sentir o mundo superior; senão, tudo fica sem sentido para nós. Para entender aquele plano, é necessário um despertar interno. Podemos nos conectar com o mundo superior apenas através de uma fonte mais elevada. Por isso, *divyam jñanam*, o conhecimento do plano superior, não é um conhecimento comum; é sentimento e um sentido transcendental e supramental.

Mas a rendição é compulsória para se perceber isso. Depois disso, seremos capazes de continuar a ouvir e cantar, lembrar, adorar e louvar o Senhor, ou prestar tantos outros tipos de serviço; mas a primeira coisa – o fundamento da devoção – deve ser a autoentrega. Senão, nada se conseguirá; nossa exibição de devoção será mera imitação.

Devemos sentir sinceramente: “Serei fiel em meu serviço ao Senhor Supremo. Destino-me a Ele. Estou pronto para morrer para viver. Quero viver para Ele apenas e não para realizar qualquer interesse separado. Não desejo nada menos que o absoluto. Quero ser todo dEle.” Um tal tipo de intensidade é uma necessidade indispensável para um devoto. Um devoto tem de conceber, tem de sentir que se destina a Krishna. Ele não é uma entidade independente; ele depende de Krishna – quem é o mais elevado centro absoluto – e de nada mais.

Identificar-nos com nossa família, sociedade ou país é egoísmo estendido; entretanto, toda falsa identificação deve ser eliminada. Não devemos ser egoístas nem nos enredarmos num egoísmo expandido. Em vez disso, todo tipo de contaminação externa deve ser eliminada de nossa concepção do eu. Todas as demandas exteriores devem ser canceladas. Nisso, sentiremos na intimidade de nossos corações que estamos conectados ao todo infinito, ao absoluto.

E nosso êxito não necessita de nada externo. A única coisa que se pede de nós é que desmantelemos a cobertura do ego. O ego está acumulando alguns elementos externos, mas essa caixa de coleta externa tem de ser dissolvida – destruída – e então, no âmago de nossos corações, encontraremos nossa conexão com o plano fundamental do serviço amoroso ao todo orgânico.

Tanto o gozo como a renúncia são anormais. São dois tipos de demônios: desfrute ou exploração, e eterno descanso ou renúncia. Estas duas tendências são nossas inimigas. Uma vida positiva mais elevada só é possível quando nos tornamos totalmente independentes tanto da exploração quanto da renúncia.

Tudo nos auxiliará, se conseguirmos perceber tudo em conexão com o centro. Por outro lado, nossa linha não recomenda o tipo de renúncia exclusiva praticada pelos shankaristas e budistas. Estamos interessados em harmonizar as coisas de modo que tudo nos lembre de nosso dever para com o absoluto, e nos encoraje a nos dedicarmos a Ele.

*prapancikataya buddhya, hari-sambandhi-vastunah
mumuksubhīḥ parityago, vairagyam phalgu kathyate*

*anasaktasya visayan, yatharham upanyunjatah
nirbandhah krsna-sambandhe, yuktam vairagyam ucyate
- Bhakti-rasamrta-sindhu*

Negligenciar o meio ambiente, pensando que está cheio de coisas materiais indesejáveis, não nos ajudará. Isso não é correto. Tudo no meio ambiente deve nos lembrar do absoluto. Nesse espírito, devemos nos movimentar, pensando: “Aceite e conecte-me com o serviço a nosso Senhor”. Ao olharmos para o meio ambiente com a visão correta, tudo nos ajudará, nos encorajará e incitará em nosso serviço ao centro. Vivemos num todo orgânico, num sistema. E esse sistema é composto de proprietário e propriedade, do possuidor da potência e dos diferentes tipos de potências (*sakti-saktiman*).

EMPÓRIO DE RASA

A potência do Senhor é dinâmica, e esse dinamismo está sempre

produzindo *rasa* ou o sabor do êxtase. Todo o *lila* está produzindo êxtase (*anandam, rasam*). O próprio Krishna é o empório de *rasa* (*akhila rasamrti murtih... anandamaya vilasa*). Seu *lila* necessita do movimento dinâmico, o qual não pode ser eliminado. E esse movimento está sempre produzindo um novo êxtase que alimenta cada átomo do mundo espiritual. Nessa morada transcendental, Krishna é o centro que atrai tudo e provoca *rasa* e *anandam*, êxtase e júbilo em tudo. Essa é a natureza do movimento do absoluto. Não é algo extático, mas dinâmico – cheio de movimento. E esse movimento é *prati-padam-purnamrtasvadanam*: a cada ponto, a cada passo, produz um novo tipo de alegria infinita. Não é a velha e estéril alegria que encontramos por aqui.

Essa é a concepção apropriada do absoluto. O todo orgânico que está sempre trabalhando e se movendo é pleno, e sua plenitude é sempre renovada. Não se trata de algo parado ou estático. Move-se de tal modo que a cada segundo, a cada minuto, está sempre produzindo um júbilo novo, desconhecido, infinito. E podemos adquirir esse júbilo apenas pagando o mais alto preço: o auto-sacrifício. É muito valioso esse bilhete que nos pode permitir ingresso no plano do júbilo que se movimenta automaticamente, que é sempre novo a cada segundo. E o bilhete é o auto-sacrifício integral.

Esse sacrifício é repleto de júbilo, e pode-se provar desse júbilo maravilhoso mesmo aqui neste mundo, onde tudo está morrendo a cada momento. É toma lá dá cá. Se quisermos obter algo nobre, também devemos dar. Temos de ser generosos em nossa dedicação, e então receberemos amplamente daquele lado. O preço é o auto-sacrifício integral; em troca, seremos preenchidos de êxtase: *anandam budhi-vardanam*. Sentiremos que nos encontramos em meio a um oceano de júbilo. No presente, procuramos por um sentimento de júbilo – tal como quem procura por um copo d'água em meio ao deserto. Porém, pela dedicação, descobriremos que nos encontramos num oceano de júbilo cuja doçura suavizante aumenta a cada instante.

A qualidade do júbilo que vem para nos auxiliar em nossa atitude de servir é variada, de modo que a cada momento poderemos sentir um novo encorajamento. Assim, temos de indagar do agente apropriado, precisamos seguir seu conselho e tentar entender como melhorar nossa condição. Ao mesmo tempo, devemos estar conscientes de que a oportunidade que temos de prestar serviço em devoção é raramente obtida. Não é algo muito barato. Portanto,

precisamos utilizar cada minuto, cada segundo e cada instante. Devemos estar muito alertas para não perder sequer um momento, para que nossa tentativa de nos dedicarmos possa seguir ininterrupta. Esse estágio de dedicação é conhecido como *nistha*, e quando alcançamos esse estágio, nosso paladar melhora mais e seremos cada vez mais encorajados a avançar e progredir rumo à realização máxima.

SETE DIAS PARA VIVER

Sukadeva Goswami disse a Pariksit Maharaja que sete dias de longevidade é suficiente para obter a perfeição. Ele disse: "Restam-lhe apenas sete dias de vida; acha que é pouco tempo? É tempo suficiente. O que é de importância máxima é a devida utilização de cada segundo". É incerto o tempo que temos em nossas mãos, mas precisamos tentar o melhor possível utilizar corretamente cada segundo. Isso não deve ser negligenciado. Não devemos pensar que: "O futuro está à minha frente; qualquer hora que eu queira, posso me ocupar no vantajoso assunto da vida espiritual". Não se deve perder um segundo. Longfellow escreveu:

"Não confia em futuro algum por agradável que seja!
Que o passado morto enterre seus mortos!
Age... age no presente vivo!
Dentro, o coração. Acima, Deus!"

O Presente está em nossas mãos. Não conhecemos o futuro. Precisamos tentar usar o tempo disponível da melhor maneira. E como nosso tempo poderá ser melhor utilizado? Na associação de santos e escrituras.

A pureza deve ser medida pela unidade de sacrifício. E não um sacrifício a qualquer interesse parcial, mas o sacrifício ao todo. O todo absoluto foi nos mostrado como sendo o empório de *rasa* (*akhila rasamrta murtih*) – o bem absoluto, o autocrata, o planejador e destinador de tudo que vemos. Nossa ideal de sacrifício deve ser tão elevado que nos permita abandonar até mesmo os resultados correspondentes do sacrifício. A autoabnegação ou a auto-rendição são em geral conhecidas como *atma-nivedanam*. Contudo,

atmaniksepa é uma palavra mais forte para rendição. Significa: "atirar-se desesperadamente rumo ao infinito". Devemos ser desesperados no auto-sacrifício. No auto-sacrifício é preciso tomar muito cuidado para não se aspirar por um egoísmo maior ou mais amplo, mas de se render apenas ao centro. Sacrifício destina-se ao centro – Krishna – o todo-atraente.

Ao realizarmos essa posição, estamos interessados em duas coisas – o conhecimento transcendental (*sambandha*), e os meios para alcançar a meta (*abhideya*). Se realizarmos estes corretamente, então a realização da meta máxima (*prayojana*) virá automaticamente. Estaremos muito conscientes do centro ao qual estamos dedicando tudo. O objeto de nossa realização (*sambandha*), e nossa dedicação ou pureza de propósito (*abhidheya*) – estas duas coisas são o que há de mais importante. Isso pode ser entendido ouvindo as escrituras e os santos. E se nos interessarmos pela meta mais pura e o sacrifício mais elevado, a meta virá por si mesma. Não devemos nos preocupar com qualquer remuneração. Só precisamos executar nosso dever e a remuneração virá. A quem nos dedicaremos e o que iremos receber – esses assuntos devem ser discutidos, pensados, meditados e postos em prática. Dessa maneira, devemos tentar viver no infinito. Devemos sempre permanecer ocupados no cultivo do amor infinito e da beleza infinita conforme a recomendação de Sri Chaitanya Mahaprabhu.

OCEANO DE FÉ

Ainda que o objeto da fé de nosso coração seja infinito, mesmo assim, homens experientes no oceano da fé nos deram algumas concepções dEle. No oceano da fé, houveram muitos que tiveram sua experiência especial, o que foi registrado nas escrituras. Por esse meio, podemos nos aproximar dos santos que se alciam como faróis para nos ajudar a atravessar o oceano da necedade. Mas essa vivência precisa ser fidedigna e não meramente uma invencionice ou uma imitação. É possível também imitar a coisa verdadeira, pegando nossa experiência mundana e introduzindo-a no mundo da fé. Portanto, precisamos nos aproximar daquele plano com muito cuidado através da linhagem dos santos confiáveis.

Devemos tomar muito cuidado para conhecermos as qualificações de um verdadeiro santo. Seus sintomas são apresentados nas

escrituras. E quem é um discípulo e qual deve ser sua atitude? Tudo isso se encontra nas escrituras.

E a fé é necessária para se poder trabalhar nesse substancial mundo consciente que é subjetivo. Essa é a coisa mais importante a lembrar: o infinito é subjetivo. Ele pode nos guiar e ser afetuoso conosco. Devemos contar com todas essas coisas. Ele pode nos guiar. A verdade revelada repousa sobre este fundamento: não podemos nos aproximar de Krishna pelo método ascendente, porém, Ele pode descer até nosso nível para dar-Se a conhecer. Devemos entender este ponto muito fundamental e substancial: Ele pode vir até nós, e só pela fé é que nós podemos chegar até Ele.

Sraddha – fé – é mais importante que a verdade dos cálculos. O exemplo de grandes almas é mais valioso para nós que nosso cálculo humano. A verdade externa, material, física não tem muito valor. Pelo contrário, trata-se de uma atitude mental falsa e muito forte. Essa verdade física não deve receber mais respeito do que as práticas intuitivas dos devotos puros; mas sim, a intuição de um devoto puro deve ter predominância sobre os cálculos da verdade feitos por homens comuns.

A fé não tem nenhuma conexão com a assim chamada realidade deste mundo. É completamente independente. Existe um mundo que é guiado apenas pela fé (*sraddha-mayam-lokan*). Lá, a fé é tudo, e ela é infinita e oniabrangente. No mundo da fé, tudo pode ser verdade pela doce vontade do Senhor. E aqui, na terra da morte, o cálculo é inconclusivo e destrutivo em sua meta final; não tem valor algum no final das contas. Deve ser rejeitado. O conhecimento sob o qual os materialistas se situam, o cálculo falível de almas exploradoras, não tem valor algum. Mas no mundo do infinito, a fé é o único padrão que move tudo.

*svayam samuttirya sudustaram dyuman
bhavaravam bhimam adabhra-sauhrdah
bhavat padambhoruha-navam atra te
nidhaya yatah sad-anugraho bhavan*

- *Srimad Bhagavatam 10.2.31*

Aqui, o *Srimad-Bhagavatam* diz que assim como no vasto oceano – quando nada mais pode ser visto – a bússola é a única orientação, também no mundo do infinito, nossa única guia são os passos daquelas

grandes almas que viajaram pelo caminho da fé. O caminho foi marcado pelos santos passos daqueles que foram para o quadrante mais elevado. Essa é a nossa única esperança. Yudhisthira Maharaja também diz que, assim como um tesouro se esconde numa misteriosa caverna, o verdadeiro segredo está oculto no coração dos santos (*dharmaśya tattvam nihitam guhayam*). A linha ampla que leva à verdade é demarcada por aqueles que estão indo para o mundo divino. E essa é nossa orientação e guia mais seguras. Todos os demais métodos de orientação podem ser eliminados, porque o cálculo é falível.

A orientação vem do absoluto infinito. E a orientação dEle pode surgir de qualquer forma, em qualquer lugar e a qualquer hora. Com esta visão ampla, devemos perceber o significado de Vaikuntha. Vaikuntha significa “sem limites”. É como se estivéssemos num barco flutuando num oceano infinito. Muitas coisas podem vir a nos ajudar ou nos atrapalhar. Mas apenas nossa boa fé otimista poderá ser nosso guia, nosso *gurudeva*. O guia é Sri Guru.

*nr-deham adyam sulabham sudurlabham
plavam sukulpam guru-karnadharam
mayanukulena nabhasvateritam
puman bhavabdhim na taret sa atma ha*
- Srimad-Bhagavatam 11.20.17

No oceano infinito embarcamos em nosso pequeno barco, esta forma de vida humana, e nosso destino é incerto e inconcebível. Porém, é concebível para nosso *gurudeva* (*guru karnadharam*). Nossa guru é nosso guia – é o capitão do barco. Nós temos de progredir com fé sincera. Estamos tentando atravessar um oceano horrível com grandes ondas e perigosos tubarões e baleias que engolem outras baleias. Está repleto de perigos. A orientação dos santos é nossa única esperança. Temos de depender deles. Eles se alçam como faróis no oceano infinito para nos guiar rumo à terra da fé.

Fé significa “esperança no infinito”. Vaikuntha significa “infinito”. E *sraddha* significa “boa fé”. Assim como existe um local chamado “Cabo da Boa Esperança”, *sraddha* significa sobrecarga de boa esperança no infinito. Vaikuntha é o infinito, e se desejarmos atrair a atenção do infinito, o único caminho aberto para nós é *sraddha*.

Somente através de *sraddha*, podemos atrair o infinito. E quando

depois de progredir por *bhava*, a emoção extática, *sraddha* desenvolve uma forma definitiva; ela se converte em *prema* – o amor divino. Colombo partiu numa viagem, e após longa jornada, finalmente chegou à América; ele chegou à terra da boa esperança. Da mesma maneira, com esperança, *sraddha*, fé, e depois de atravessarmos Vaikuntha, podemos chegar ao local mais elevado do cosmos espiritual. *Sraddha* é nossa luz na escuridão.

Quando somos viajantes no infinito, somente *sraddha* pode nos guiar. “Escutei que este é o caminho para aquele lugar” – esse espírito manterá nossos corações vívidos. No *Chaitanya-caritamrta* encontramos a definição de *sraddha*: “Fé é a convicção firme de que por servir a Krishna, todos os demais propósitos automaticamente são servidos”. Nenhum risco, nenhum ganho. Maior o risco, maior o ganho. Krishna nos assegura: “Eu estou em todo lugar – não há necessidade alguma de se ter medo. Basta realizar que Eu sou seu amigo. Sou a totalidade de tudo, e você é Meu. Acreditar nisso é seu único bilhete para a jornada rumo á terra da fé.”

A Verdade Absoluta, a substância transcendental que é objeto de nossa indagação através da fé, está dotada de todo poder e de toda consciência. Ele é bondoso, benevolente, e doce. Seu poder é infinitamente superior ao nosso, e nós somos infinitamente menores que Ele. Nossa atitude deve ser de que, comparados a Ele, somos insignificantes.

Qual será então, o verdadeiro sintoma de um discípulo? Quem é um verdadeiro buscador da verdade? Qual é a qualificação de quem está buscando pela verdade – qual é sua atitude, sua natureza? E qual será o sintoma do guru, o guia?

No *Bhagavad-gita*, Sri Krishna diz:

*tad viddhi pranipatena, pariprasnena sevaya
upadeksyanti te jñanam, jñaninas tattva-darsinah*

“Pode-se aprender a verdade somente aproximando-se submissamente e indagando daqueles que viram e vivenciaram a verdade. E por render serviço a eles, nos tornamos iniciados no conhecimento transcendental.”

O que é preciso? *Pranipat*, submissão, e *seva*, serviço. Então, a indagação será fidedigna; caso contrário, será uma transação falsa: poderá não ter valor. Pode ser tudo desperdício de energia. A fé

genuína não nos permite acharmos que temos liberdade para fazer qualquer coisa e tudo. Se for uma transação verdadeira, deve haver alguma orientação superior. Assim *sraddha*, fé, é o que há de mais importante para um devoto.

Quando a fé se desenvolve, fazemos tudo para nos aproximarmos do reino subjetivo superior. Quem tem fé quer conectar-se a essa substância superior, composta de eternidade, conhecimento e êxtase. A fé se movimenta em consideração à existência, ao conhecimento e ao amor. E quando estes três pontos principais são realizados, nossa existência se satisfaz plenamente. A fé nos pede que nos aproximemos do mundo superior, e não do inferior. E a base da fé é pensar que: “De todas maneiras Krishna é superior. Ele é nosso guardião e bem-querente”.

Os rationalistas com seus cérebros científicos estão sempre procurando diferentes maneiras de utilizar e comandar aquilo que descobriram em suas pesquisas. Porém, a fé lida com uma substância que é bem superior em todos os aspectos ao próprio buscador. A pessoa que deseja indagar a respeito de uma substância superior deverá inquirir com o que em geral conhecemos como sendo fé.

A fé também necessita de uma orientação apropriada, a qual é fornecida pelo plano superior. Se desejarmos alcançar o sucesso, essa deverá ser a atitude de nossa indagação ou busca. Portanto, o *Bhagavad-gita* nos aconselha: *pranipat, pariprasna, sevaya* – Rendam-se, indaguem, e sirvam.” Nos *Upanisads* é dito:

*tad vijnarnartham sa gurum evabhigacchet
samit panih srotriyam brahma-nistham*

“Para compreender o Absoluto, devemos nos aproximar de um guru que está fixo no conhecimento espiritual e é versado nas escrituras. E devemos aproximar-nos do guru preparados para sacrifícios.” Essa é a instrução geral dos *Upanisads*.

O *Srimad-Bhagavatam*, 11.3.21, também aconselha igualmente:

*tasmat gurum prapadyeta, jijnasuh sreyah uttamam
sabde pare ca nisnatam, brahmany upasamasrayam*

“Quem deseja buscar seriamente por sua mais elevada perspectiva deve tomar completo refúgio de um guru que tenha profundas

realizações do Senhor Supremo e do significado interno das escrituras. Tais mestres espirituais deixaram de lado todas as considerações em favor da suprema consideração absoluta.”

Devemos ficar muito atentos a estas coisas. Devemos tentar compreender através do autoexame se é que estamos realmente nos aproximando da divindade através da fé. Também devemos cuidar de garantir que nossa fé seja real. A fé correta e a credulidade não são a mesma coisa. É preciso considerar se somos buscadores fidedignos da verdadeira fé ou alguém cuja fé se encontra adulterada. E existem sintomas de uma fé verdadeira. Precisamos consultar e buscar a orientação das autoridades superiores, porque fé é algo muito importante.

Se buscamos pela verdade, estamos insatisfeitos com nossa presente aquisição. Estamos correndo um risco ao nos lançarmos rumo a uma perspectiva superior. Portanto, é preciso aceitar orientação cuidadosamente. Precisamos estar atentos o máximo possível. Dizem-nos que nossa atual razão não é suficiente para nos ajudar; que mais do que razão, é preciso *sraddha*, e que esta também possui seus sintomas. Mesmo assim, aplicaremos nossa razão ao máximo.

Inicialmente, quando vim para a missão, pensei: “As verdades transcendentais que ouço desses devotos não se encontram no âmbito da inteligência mundana, contudo, quando eu quiser me atirar nessa associação, empregarei minha razão e intelecto ao máximo possível, entendendo que estarei me arrojando rumo a algo que foge a meu controle, que se encontra além de meus cálculos. Assim, orientados por santos, por escrituras e gurus, devemos cuidadosamente compreender o que é *sraddha*.

É claro que, mesmo que estejamos percorrendo o caminho certo, nunca é certo que o caminho esteja livre de obstáculos. Mesmo se estivermos progredindo, inesperados obstáculos poderão perturbar-nos e atrasar nosso avanço. Embora vejamos muitos ao nosso redor caindo ou batendo em retirada, devemos ir adiante. Devemos ter a convicção de pensar que, embora muitos iniciaram a senda conosco e agora estão retrocedendo, nós teremos de continuar. Teremos de fortalecer nossa energia e ir adiante – sozinhos se for preciso. Nossa fé deve ser tão forte que nos dê a convicção necessária para seguirmos adiante sozinhos se for preciso e, pela graça do Senhor, de sermos capazes de atravessar quaisquer dificuldades que

encontremos em nosso caminho. Dessa maneira, devemos nos tornar aptos Devemos desenvolver devoção exclusiva. É claro que sempre tentaremos encontrar boa associação Contudo, às vezes, poderá parecer que não há associação, que nos encontramos sozinhos. Mesmo assim, devemos ir adiante e buscar pelo farol da verdade.

Progresso significa eliminar algo e aceitar algo mais Entretanto, devemos ter a capacidade de perceber que há tantos outros que podem nos ajudar em nosso progresso na linha da dedicação; devemos seguir adiante com nossos olhos abertos. E as escrituras descrevem muitos níveis pelos quais teremos de atravessar em nosso progresso Por eliminação, a senda do progresso é mostrada de Brahma a Shiva até Laksmi. Afinal, é visto que Uddhava é superior a todos. Mas a opinião dele é que as *gopis* são as devotas mais elevadas Isso é confirmado por Rupa Goswami

*karmibhyah parito hareh priyataya, vyaktim yayur jñaninas
tebhyo jñana-vimukta-bhakti-paramah
premaika-nisthas tatah
tebhyas tah pasu-pala-pankaja-drsas
tabhyo 'pi sa radhika
prestha tadvat iyam tadiya-sarasi, tam nasrayet kah krti*
- Sri Upadesamrta (10)

"Há aqueles no mundo que regulam sua tendência à exploração de acordo com as regras escriturais e assim buscam gradual elevação ao domínio espiritual. Contudo, são superiores a estes, os sábios que, abandonando a tendência de dominar os outros, tentam mergulhar fundo no reino da consciência. Porém, bem superior a estes, são os devotos puros que estão livres de quaisquer ambições mundanas e estão liberados do conhecimento, e não pelo conhecimento, tendo alcançado o amor divino. Eles conseguiram ingressar na terra da dedicação e estão espontaneamente ocupados lá no serviço amoroso ao Senhor. Entre todos os devotos, entretanto, as *gopis* são as mais elevadas, pois elas deixaram a todos, inclusive suas famílias, e a tudo, inclusive as escrituras dos *Vedas*, e tomaram refúgio completo aos pés de lótus de Krishna, aceitando-O como sua única proteção. Mas, entre todas as *gopis*, Srimati Radharani reina suprema. Pois Krishna deixou a companhia de milhões de *gopis* durante a dança da *rasa* para procurar somente por Ela. Ela é tão querida por

Sri Krishna que a lagoa na qual Ela Se banha é o local favorito dEle. Quem, além de um louco, não aspiraria a prestar serviço, sob o refúgio de devotos superiores, no mais exaltado de todos os locais sagrados?"

APROFUNDE-SE, ELEVE-SE

Em Suas conversas com Ramananda Raya, Sri Chaitanya Mahaprabhu disse repetidamente: *eho bahya, age kaha ara*: "Aprofunde-se, eleve-se!" Existem tantos que consideram sua posição como sendo a mais elevada, e que ao atingir um certo estágio, param por ali. Mas descobrimos no *Brhad-Bhagavatamrtam* de Sanatana Goswami, que Gopa-kumara, começando desde o mais baixo estágio de devoção, progrediu gradualmente através dos diferentes níveis, e chegou afinal à concepção Krishna na doçura da amizade – *sakhya rasa*. Ali se descreve como ele gradualmente elimina um estágio e continua a progredir até os estágios mais elevados de devoção.

Conforme progride de um nível ao seguinte, todos parecem ajudá-lo muito, porém gradualmente, a companhia dessas pessoas parece-lhe ficar sem graça, ultrapassada. Nessa hora, ele obtém uma chance mais elevada através de um agente da divindade e, deixando aquele plano para trás, segue para um plano novo e mais elevado. É dessa maneira que o *Brhad-Bhagavatamritam* mostra o progresso da dedicação.

LUZ SUPERIOR

Assim como no mundo tangível existe o sol, a lua, e tantos outros planetas, no mundo da fe existe uma graduação de sistemas planetários. Precisamos perscrutar as escrituras, aproveitar a orientação dada pelos santos e entender como pela eliminação dos planos inferiores se consegue o progresso da fé ate o plano mais elevado. E sempre que houver alguma dúvida, devemos consultar algum agente mais elevado a fim de progredirmos

A realidade espiritual é existência eterna, completa consciência e êxtase. A mera existência não consegue nos realizar. Mesmo nosso sentimento e anseio interiores, nossa consciência, não são o suficiente. Precisamos de *rasa* e *ananda*, de êxtase, para obtermos satisfação.

A realização espiritual também e de tipos diferentes. Temos que distinguir entre diferentes concepções espirituais, e nossas escolhas melhoram conforme mergulhamos mais e mais fundo na realidade. Devemos morrer para viver E a consideração de morte também é profunda, mais profunda e ainda mais profunda. A graduação do mais elevado ao inferior sempre se encontra presente. Se for para progredirmos, deverá haver eliminação e uma nova aceitação. Poderá acontecer de termos de deixar os deveres que estamos executando para aceitarmos outros mais elevados.

Devemos progredir dessa maneira, ao mesmo tempo sempre consultando os santos e as escrituras. Ambos nos guiarão no oceano da fé. Senão, o mundo espiritual ficará desconhecido e incognoscível. A Verdade Absoluta é conhecida e cognoscível a determinado grupo, e eles nos deram orientação. Se aproveitarmos isso, então, pela orientação dos santos e das escrituras, gradualmente eliminaremos nossas falhas.

Primeiro, devemos eliminar esta existência mortal. Depois, devemos satisfazer nossa razão, nossa consciência. E, finalmente, devemos satisfazer nosso coração. Sri Chaitanya Mahaprabhu diz que o coração é o que temos de mais importante. Devemos seguir a orientação do coração. A realização mais elevada é realizar o coração, e não realizar a consciência, ou obter existência eterna. A existência eterna não tem sentido se não for consciente, e consciência não tem sentido se não produzir alguma satisfação. Portanto, *sat*, existência eterna, *cit*, consciência, e *ananda*, satisfação, êxtase, são os três princípios de nosso destino final. E considerando-os como nossa meta, progrediremos cada vez mais em nossa vida espiritual.

O *Manu-samhita* afirma que:

*vidvadbhiḥ sevitah sadbhīr, nityam advesa-ragibhiḥ
hrdayenabhyanujñāto, yo dharmas tam nibhodhata*

Podemos sentir em nosso coração se somos vencedores ou perdedores. Este aparelho identificador encontra-se em nos. Conforme progredimos na consciência de Krishna, nosso *karma*, nossa conexão com este mundo material, se evaporará num átimo, e um conhecimento abrangente virá nos satisfazer. Nessa hora, sentiremos o objeto de nossa vida por toda parte (*mayi drste 'khilatmanī*) Quando pudermos

perceber a realização da vida, veremos que tudo no meio ambiente nos está auxiliando, tudo nos é simpático por todos os lados Nesse domínio espiritual, todos se interessarão em nos amar. Poderemos negligenciar nosso próprio interesse, porém o meio ambiente de lá é mais favorável e afetuoso para conosco do que possamos avaliar; é como uma criança que não consegue avaliar a extensão da afeição de sua mãe. Dessa maneira, seremos cercados por amigos e confortos do lar, e com esta vivência voltaremos para Deus, retornaremos ao lar.

* * *

O MEIO AMBIENTE

Devoção a Krishna significa sacrifício – “morrer para viver”. Pela devoção a Krishna, toda nossa concepção de vida mundana, autocentrada e interessada em nós mesmos, acabará totalmente.

*sarvopadhi-vinirmuktam, tat paratvena nirmalam
hrsikena hrsikesa-sevanam bhaktir ucyate*
- Narada Pancaratra

“Devoção pura é serviço ao Senhor Supremo, livre de todas as concepções relativas de autointeresse.”

Em seu *Bhakti-rasamrta-sindhu*, Srila Rupa Goswami cita este verso dos antigos *Puranas*. *Upadhi* significa “todas as concepções relativas de autointeresse”. Devemos estar livres de todos os *upadhis*.

E Rupa Goswami também nos apresenta um verso paralelo descrevendo *bhakti*:

*anyabhilasita-sunyam, jñana-karmady-anavrttam
anukulyena-krsnanu, silanam bhaktir uttama*

“O serviço devocional puro é o cultivo favorável de consciência de Krishna livre de todos os traços de motivos ulteriores, tais como carma, atividades de autopromoção, *jñana*, ganhos mentais, e assim por diante.” *Bhakti*, a devoção, deve estar livre de quaisquer desejos passageiros (*anyabhilasa*), tais como carma – a tentativa organizada para autoelevação – e *jñana*, a tentativa de depender de nossa própria habilidade, conhecimento e consciência para se alcançar a meta última. *Jñana* é a tentativa de formos nosso próprio eu como o sujeito, de tentarmos nos tornar juizes de nosso próprio destino. Aqui *adi* significa

ioga e tantas outras coisas externas. Tudo isso são coberturas externas (*avrtam*). Contudo, tais elementos inexistem na alma propriamente dita. A alma é uma escrava eterna de Krishna (*krsna-nitya-dasa*).

Mahaprabhu disse: “*Jivera ‘svarupa haya – krsnera ‘nitya dasa’.*” Escravidão a Krishna é a natureza inata da alma *jīva*.”

A fim de realizar o absoluto, devemos chegar ao estado de escravatura; nada menos que isso. Precisamos nos submeter como escravos ao jogo de Sua doce vontade.

Certa vez, o governo britânico precisou receber o Chá da Pérsia. Convidaram-no para a Inglaterra e tentaram agradá-lo de diversas maneiras a fim de ganhar sua simpatia para que não se convertesse ao lado do Czar Russo. Mostraram-lhe muitas coisas, e em dado momento, levaram-no a um local onde homens condenados à pena de morte eram decapitados. Ali, mostraram ao Rei o local de execução. Explicaram-lhe que esse era o lugar onde tantos grandes homens, inclusive até mesmo um Rei, Carlos I, fora decapitado. Quando mostraram esse lugar ao Rei da Pérsia, ele perguntou: “Oh, tragam alguém e decapitem-no! Quero desfrutar de ver como era feito!”

Todos ficaram espantados. “O que ele está dizendo! Para o prazer dele, precisaremos assassinar um homem? Não”, disseram. “Não podemos permitir que um homem seja assim decapitado.” O Chá disse: “Ah, vocês não compreendem a posição de um rei? Sou o Rei da Pérsia, e vocês não sacrificam uma vida humana para minha satisfação? Isso é uma desonra. De qualquer forma, se não lhes é possível fazê-lo, fornecerei um de meus próprios homens. Peguem um de meus atendentes e mostrem-me como se executam pessoas aqui em seu país.”

Com humildade, submeteram-se a ele. “Sua Alteza, as leis de nosso país não podem permitir isso. Isso pode ser feito em seu país, mas aqui, seus homens também não podem ser assassinados simplesmente para o prazer de um homem.” O Rei respondeu: “Então vocês não sabem o que é um rei!”

Este é o significado da escravatura: um escravo não tem posição alguma; pela doce vontade de seu dono poderá ser sacrificado. É claro, no plano material inferior tais coisas podem ser bastante abomináveis e impensáveis, mas temos de compreender que no reino superior da divindade, em princípio, tal grau de sacrifício é demonstrado pelos servos do Senhor. A profundidade do amor deles

é tal que, ao menor capricho de Krishna e para Sua satisfação, estão preparados para se sacrificar integralmente, para morrer para viver. Mas devemos lembrar que seja qual for o prazer dEle, Ele é o bem absoluto. Portanto, através de um tal sacrifício não morremos de fato, mas vivemos por obter ingresso num plano superior de dedicação.

No *Srimad-Bhagavatam*, 7.5.23-24, está escrito:

*sravanam kirtanam visnoh, smaranam pada-sevanam
arcanaam vandanam dasyam, sakhyam atma-nivedanam*

*ti pumsarpita visnau, bhaktis cen nava-laksana
kriyeta bhagavaty addha, tan manye 'dhitam uttamam*

«Os nove processos de devoção são: ouvir sobre Krishna, falar sobre Ele, e lembrar dEle, servir Seus pés de lótus, adorar Sua forma da Deidade, orar, tornar-se Seu servo, cultivar Sua amizade e render-se a Ele totalmente. Quem cultiva esses nove processos de devoção, oferecendo-se totalmente a Krishna, pode facilmente alcançar a meta última da vida.» Quais são as formas de *sadhana*? Quais são os meios de se obter *krsna-bhakti*? Como poderemos reavivar nosso amor inato por Krishna? Somos orientados a ouvir sobre Ele, falar sobre Ele, meditar nEle, louvá-LO e assim por diante.

Porém, em seu comentário sobre este verso, Sridhar Swami explicou que não devemos ansiar pelo benefício que advirá de *sravanam-kirtanam*, ouvir ou falar ou ainda pensar sobre Krishna. Em vez disso, devemos orar: “Que qualquer serviço que eu faça possa chegar a meu Senhor. Não sou a parte desfrutadora – Ele é o único proprietário”. Todas essas funções (*sravanam*, *kirtanam*, etc.) serão consideradas como sendo devoção apenas sob uma condição; caso contrário poderão vir a ser carma, *jñana*, ioga ou qualquer outra coisa. Poderão até ser *vikarma*, ações equivocadas e poluídas. Tem de haver uma condição para assegurar que todas essas várias formas de atividades devocionais sejam de fato *bhakti*: somos propriedade dEle e não somos os proprietários de qualquer bem ou propriedade. Devemos pensar que: “Meu Senhor é o possuidor e eu sou Sua posse. Tudo é propriedade dEle”.

Krishna diz: *aham hi sarva-yajñanam*: “Sou o único desfrutador de toda ação”. A dura realidade é que devoção não é algo barato. O serviço devocional puro, *suddha-bhakti*, está acima de *mukti*, a

liberação. Acima do plano negativo da liberação, do lado positivo, Ele é o único Senhor. Ele é o Senhor de tudo.

Ele é o Senhor da terra da dedicação. Devemos tentar obter um visto de entrada para lá. Lá, a doce vontade dEle é a única lei. É muito fácil pronunciar a palavra “absoluto”. Mas se for para penetrarmos o significado da palavra, então deverá ser reconhecido que a doce vontade dEle é o todo de tudo. Para conseguir um visto para o mundo da realidade devemos reconhecer isso.

E isto é especialmente verdade em Goloka, onde se exige rendição completa. Em Vaikuntha há alguma consideração quanto à justiça; para aqueles que estão ingressando lá, é permitido algum tipo de clemência. Porém, Goloka é muito rígida. Naquela região exige-se rendição completa. Caso contrário, a atmosfera lá é muito livre. Depois que a pessoa foi testada e os superiores ficaram satisfeitos de ver que a almasque ali chegou está totalmente sacrificada, então ganha-se a confiança deles. E quando é visto que estamos plenamente rendidos, há total liberdade; pode-se fazer qualquer coisa.

BATENDO EM KRISHNA

E a liberdade lá é tão grande que a mãe de Krishna, Yasoda, está batendo nEle! Se indagarmos profundamente aonde Yasoda está se apoiando, chegaremos ao plano do “morrer para viver”. Yasoda pode abraçar a morte milhares de vezes para remover uma gota de suor da testa de seu filho; ela tem tanta afeição por Krishna que está pronta a morrer um milhão de vezes em vez de encontrar suor do trabalho na testa dEle. E essa consciência se encontra por trás de tudo que ela faz. É por isso que ela tem tanta independência ao ponto de poder bater nEle. É assim a brincadeira do absoluto.

Se tivermos um vislumbre da infinita amplitude e profundidade do absoluto, como poderemos valorizar qualquer coisa por aqui? Os Himalaias podem ser muito grandes para nosso padrão, porém para o padrão do infinito, os Himalaias são tão pequenos que sequer podem ser vistos. Este mundo é completamente relativo. Não devemos permitir que qualquer evento daqui nos intimide. Devemos seguir adiante em nossa marcha rumo à verdade. Poderemos falhar a qualquer momento, em qualquer lugar; não importa. Essa poderá ser a vontade de nosso mestre. Ainda assim, não temos outra alternativa senão esforçamo-

nos para obter a misericórdia dEle, a Sua graça.

Esta é nossa posição natural. Até constitucionalmente, não há possibilidade de se viver separado dEle. Se, em ignorância, às vezes pensamos ser possível viver separados dEle, isso é apenas insanidade temporária. Tentar fazer isto é apenas criar mais perturbação, encobrir-se de ignorância.

Enquanto permanecermos ignorantes, poderemos nos interessar por muitas coisas que não têm valor. Mas, na verdade, é como num jogo: tantos participantes estão jogando – um tem de ganhar e o outro ser derrotado – mas somos informados de que devemos aceitar a vitória ou a derrota no humor de um jogador. E tudo é uma brincadeira de Krishna. Ele está brincando com Seu *lila*. Quando pensamos que algo se constitui numa grande perda ou ganho, não estamos vendo o *lila* do Senhor. Então, estamos fora do fluxo divino, não estamos em harmonia com o fluir do *lila*. Nisso, nos parece que a realidade não é o *lila* dEle, e achamos alguma outra razão de ser, vemos alguns outros objetos, concebemos interesses relativos e nos encontramos com perdas e ganhos, vitória e derrota e tantos outros conceitos equivocados. Mas tudo é Seu *lila*, e isso é *nirguna*, sem erro. Naquele plano, tudo está correto. Tudo é perfeito. Cada polegada de movimento lá é totalmente perfeita.

“AMALDIÇOO VOCÊ!”

Certa vez, após a batalha de Kuruksetra, o brâmane Utanka veio até Krishna e disse: “Krishna, eu amaldiçoo Você!” Krishna disse: “Por que, Meu querido brâmane, você deseja amaldiçoar-Me?” Utanka respondeu: “Porque Você é a causa de todos os desastres de Kuruksetra. Por Sua causa, tantas viúvas e órfãos estão chorando em sofrimento. A dor deles não tem limite, e Você é a causa”.

Krishna respondeu: “Pode até ser que você tenha acumulado algum poder através de suas penitências em *sattva-guna*, mas tudo isso acabará quando Me amaldiçoar. Isso não produzirá qualquer efeito sobre Mim pois estou situado no plano *nirguna*”. Esta é a natureza do plano *nirguna*. É *ahaituky apratihata*: é sem causa e não pode ser impedido – é irresistível. A onda do plano mais fundamental é *bhakti*, devoção, onde tudo segue a doce vontade do centro – *nirguna*. Esse fluxo divino não tem causa e nunca conseguiremos nos opor a ele.

Devemos tentar nos apoiar naquele plano. *Bhakti* é *nirguna*, situa-se além da influência da natureza material, e é *ahaituki*, sem causa – esse fluxo divino continua eternamente. E é *apratihata*: *bhakti* nunca poderá ser impedida por ninguém. É irresistível.

Essa é a natureza do fluxo da devoção. Qualquer pessoa que se situar em consonância e harmonia com esse fluxo descobrirá a mesma coisa: esse fluxo nunca pode ser impedido e nem teremos êxito em nos opor a ele. Essa é a natureza de *bhakti*, segundo o *Srimad-Bhagavatam* 1.2.6:

*sa vai pumsam paro dharmo, yato bhaktir adhoksaje
ahaituky apratihata, yayatma suprasidati*

Bhakti é a função mais elevada da alma (*paro dharmo*). Nosso dever aqui tem de ter sua origem no plano de *bhakti*; temos de ser capazes de perceber, capturar e utilizar esse fluxo. Devemos dançar nas ondas desse fluxo. O dever mais elevado será a submissão ao poder invisível, indetectável, causal, sem causa, ordem ou motivo. É automático, eterno, e nenhuma força se lhe pode opor.

E só então encontraremos a maior satisfação de nossa alma. Sentiremos verdadeira satisfação apenas ao entrarmos em contato com aquela onda harmoniosa mais fundamental. Nisso, poderemos sentir o mais alto êxtase. Isso é *bhakti*.

Portanto, quaisquer obstáculos que tivermos de transpor para chegarmos a uma ideia de vida tão grandiosa serão apenas pequenas perdas e ganhos, vitórias e derrotas. Não devemos permitir que estes perturbem nossa marcha rumo à verdade

BHAGAVAD-GITA

Krishna diz a Arjuna no *Bhagavad-gita*, 2.47:

*karmany evadhikaras te, ma phalesu kadacana
ma karma-phala-hetur bhur, ma te sango'stv akarmani*

“Concentre-se plenamente no cumprimento de seu dever e não no resultado de seu trabalho. O resultado fica para Mim; toda

responsabilidade é Minha." A avaliação superior é desse modo. Os generais dizem: "Marchem! Adiante; sigam adiante! Vocês são meus soldados; o que eu pedir, vocês têm de fazer. Vocês poderão morrer e a vitória poderá vir depois disso; isso não lhes diz respeito. Vocês são soldados; muitos de vocês poderão morrer, porém o país como um todo lucrará com isso". Assim, poderão ser sacrificadas tantas vidas importantes.

E, como soldados, não temos direito de avaliar se ganharemos ou perderemos a longo prazo Existem duas coisas com as quais devemos ter cuidado. Não devemos pensar que se não pudermos desfrutar dos frutos de nosso trabalho, então não haverá razão para trabalhar. Ao mesmo tempo, não devemos pensar que temos de receber alguma parte dos frutos Lembrando disso, devemos seguir com nosso dever para com Krishna. Isso é devoção, e esse é o significado do *Bhagavad-gita*

O *Bhagavad-gita* diz: "Não se pode modificar o meio ambiente. Se você deseja paz, precisa se regular conforme o meio ambiente". Encontramos aqui a essência do conselho do *Bhagavad-gita* tente ajustar-se ao meio ambiente porque você não é senhor do meio ambiente. Toda sua energia deve ser devotada a regular a si mesmo e não ao mundo exterior. Esta é a chave para o sucesso na vida espiritual

Bhakti não depende do meio ambiente ou dos procedimentos dos outros É *ahaituky apratihata*. Nada pode obscurecer esse fluxo exceto nosso ego. Eu sou meu próprio maior inimigo.

*uddhared atmanatmanam, natmanam avasadayet
atmaiva hy atmano bandhur, atmaiva ripur atmanah*

"Podemos nos elevar ou degradar. Somos nosso próprio melhor amigo ou pior inimigo." Se formos sinceros, nenhuma força externa poderá nos deter. É claro que para os principiantes existe algum interesse num meio ambiente apropriado ao cultivo espiritual, mas até isso também depende da natureza de sua sinceridade, ou do *sukrti*: *na hi kalyana-krt kascid durgatim tata gacchat*. A garantia é dada aqui por Krishna. Ele diz: "Estarei lá para cuidar de você em qualquer circunstância desfavorável Sou onisciente E também sou onipotente. Portanto, cuidarei da pessoa que se voltar para Mím." E isso também

tem sido verificado na história, nos casos de Dhruva, Prahlada e tantos outros. A sinceridade é invencível. Até mesmo obstáculos melhoram nossa posição, se os pudermos aceitar da forma correta. De um ângulo de visão superior pode-se ver que tudo vem para nos ajudar.

SRIMAD-BHAGAVATAM

*tat te'nukampam susamiksamano
bhunjana evatma-krtam vipakam
hrd-vag-vapur bhir vidhadhan namas te
jiveta yo mukti-pade sa daya bhak*

O *Srimad-Bhagavatam*, 10.14.8, nos dá uma sugestão muito esperançosa para todos os estágios de vida: culpe a si mesmo e a mais ninguém. Mantenha seu apreço pelo Senhor, vendo tudo como graça dEle. No momento presente, achamos nossas circunstâncias indesejáveis porque não agradam a nosso gosto atual. Porem, o remedio pode nem sempre se adequar ao gosto do paciente. Ainda assim, conduz a saúde. Este verso é o tipo mais elevado de regulação dada no *sastra*. Se puderem seguir esta lei, então, dentro em breve, terão uma boa posição. Devemos ter muito cuidado de não culpar as circunstâncias, mas de apreciar Krishna por trás de tudo. Krishna é meu melhor amigo, Ele Se encontra por trás de tudo. Tudo está passando pelo olhar atento dEle. Portanto não pode haver defeito ali.

Mesmo Srimati Radharani diz: "Ele não tem culpa. Esta longa separação de Krishna é o resultado de Meu destino. Ele não deve ser culpado por isso". Embora externamente todos admitissem que Ele havia deixado as *gopis* cruelmente, Radharani não está preparada para culpar Krishna. "Não se encontra nenhum mal nEle", pensa Ela. "Deve haver algo de errado em Mim que ocasionou esta situação desafortunada." A competição entre os grupos de *gopis* a serviço de Krishna também é harmonizada deste modo por Radharani.

Krsnadasa Kaviraja Goswami explicou esse ponto muito importante. Segundo ele, não é que Radharani não goste que outro grupo sirva a Krishna em competição com Ela, mas Ela sente que eles não conseguem satisfazer Krishna tanto quanto Ela consegue. E isso deve ser visto cuidadosamente. Ela sabe que as outras não conseguem

proporcionar a devida satisfação a Krishna, portanto, Ela não pode apreciar que tentem tomar o lugar dEla. É essa Sua contenda. Ela pensa: “Se pudessem servir bem a Krishna e satisfazê-LO plenamente, Eu não reclamaria. Mas não o conseguem. E ainda assim, de modo agressivo chegam para servir? Não posso tolerar isso.”

O BRÂMANE LEPROSO

Kaviraja Goswami citou como exemplo desse tipo de devoção, uma referência histórica dos *Puranas*. Havia uma vez uma esposa casta cujo marido brâmane era leproso. Ela sempre se esforçava o melhor que podia para satisfazê-lo. Certo dia, enquanto banhava seu marido num rio sagrado, ele se apaixonou pela beleza extraordinária de uma prostituta chamada Laksahira. Seu nome indicava que possuía o brilho e a beleza de cem mil diamantes. O brâmane leproso ficou irresistivelmente encantado por ela.

Ao retornar à casa, sua casta esposa detectou alguma insatisfação em seu marido, e indagou dele: “Por que você está tão infeliz?” Seu marido replicou: “Senti atração pela beleza daquela prostituta. E não consigo tirá-la da minha mente”.

“Oh, você a deseja?”

“Sim, desejo.”

“Então tentarei fazer um arranjo.”

Assim, por ser pobre, a casta senhora, embora sendo uma brâmane qualificada, começou a ir à casa da prostituta todo dia para trabalhar como serva. Embora fosse de nascimento aristocrático, aceitou trabalho de serva sem remuneração. E cumpria seus deveres com tal diligência que atraiu a atenção da prostituta, a dona da casa, quem começou a indagar “Quem limpa tudo tão direitinho e lindamente?” E acabou sabendo que uma senhora brâmane vinha todas as manhãs e realizava tarefas domésticas. As outras servas disseram “Tentamos pará-la, mas ela nem queria saber. Ela deseja se encontrar com a senhora.”

A patroa retrucou: “Tudo bem. Amanhã, podem trazê-la a mim”. Então, na manhã seguinte, quando foi levada diante da prostituta, a senhora brâmane expressou seu motivo íntimo “Meu marido está tão atraído por você que desejo que possa satisfazê-lo. É meu interesse como sua esposa devotada, que ele fique satisfeito, e esse é o desejo

dele. Portanto, quero vê-lo feliz." Então, a prostituta entendeu tudo e disse "Sim, traga-o amanhã Convido ambos para jantarem em minha casa"

Isso foi comunicado ao brâmane e no dia seguinte ambos vieram Foram preparados muitos pratos próprios para a ocasião Foram servidas duas entradas. Uma era *prasadam* em folha de bananeira acompanhada de agua do Ganges num pote de barro – alimento vegetariano puro. Lado a lado, haviam potes de ouro e prata com carnes e ricas preparações. Foram servidos com um lindo arranjo de mesa e assentos Dos dois tipos de alimentos, um era *sattvik*, puro, e o outro era *rajasik*, cheio de paixão Então, de mãos postas, a prostituta convidou o brâmane e a esposa e indicou "Esta é *bhagavata-prasadam*, e aqueles são pratos ricos preparados com carne. Pode escolher o que sua doce vontade preferir."

Imediatamente o brâmane leproso escolheu a *prasadam*, e começou a tomar sua refeição Depois que ele terminou de tomar *prasadam*, a prostituta disse: "Sua esposa é como essa *prasadam* – *sattvik* – e eu sou como todas estas coisas *rajasik* – carne, pratos ricos, ouro, prata. Sou tão decaída e sua esposa é a mais pura dentre as mulheres puras Seu gosto real é por esta *prasadam sattvika* Externamente, a carne é muito deslumbrante, porém internamente é muito impura, é imunda E portanto, você sentiu repulsa por ela. Então, por que você veio a mim aqui?"

Nesse momento, o brâmane recobrou os sentidos. "Sim, estou equivocado. Deus enviou-me uma mensagem através de você. Meu desejo passageiro acabou e agora estou satisfeito Você é meu guru!"

Kaviraja Goswami citou isso no *Chaitanya-charitamrita*. A casta senhora foi servir a prostituta. Por quê? Para a satisfação de seu marido. Portanto, Radharani diz: "Estou pronta a servir àquelas que fazem parte do campo oposto, se elas conseguirem realmente satisfazer a Meu Senhor. Estou completamente pronta a servi-las, se realmente conseguirem satisfazer a Krishna. Mas não o conseguem. Contudo, mesmo assim, fazem exigências. Mas nesse ponto Eu divirjo. Não é que Me preocupo que Minha parte será diminuída. Não é essa Minha atitude. Sempre que ocorrem situações desfavoráveis, fico achando que estão sempre vindo de dentro de Mim (*dardaiva vilasa*); não acho que nada corrupto advenha de fora."

Essa deve ser a atitude de um verdadeiro devoto de Krishna. Com essa atitude, conseguiremos ver dentro de nós que tudo afinal é parte

do bem absoluto. Embora não seja muito fácil, ainda assim, nossa energia deve ser devotada somente para coletar boa vontade de todas as circunstâncias externas. Dessa maneira, devemos cuidar para ver as coisas de uma tal maneira que purifique nossa própria posição.

A VISÃO PROFUNDA DA REALIDADE

E assim, somos encorajados pelo *Srimad-Bhagavatam* a buscar mais profundamente. Precisamos procurar enxergar mais profundamente e, então, encontraremos nosso amigo; se formos liberais em nossa atitude para com o meio ambiente, não poderemos deixar de entrar em conexão com o plano que é realmente liberal. Isto é consciência de Krishna no seu âmbito máximo. Se olharmos profundamente para a realidade com este tipo de visão, encontraremos nosso verdadeiro lar. Prahlada encarou corajosamente todas as circunstâncias e afinal foi vitorioso. O cálculo do pai demoníaco de Prahlada quanto ao ambiente era falso, mas a visão mais profunda de Prahlada viu a realidade corretamente.

Ele viu que Krishna se encontra em todo lugar. E que a consciência de Krishna está comandando o todo. Portanto, não devemos nos sentir desencorajados em circunstância alguma, por mais grave que possa nos parecer. Krishna está lá. Por mais que as circunstâncias pareçam se opor a nós, na realidade não é assim. Basta conseguirmos desenvolver a visão correta, e o rosto sorridente do Senhor surgirá por detrás da tela. Isso é consciência de Krishna. Krishna é lindo, e Ele está esperando ansiosamente para aceitar nossos serviços.

DEUS E SEUS HOMENS

Nossa riqueza interna só pode ser descoberta com a ajuda de *sadhu*, guru, e das escrituras. Nossa visão deveria ser de que tudo é néctar, mas que pusemos uma tela entre o néctar e nós mesmos e estamos provando veneno, pensando que é algo muito útil. No geral, devemos pensar que nenhuma culpa cabe aos outros, o que atualmente é a pura verdade. Somos responsáveis por nossa desgraça, por nossa condição caída. E a senda do autoaprimoramento também é similar: devemos aprender a criticar a nós próprios e apreciar o meio ambiente. Devemos ter uma apreciação especial por

Krishna e Seus devotos, e depois gradualmente incluir todos os demais. Ele não autorizou alguém a nos prejudicar. Se nos parece ser assim, isso é apenas superficial e um equívoco. Que alguém possa lesar outro alguém é ilusório. Só é verdade no plano superficial. É claro que isso não autoriza prejudicar os outros ou ignorar a opressão, mas desde o ponto de vista absoluto, não existe prejuízo. Quando chegarmos ao estágio mais elevado de devoção, veremos que tudo é amigável, e que estávamos errados em nossa apreensão. Era um equívoco.

Equívoco: *maya* significa: "aquilo que não é" (*mriyate anaya*). Todos nossos problemas surgem quando avaliamos tudo a partir de um ponto de vista egoísta e não do interesse universal. Devemos gradualmente perceber que: "Meu ângulo de visão era guiado por considerações egoísticas, não absolutas. Por isso estou sofrendo. Mas agora acabei por compreender que meu interesse está incluído no interesse absoluto".

Parodiando um velho ditado: "Um mau trabalhador briga com seu excremento." Nosso meio ambiente é produzido conforme nosso carma. Aquilo a que estou culpando foi produzido pelo meu próprio carma. Quando me alimento, o excremento vem como reação natural. Seria tolo culpar o excremento por aparecer. Trata-se do efeito de ter comido. Do mesmo modo, agi de diferentes maneiras, e meu ambiente atual resulta de meu carma. Portanto, brigar com a reação a nossos próprios atos equivocados é um desperdício inútil de energia.

Em todas as circunstâncias, o conselho do *Srimad-Bhagavatam* deve ser nosso princípio norteador. Tudo que vivenciamos encontrase sob a sanção dEle, sob o olhar dEle, portanto, só pode ser bom. Tudo é perfeito. A única imperfeição encontra-se em nós, e, portanto, devemos procurar realizar nosso dever com toda nossa energia. Em breve, nos veremos libertos de todos os problemas. Esse é o conselho chave do *Srimad-Bhagavatam*.

O OLHAR DE NOSSO GUARDIÃO

O meio ambiente não está morto – nele existe um supervisor. Assim como o sol está acima de nossas cabeças, toda ação está sob o olhar de nosso guardião. Esta comparação é dada no *Rig Veda*: *Om tad*

visno paramam padam sada pasyanti suraya diviya caksur atatam.
Devemos abordar qualquer dever pensando que: “O olhar de meu
guardião está sempre vigilantemente velando por mim, vendo tudo
que estou fazendo e tudo que me acontece. Não preciso me preocupar
quanto a este ambiente ou circunstância.”

Portanto, o *Bhagavatam* diz: “Não se preocupe com o meio ambiente.
Faça seu dever. Concentre-se plenamente no que estiver fazendo, e
em breve, você será aliviado da caixa preta do ego e unir-se-á ao
fluxo universal de dançar e cantar, do cântico e do júbilo. Conseguirá
ingressar no *lila* ou nos passatempos do Senhor”.

Todos sofremos de um interesse separado, de conflito e reação,
bem e mal, prazer e dor, felicidade e sofrimento. Mas lá no domínio
espiritual, tudo é consciente e repleto de felicidade. Portanto, o
requisito não é apenas o total autoesquecimento, mas devemos
convidar a plena boa vontade do Senhor. Nos fundiremos no fluxo da
boa vontade do Senhor. Isso é Vrindavana.

Nossos guardiões dizem: “Façam isso”, e conforme nossa
capacidade tentaremos executar sua ordem. E ao aceitarmos que o
que eles dizem está realmente provindo de Krishna, quanto mais nos
tornarmos capazes de seguir as suas instruções, maior benefício
acumularemos. O *Srimad-Bhagavatam*, o *Bhagavad-gita*, os *Vedas* e
os *Upanisad*, e tantos outros agentes que representam a divindade
estão nos ajudando a retornarmos a nosso verdadeiro lar. Atualmente,
nos encontramos vivendo em diferentes estágios da consciência de
interesses separados, porém, todos os nossos guardiões estão
tentando levar-nos para aquele plano superior de movimento dinâmico,
lila, para ingressarmos nos passatempos de Krishna.

EGO INIMIGO / EGO REAL

Aqui, tudo não passa de um reflexo do mundo perfeito.
Originalmente, tudo se encontra lá, inclusive todos os tipos de serviço;
mas aqui só encontramos um reflexo pervertido. Deixando para trás
este mundo de variedades, não devemos tentar nos fundir numa
inconsciência de modo a não sentirmos prazer ou dor. Atualmente,
nos encontramos sob a influência de nosso ego inimigo. O ego real
existe no mundo espiritual. Toda experiência encontra-se lá, porém é
cheia de beleza e encanto.

Consciência de Krishna significa teísmo plenamente desenvolvido. Isso significa que podemos ter um relacionamento com o infinito até à posição de amante. Tudo o que precisamos para nos ajudar e nos guiar no rumo certo na verdade pode ser visto no mundo espiritual em sua posição mais pura e mais desejável. O que encontramos por aqui é apenas uma sombra, uma imitação escura. Mas realidade significa teísmo plenamente desenvolvido – consciência de Krishna – onde o infinito abraça todo o finito. O infinito descende para dar as boas-vindas, para abraçar plenamente o finito – isto é Vrindavana. E isto é teísmo plenamente desenvolvido: através da consciência de Krishna, uma parte negligente do finito poderá experimentar o abraço bem-aventurado de todo o infinito. E em Vrindavana, nenhum canto se encontra negligenciado. Cada grão de areia e cada folha de grama são bem representados lá com personalidade. Aqui, sem falarmos numa partícula de areia, tantas coisas são insignificantes. Porém, em Vrindavana, tudo é cuidado. Nada é ignorado. Isso é teísmo plenamente desenvolvido. O que é explicado no *Srimad-Bhagavatam*, 10.21.5:

*varhapidam nata-barā-vapuh karnayoh karnikaram
bibrad vasah kanaka-kapisam vaijayantin ca malam
randhran venoradhara-sudhaya purayan gopavrndair
vrndaranyam sva-pada-ramanam pravisad gita-kirtih*

Sukadeva Goswami revela algo espantoso a Pariksit Maharaja. Quando Krishna entra na floresta de Vrindavana, pelo toque das solas de Seus pés de lótus, a terra sente o prazer de Seu abraço – do abraço pessoal do Doce Absoluto (*vrndaranyam sva-pada-ramanam*). Isso é inconcebível! Pelo toque dos sagrados pés de Krishna, a areia e a terra sentem o prazer da posição de consorte! Glorificado por Seus amigos vaqueiros, Ele entra na floresta de Vrindavana, e a terra, a floresta, e tudo que entra em contato com Ele sente uma experiência sensorial mais elevada, mais íntima de prazer no grau máximo de felicidade.

A POSIÇÃO DE CONSORTE

Em Vrindavana, a terra obtém o sentimento de consorte. Assim, o

vrndavana-lila de Krishna é tão maravilhoso que até mesmo Brahma, o criador do universo, disse: “Como podemos compreendê-LO, meu Senhor? Sei algo sobre meu Senhor Narayana, que me é próximo. Ele e eu temos alguma conexão direta para que eu possa cumprir meus deveres oficiais. Mas O Senhor entrou em meu círculo e não consigo entendê-LO. Que é isso?” Ele se esforçou o melhor que pôde para testar Krishna sequestrando Seus amigos vaqueirinhos e bezerros, porém ficou espantado ao descobrir que, “Embora os tenha removido, tudo continua como antes; Krishna ainda tem à volta Seus amigos e bezerros, todos ocupados em seus passatempos prazerosos. Portanto, Ele é infinito. Mesmo eu sendo o senhor do universo, a minha interferência não foi capaz de perturbar qualquer coisa sob o controle dEle. Por Sua própria doce vontade Ele conduz Sua encenação. Tentei testá-LO, porém agora fiquei confuso por Sua potência inconcebível. Não consegui compreender que embora seja um menino vaqueiro aparentemente humano, Ele é o que há de mais supremo, é mais elevado até que o Senhor Narayana.” Ele suplicou a Krishna: “Agora que recuperei os sentidos, por favor perdoe-me, meu Senhor.”

Qual é a capacidade contida numa partícula de nossa inteligência? O quanto ela consegue medir do infinito? Sri Chaitanya Mahaprabhu disse: “Não tente aplicar o cérebro ao infinito. O cérebro não é uma unidade de avaliação naquele plano. Seu intelecto é cancelado pelo infinito. Tente medi-lo somente através do sentimento, do paladar, do coração – o cérebro será seu inimigo. Sempre irá enganá-lo em suas avaliações, e isso o perturbará e limitará seu progresso.”

Somente a fé pode nos ajudar. Por outro lado, nada mais consegue alcançar aquele plano. Podemos chegar ao sol ou à lua apenas com ajuda de uma tecnologia avançada. Não podemos esticar a mão e tocá-los nem mesmo com a ajuda de uma vara comprida. Da mesma maneira, a pessoa só pode conectar a realidade superior auxiliado pela fé. A fé é o meio mais espaçoso. Mas até esta é muito parca quando considerada em vista daquela coisa elevada com a qual você gostaria de se conectar, a causa suprema de todas as causas.

Somos almas ínfimas. Quanto conseguimos acomodar com nossa fé? Quão extensa e ampla é nossa fé? O que conseguimos captar com nossa fé? Estamos buscando por algo que é infinito, e estamos muito temerosos: “Oh, se eu confiar na fé, algo poderá dar errado.

Poderei ser iludido". Mas quanto de fé conseguiremos conter em nossos pequeninos corações? Só ao fazermos uma analogia com o céu ou com o oceano é que poderemos compreender algo do infinito, mas o que são essas coisas em comparação ao infinito? Nada.

E o que é o infinito? Aquilo do qual tudo está provindo, através do que tudo é mantido e no qual tudo entra afinal; o Absoluto é onibrangente, onipenetrante, onicontrolante, oniatraente e onisentiente.

Assim, tudo está correto em relação ao infinito e ao ambiente. Precisamos apenas corrigir e ajustar a nós mesmos. Esta é a conclusão: "Tente ajustar-se; tudo está certo com o meio ambiente. Devemos deixar tudo para o Senhor Supremo e nos comportarmos de acordo". Isso nos trará a paz verdadeira e a realização progressiva na vida espiritual.

* * *

SOB O OLHAR AMOROSO DE DEUS

O mantra do *Rig Veda* diz: *om tad visno paramam padam sada pasyanti suraya diviva caksur atatam* – Os divinos pés de nosso sagrado Senhor são como o sol acima de nossas cabeças. Seus sagrados pés são como o olho vigilante de um grandioso guardião suspenso sobre nossas cabeças igual ao sol, e estamos vivendo sob o olhar desse olho vigilante.

Estamos interessados na realidade subjetiva e não na realidade objetiva. Tentaremos sempre viver não na relatividade objetiva, mas na subjetiva. Nunca devemos pensar que: “Sob meus pés piso num chão firme; sou grande. Vou ficar de pé, ereto.” Em vez disso, devemos pensar que: “Acima da minha consciência encontra-se a Superconsciência; o olho do guardião vigilante está sempre cuidando de mim. Estou vivendo sob o olhar desses olhos.” Nosso apoio não vem de baixo, mas de cima. Ele é nosso refúgio. Estamos dependurados nesse mundo superior substancial em que Ele reside; nosso apoio se encontra lá. Devemos sempre estar conscientes disso.

Este é um dos mantras principais do *Rig Veda*. Antes que qualquer pessoa se aproxime de uma nova tarefa, deve pensar sobre sua própria posição. Através desse verso dos *Vedas* fomos instruídos a pensar desta forma: “Estamos sob o olho vigilante de nosso guardião, e esse grande olho é vivo como o sol; sua mirada é tal como a do sol acima de nossas cabeças. Sua mirada penetrante encontra-se em nós igual a uma luz que pode atravessar para ver qualquer coisa dentro de nós.” Devemos nos aproximar de nosso dever com tal compreensão da identidade. Jamais somos encorajados a pensar que nos encontramos firmemente de pé aqui sobre o chão sólido, e que, com base nessa posição forte, possamos cumprir nosso *dharma* independente de Sua graça.

Na verdade, em nosso relacionamento subjetivo com a divindade, somos exatamente como os raios do sol. Aonde os raios do sol se apoiam? Se apoiam no sol – essa é a sua fonte. Da mesma forma, devemos pensar que nosso apoio encontra-se no reino da divindade; somos tantas partículas de consciência, e nosso apoio, nossa pátria-mãe, é aquela região consciente. Consciência de Deus significa consciência de Krishna. Nós somos consciência e estamos destinados à consciência de Krishna – esse é nosso relacionamento. Devemos estar sempre conscientes desse fato. Estamos conectados com a consciência de Krishna. Somos membros do mundo consciente de Krishna. E viemos para vagar na terra estrangeira da consciência material, no equívoco de *maya*, pensando-nos como sendo unidades deste mundo material. Mas isso não é verdade.

Somos unidades do mundo consciente – o mundo consciente de Krishna – e de alguma maneira adentramos nesta concepção material da existência, no mundo da matéria. Matéria é o que podemos explorar, é o lado objetivo da realidade. E o lado subjetivo é o elemento que deveríamos reverenciar. Nosso relacionamento com o subjetivo é de reverência e devoção pela entidade superior, e não de exploração ou desfrute. O prazer verdadeiro, o prazer divino, provem do serviço – e não da exploração.

Devemos entender todos esses princípios básicos. Bhaktivedanta Swami Maharaja comentou certa vez comigo que embora os engenheiros em Nova York construíram tantos arranha-céus para durarem por muito tempo, eles jamais se lembraram do tempo de duração de seus próprios corpos. Os prédios resistirão por muito, muito tempo. Porém, aqueles que viverão nesses prédios esquecem o quanto de tempo seus corpos aguentarão. Dessa forma, as pessoas encontram-se muito ocupadas com o lado objetivo, mas negligenciam os valores subjetivos. A sua preocupação é com objetos e não com quem vai usá-los. Acreditam que o usuário do mundo objetivo não precisa de qualquer cultivo subjetivo. Dessa maneira, dão toda importância ao lado objetivo, negligenciando totalmente o lado subjetivo.

RAIOS DE CONSCIÊNCIA

Nossa verdadeira posição é como a dos raios do sol. Um raio de

sol toca a terra. Mas onde fica seu lar? Um raio de sol chega até nosso plano e toca as colinas e a água, porém qual devemos considerar como sendo seu lar? Terá de ser necessariamente o sol e não a terra que ele toca. Nossa posição é similar: como raios de consciência, não pertencemos ao mundo material mas ao mundo da consciência. Nossa conexão com o lar encontra-se lá: no sol – no sol espiritual.

Os *Vedas* nos aconselham a considerar assim: “Embora você foi lançado num buraco desta terra, ainda assim sua terra natal é o sol consciente. Você emanou de lá, é sustentado de lá, e sua perspectiva futura encontra-se lá. Você deve conceber a realidade dessa maneira. Porque você é consciente, seu lar é a fonte da consciência. Seja você ave ou bicho, esteja nas montanhas, na terra, ou na água – onde estiver, na posição em que estiver, sua origem encontra-se na consciência, na existência. Você se origina da consciência assim como os raios da luz se originam no sol.”

Os *Vedas* nos dizem: “Você não é filho deste solo. Você pode ser um prisioneiro daqui, mas este não é seu lar; esta é uma terra estrangeira. Todas suas esperanças e perspectivas podem ser supridas por aquele solo superior, porque sua natureza é daquela mesma ordem. Seu alimento, seu sustento, tudo seu deve se compor daquela substância superior. Porém, o que se encontra neste mundo material é tudo veneno para você.”

Novamente, embora o que diz respeito à consciência é a realização mais íntima e próxima de nossa natureza, se nos aprofundarmos mais no mundo consciente, encontraremos algo mais substancial. Se atravessarmos além da visão de consciência-luz, encontraremos a verdadeira necessidade de nossa existência: felicidade – êxtase – e amor divino.

Após nos estabelecermos no reino da consciência, devemos nos estabelecer no reino do amor divino, do êxtase e da beleza. Devemos procurar nossa fortuna por lá, e jamais neste mundo material. O êxtase encontra-se acima da luz; a doçura transcendental encontra-se acima da consciência. Beleza e encanto encontram-se acima da mera consciência e do entendimento. O sentimento não é completo em si mesmo. O sentimento tem de existir em relação a algo. Portanto, o conceito mais pleno de algo perfeito é algo que seja pleno de beleza ou êxtase. A mera existência ou a consciência sozinhas não podem ser a mais alta perfeição. O êxtase é o que há de mais perfeito. Êxtase,

amor divino e beleza pressupõem consciência e existência.

A realidade espiritual se compõe de três substâncias: *sat*, existência, *cit*, consciência e *ananda*, êxtase. E dos três, *ananda* ou êxtase é o conceito final da substância espiritual. O êxtase pode existir por si só. Nem a existência, nem a consciência são completas por si mesmas. A consciência sozinha anseia pelo êxtase. E a existência sem consciência é existir sem propósito. Mas quando a existência é dotada de consciência, pode procurar por seu próprio bem: o êxtase. O êxtase é uma substância independente e concreta. Tanto a existência como a consciência são subservientes ao êxtase.

E a pessoa que realiza o êxtase da consciência de Krishna liberta-se deste mundo material. Quando se realiza isso, não há necessidade de se ter medo. Não é preciso ficar apreensivo por temor algum que possa surgir aqui neste mundo material onde existe a constante ameaça da não-existência. Aqui, no mundo material, não só não há preenchimento, mas nossa própria existência encontra-se em risco. A qualquer momento poderemos ser devorados pela não-existência.

MERGULHE FUNDO NA REALIDADE

Mas para chegarmos ao plano do êxtase, teremos de mergulhar a fundo na realidade. Não podemos ficar satisfeitos com o formal, o superficial. Se concentrarmos nossa atenção na forma externa de algo, negligenciando sua substância interna, então iremos descobrir que estamos olhando na direção errada. Quando Sriman Mahaprabhu olhava para a Deidade de Jagannathadeva, aparentemente parecia que Seu foco estava fixo na mesma coisa que vemos quando olhamos para a Deidade. Para nossa visão, contudo, a Deidade de Jagannatha é somente um boneco feito de madeira. E no entanto, quando Sri Chaitanya Mahaprabhu fixava nEle Seu olhar, Ele derramava lágrimas de júbilo, e Suas lágrimas fluíam numa corrente incessante. Onde se conectava Sua visão da realidade? Aquilo que nós vemos como um boneco da madeira, Ele vê de maneira completamente diferente. E apenas por olhar para Ele, jorra de Seus olhos uma incessante corrente de lágrimas. Onde se situa Sua conexão com a realidade? Ele está vendo as coisas do lado oposto, a partir do mundo subjetivo.

Então, como devemos nos aproximar da Deidade? Qual deve ser nossa atitude quando olharmos a Deidade? A forma da Deidade do

Senhor não é algo mundano. Logo, devemos aprender a maneira correta de enxergar a Deidade. E mais que isso, devemos tentar perceber isso de outro ponto de vista. Na medida em que tentamos ver a Deidade, e a Deidade que nos vê. Ele descendeu para ajudar as almas caídas neste mundo material, e Ele descendeu de forma a nos elevar até Seu domínio.

Ramanuja classificou a expressão da Entidade Suprema em cinco formas: *para*, *vyuha*, *vaibhava*, *antaryami*, e *archana*. *Para*, o conceito central da entidade mais elevada; *vyuha*, a extensão de Seu próprio ser em diferentes funções, em diferentes figuras; *vaibhava*, Seu aparecimento neste plano mundano como *avatars* tais como Matsya, Kurma, e Varaha; *antaryami*, Sua presença em cada coração e cada alma, em cada unidade consciente; e *archana*, Seu aparecimento no plano de nossa percepção física na forma da Deidade. Em sua forma da Deidade, posso tocá-*IO*, posso vê-*IO* e posso serví-*IO*. Ele veio numa forma concreta para auxiliar nossa compreensão.

Sri Chaitanya Mahaprabhu olhava para a Deidade e Seus olhos ficavam marejados de lágrimas. Não é que Seus olhos estivessem fixos nas características superficiais da madeira quando Ele via a forma da Deidade do Senhor Jagannatha, mas Ele estava conectado com a consciência de Krishna num nível vastamente mais elevado. Seus pensamentos se encontravam profundamente cheios de consciência de Krishna. Sri Chaitanya Mahaprabhu pensava: “O Senhor Jagannatha veio aqui e está fazendo arranjos para salvar milhões de almas caídas, especialmente ao estender Sua própria *prasadam* a todo e qualquer um em grande magnitude. Sua presença magnânima manifestou-Se aqui para o alívio deste mundo.”

E a consciência de Krishna é o trabalho de alívio mais elevado. Nosso *Guru Maharaja* costumava dizer que existe fome de *Krishna katha*. Existe uma fome no momento. Mas há falta de alimento no mundo? Não. O mundo está sofrendo da fome de consciência de Krishna, de falar sobre Krishna, de *Krishna kirtan*. Portanto, devemos tentar abrir escritórios de distribuição de comida para podermos distribuir o alimento da consciência de Krishna a todas as almas. Mahaprabhu disse: “Quem quer que você encontre, fale de Krishna (*yare dekha, tare kaha ‘Krishna-upadesa’*)” Dêem a todos o alimento da consciência de Krishna, *Krishna katha*. O mundo está cheio de pessoas famintas. Devemos distribuir alimento, dar a vida e o alento

da consciência de Krishna a quem quer que encontremos, falando sobre Krishna.

Tal era o sentimento de Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati, e Bhaktivedanta Swami Maharaja executou isso no ocidente. Srila Bhaktisiddhanta costumava dizer: “Não admito nenhum outro conceito de fome. A única fome é de *Krishna katha*, *Krishna smṛti*, consciência de Krishna.” Com tamanha seriedade concebia nossa necessidade da consciência de Krishna.

Krishna é de importância vital para nossa existência. Somente Krishna pode nos dar vitalidade. E na forma de Sri Chaitanya Mahaprabhu, o próprio Krishna distribui a consciência de Krishna. Srila Vasudeva Ghosh portanto diz: “Sri Gauranga é minha vida e alma, minha única vitalidade. Se Gauranga não viesse, como poderia eu viver? (*Yadi gaura na ha'ta tabe ki haita kemane dharitam de.*) Por Sua graça provei alimento tão valioso que sem isso, minha vida seria completamente impossível.”

Consciência de Krishna é a vitalidade da vitalidade. Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Prabhupada esforçou-se ao máximo para dar consciência de Krishna ao povo da Índia, e Bhaktivedanta Swami Maharaja distribui essa vitalidade pelo mundo inteiro. É pela graça deles e pela graça do próprio Sri Chaitanya Mahaprabhu que tantos chegaram à consciência de Krishna. Srila Haridasa Thakura certa vez disse a Sri Chaitanya Mahaprabhu: “Através de Seu cantar do santo nome de Krishna, tanto o mundo animado quanto o inanimado foram alimentados com o alimento da consciência de Krishna. Seja qual for a posição que ocupem, a vida deles está realizada. Ouve que quando o Senhor viajava pela selva e cantava e dançava, os elefantes e os tigres também dançavam e cantavam o santo nome de Krishna. Então, não admira se eu disser que as pedras e as árvores também atingiram sua meta mais elevada – a consciência de Krishna – quando o Senhor estava cantando. Um grau de consciência de Krishna tão intenso foi produzido aqui através do Seu cantar!”

Porém, para cantar o santo nome de Krishna também é necessário algo de nossa parte. *Amanina manadena kirtaniyah sada harih.* Devemos sempre recorrer ao *kirtana*, mas nossa atitude deve ser como recomenda Sri Rama Mahaprabhu: “*Trnad api sunicena taror api sahisnuna amanina manadena.*” Nossa atitude deve ser de humildade, e se achamos que estamos sendo lesados, ainda assim devemos ser

pacientes, e sob nenhuma circunstância devemos trabalhar por nossa própria posição e prestígio; essa não deve ser nossa meta.

A ofensa surge quando o inferior se insurge contra o superior. Essa tendência deve ser evitada. A educação primária também é educação, mas não deve competir com a educação superior; devemos tomar cuidado com isso. Ao mesmo tempo, a diferenciação entre uma educação superior e uma inferior deve ser genuína. Ainda assim, não devemos pensar que a educação primária é a educação mais elevada. Isso seria perigoso. Há um ditado em bengali – *alpavidya bhayamkori*: “Um pouco de conhecimento é algo perigoso”. Temos que tomar cuidado com isso, caso contrário nossa atitude será suicida. A questão das ofensas surge sempre que a educação primária se insurge contra a educação superior. Esse tipo de afirmação é ofensivo.

A lentidão e a constância vencem a corrida. Nossa marcha rumo ao infinito é uma longa jornada, e não uma jornada que terminará em poucas horas, poucos dias, ou poucos anos. E temos que nos ajustar de acordo. Não é que vamos correr rapidamente para fazer progresso e depois parar e dormir. O caminho a ser trilhado é longo. Só teremos sucesso se desenvolvermos humildade – *trnad api sunicena*. Não devemos criar circunstância alguma que convide resistência. Ainda assim, se inesperadamente a resistência se aproximar de nós, devemos tentar ao máximo ser tolerantes. E devemos estar sempre conscientes de que o olho de nosso guardião está sempre sobre nós, pronto para nos ajudar em nossa campanha. Não estamos sozinhos. Podemos continuar confiantes: existe uma pessoa acima de nós para reparar o mal que possa se apresentar diante de nós, portanto, não devemos tomar a iniciativa.

Não devemos permitir que qualquer propósito ou tentação ulterior nos induza a abandonar a busca por Sri Krishna. Façamos com que nosso único objetivo seja a satisfação de Guru, Gauranga, Krishna e dos Vaisnavas. Que nenhum outro elemento entre em nosso caminho. A pureza de nosso propósito deve ser mantida sempre escrupulosamente. Devemos pensar que “Seguirei sozinho com meu dever. Não ficarei sempre procurando por alguém que venha e me ajude. Deixe que os demais façam seu próprio dever. Este é o meu dever.”

Com essa atitude continuaremos. Com esse tipo de ajuste, nossa concentração poderá se tornar mais intensa, nossa confiança em

Krishna será aumentada, e nosso dever será puro e claro. Devemos estar conscientes de que empecilhos e obstáculos quase certamente nos atacarão, mas devemos lidar com eles com humildade e tolerância. Portanto, essa vida não é uma vida de confortos.

OS SAGRADOS PÉS DE VISHNU

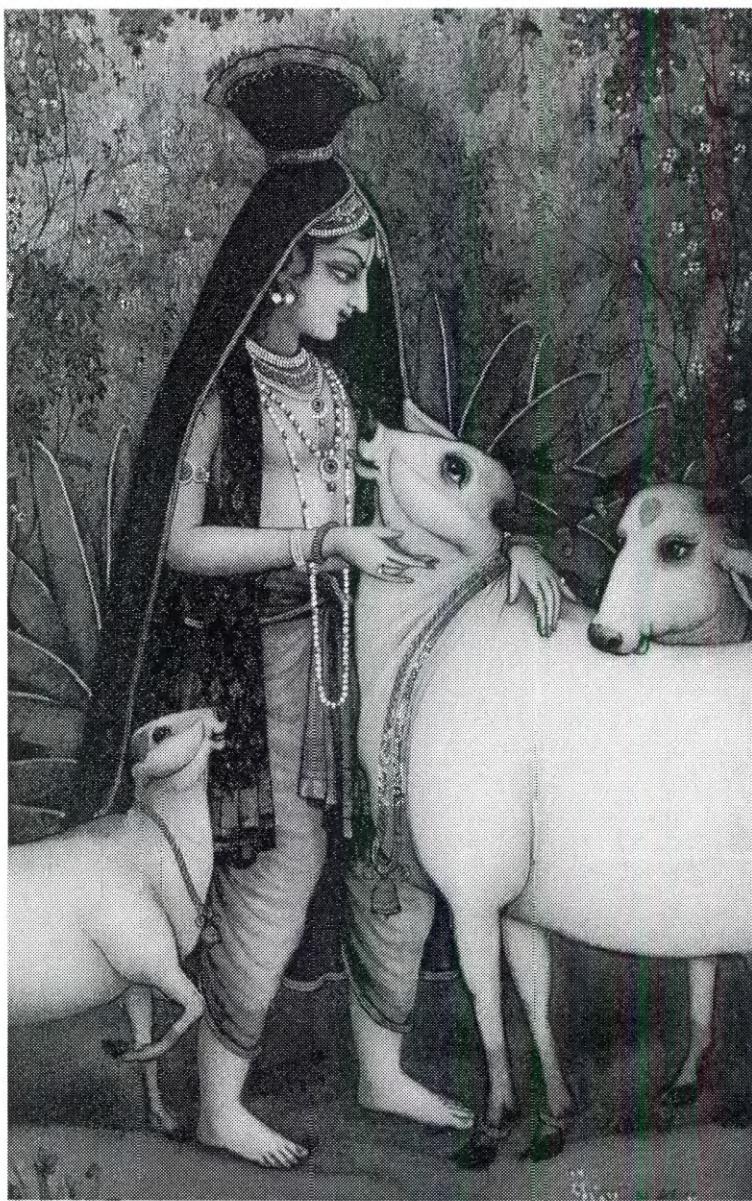
Mas a fim de desenvolver esse tipo de humildade e tolerância, devemos aprender a ver a mão do Senhor em tudo. E portanto, os *Vedas* nos dizem para lembrar que o olhar do Senhor se encontra sempre sobre nós. *Om tad visno paramam padam sada pasyanti suraya*: pedem-nos que vejamos os sagrados pés de Narayana assim como vemos o sol no céu. Por que o sol? O sol é descrito como *pradarsaka*: o observador, a testemunha. Aparentemente vemos o sol, porém, na realidade, o sol nos ajuda a ver. Os sagrados pés de Vishnu significam a parte mais baixa de Vishnu – *yoge vidhayam yasya vidyate kvacit*. Ora nós a parte mais baixa dEle é o começo da realização. O começo da realização é pensar que Deus está sempre nos vendo. Assim como o sol nos ajuda a ver, os sagrados pés de Vishnu são como o sol. Por isso, devemos sempre tentar ver tudo pelos raios dos sagrados pés de Vishnu.

De outro ponto de vista, Seus sagrados pés são como um grande olho que se estende pelo firmamento. Ele vê tudo. Não importa o que fizermos, o olho vigilante de nosso guardião encontra-se sobre nossa cabeça tal como o sol. Antes de iniciarmos qualquer ação, devemos lembrar desse mantra védico. O *Rig Veda* é o primeiro *Veda*, e esse é o mais importante mantra do *Rig Veda*. Os brâmanes da escola védica aprendem que sempre que fizerem qualquer serviço referente a religião ou a *varnasrama*, devem primeiro lembrar desse mantra do *Rig Veda*: “Os pés de Vishnu estão sobre você e o estão vendo como o olho de um guardião vigilante. Sempre lembrando disso, faça seu dever.”

Se sempre lembrarmos que Ele está vendo tudo que fazemos, não conseguiremos fazer nada errado. Enquanto lembrarmos que através de tudo, o olho investigador, o olho que tudo sabe, o olho onisciente do Senhor está sempre velando por nós, não conseguiremos aventurar-nos a fazer qualquer coisa ofensiva ao Senhor. Essa lembrança só pode purificar nosso coração, nosso entendimento e

todo nosso sistema mental, e nos ajudará a nos aproximarmos da divindade da maneira correta. Não é que podemos fazer toda e qualquer coisa sem que Ele saiba; não é que somos os mestres marioneteiros de nossa própria vida e do mundo; não é que vamos exercer nossa maestria, nossa influência sobre o meio ambiente num esforço egoísta. Lembrem sempre que um grande olho se estende acima de suas cabeças vendo tudo como o farol examinador de um forte raio-X. Ele sabe até aquilo que nós próprios não sabemos sobre nós mesmos. Ele conhece até mesmo aquilo que se encontra no subterrâneo da região subconsciente mais recôndita de nosso coração. Se lembrarmos disso enquanto vivemos e nos movimentamos, só poderemos nos purificar. Assim como o câncer pode ser removido do corpo por um raio laser, toda moléstia da existência material desaparecerá de nossos corações pela influência purificadora desses divinos raios de luz dos sagrados pés de Vishnu.

* * *



Sri Krishna Gopal

O SENHOR DAS VACAS

*deve varsati yajña-viplavarusa
vajrasma-varsanilaih
sidat-pala-pasu-striyatma-saranam
drstvanukampy-utsmayam
utpatyaika-karena sailamavalō
lilocchilindhram yatha
bibrad gosthamapan mahendram adabhit
priyan na indro gavam*
- Srimad Bhagavatam 10.26.25

A própria essência do Govardhana *lila*, a própria substância do passatempo, encontra-se representada nesse verso. Os vaqueiros de Vrindavana costumavam realizar um sacrifício para satisfazer o rei dos céus, Indra, sob cujo comando a chuva, as nuvens e outros poderes elementais sutis se movimentam. A principal riqueza dos vaqueiros é a vaca, e o principal alimento da vaca é a grama. Só a chuva pode produzir grama, e portanto os vaqueiros costumavam realizar sacrifícios para satisfazer o poder sutil que supostamente comanda substâncias naturais como a chuva.

Ao satisfazer Indra, vinham chuvas favoráveis e havia suficiente grama. Então as vacas podiam pastar facilmente nos gramados e gerar leite em profusão. Os *gopas*, os vaqueiros, e suas famílias costumavam fazer diferentes preparações do leite, vendendo-as na praça do mercado, e dessa maneira ganhavam seu sustento.

À medida em que o pasto acabava num local, mudavam-se de uma floresta para outra. Apenas com a finalidade de obter grama para as vacas, o pai de Krishna, Nanda Maharaja, e os vaqueiros costumavam vaguear de um local a outro. Assim, às vezes viviam em Vrindavana,

às vezes em Nandagrama, e às vezes em Gokula.

Certa vez, Krishna queria Se afirmar e modificar a adoração a Indra. Queria estabelecer Seu próprio domínio, Vrindavana, em sua glória original impoluta.

Embora fosse apenas um menino, era um menino de capacidade extraordinária. Tinha apenas sete anos de idade. Porém, no *Padma Purana* é dito que o desenvolvimento ou crescimento de personalidades especiais é uma e meia vezes maior que o de pessoas comuns. Embora Krishna só tivesse sete anos de idade pelos cálculos comuns, tinha onze segundo o cálculo geral.

Krishna disse: "Por que devemos realizar esse sacrifício para Indra? Temos interesse direto pela Colina de Govardhana e não por Indra." Ele anunciou essa idéia aos *gopas*, e de alguma forma, de bom grado ou relutando, os *gopas* se submeteram ao conselho de Krishna. Nanda Maharaja foi influenciado pela afeição a seu filho e, por ser o rei, disse-lhes: "Dessa vez vamos adorar a Colina de Govardhana e não a Indra."

INDRA INSULTADO

E assim os *gopas*, os vaqueiros de Vrindavana, seguiram o conselho de Krishna – alguns, relutantemente, e outros de boa vontade – e começaram o sacrifício para a Colina de Govardhana. A notícia chegou a Indra, que pensou consigo mesmo: "Um menino de capacidade especial vive lá. Agora, Ele tomou a liderança de Vrindavana e interrompeu esse antigo sacrifício a mim. Por muito tempo era tradição dos *gopas* realizar o sacrifício para me satisfazer, e agora um menino causa a interrupção de meu sacrifício!" Ele ficou muito irado. Indra ordenou que as nuvens, o vento e o relâmpago atacassem os residentes de Vrindavana.

Segundo a compreensão védica, todos os elementos são personificados. Na antiguidade, os arianos e *rajarisis*, seres humanos elevados e grandes sábios, costumavam ver tudo como pessoas, viam tudo de maneira pessoal. Pensavam nas trepadeiras, nas árvores e em tudo o mais no meio ambiente como sendo pessoas. Compreendiam que eram todas pessoas que, conforme o carma, vagam através de diferentes espécies de vida.

Uma vez, um professor de biologia me perguntou a respeito de alternativas à evolução Darwiniana. Eu lhe disse que a evolução da consciência até à matéria pode ser compreendida com base na teoria de Berkeley. Qualquer coisa em que pensemos é na verdade parte de nossa consciência. E consciência significa pessoa. Tudo do qual possamos estar conscientes é uma pessoa. Podemos pensar no vento como um objeto inanimado, mas na linha védica se pensa nele como sendo uma pessoa. Relâmpago, vento, nuvens e chuva são todos pessoas. Aquilo que consideramos matéria elementar, grosseira e util, era considerado pelos antigos videntes da verdade como sendo pessoas.

Indra comandou o vento, as nuvens e a chuva para que fossem devastar toda a região de Gokula Vrindavana. “Os residentes de Vrindavana me insultaram!” disse ele. “Me rejeitaram, pararam de me adorar, e em vez disso estão adorando aquela montanha, aquela colina de Govardhana. Não posso tolerar esse insulto! Vão e devastem tudo.”

Pela ordem e ira de Indra, o mestre de todos os elementos sutis mais elevados, começou a cair uma chuva pesada. E desse modo, trovões, granizo e chuva atacaram simultaneamente toda a região de Vraja.

Consequentemente, todos os residentes de Vrindavana se viram num grande desastre. Miséria, dor e tristeza afigiam os animais e os protetores dos animais, os *gopas*. Assim, os indefesos – as mulheres, as crianças e os animais de Vrindavana – não tiveram outra alternativa senão refugiar-se em Krishna. Todos vieram a Krishna em busca de alívio e choravam: “Ó Krishna! Que faremos agora? Você nos influenciou a parar com o sacrifício a Indra, e agora ele, sendo vingativo, começou a nos afigir dessa maneira tão pesada. Como poderemos viver? Por favor salve-nos!” Todos foram a Krishna em busca de proteção. Vendo isso, Krishna sentiu muita pena deles. Sendo misericordioso para com eles, sorriu um pouco, pensando: “Todos vieram a Mim em busca de alívio.”

Nesse momento, com apenas uma mão, Krishna levantou a montanha de Govardhana. Para Ele, isso era algo muito fácil; com apenas uma mão desalojou a colina e a levantou tal como uma criança levanta uma bola de brinquedo.

E segurando aquela grande montanha Krishna deu proteção a

todos aqueles que viviam em Gokula. Os homens, as mulheres e as crianças de Vrindavana trouxeram as vacas e todos seus pertences materiais e se refugiaram sob a Colina de Govardhana.

Toda a sociedade dos vaqueiros recebeu abrigo sob aquela colina. Dessa forma, ao levantar a Colina de Govardhana, Krishna deu proteção aos residentes de Vrindavana e arrasou o orgulho do senhor do firmamento, o próprio Indra.

E portanto, Nanda Maharaja ora nesse verso: "Possa aquele senhor das vacas ficar satisfeito conosco. Quem é Indra se comparado a Krishna? Krishna é o controlador de Indra. E no entanto, Ele apareceu como o controlador das vacas; a Suprema Verdade Absoluta aceitou uma posição simples de guardião das vacas. Superficialmente, Ele é um mero menino vaqueiro. Mas que esse menino vaqueiro, que em Si encerra o poder de controlar o universo inteiro, fique satisfeito conosco. Queremos adorar aquele Senhor que tomou a humilde posição de rei das vacas."

Podemos compreender a posição do passatempo do Senhor em Govardhana a partir desse verso do *Srimad-Bhagavatam*. Aqui também se descreve que quando os Vrajavasis O adoraram e se ocuparam no sacrifício para a satisfação dEle, viram a Colina de Govardhana como a Pessoa Suprema, estendendo Suas mãos, aceitando as coisas a Ele oferecidas e Se alimentando.

Naquele momento, Krishna apontou: "Vejam só! Vocês pensavam que a Colina de Govardhana era só um monte de pedra. Não – ela está viva, é a Suprema Personalidade de Deus. Naquela hora, Krishna Se revelou como a Colina de Govardhana e mostrou como ela também é uma extensão de Seu próprio ser. Segundo as autoridades em nossa linha, Radha-kunda é a extensão do próprio ser de Srimati Radharani, e Govardhana é a extensão do próprio ser de Krishna. Portanto, adoramos uma pedra da Colina de Govardhana, uma parte de Giridhari, como sendo o próprio Krishna. A partir dai podemos compreender que uma parte do infinito é infinita. No entanto, nossa visão comum é tão fraca que embora um apedra de Govardhana seja uma parte do infinito e portanto também infinita, para nossa visão material é apenas um pedaço de pedra.

Esse passatempo mostra que uma coisa pode parecer pedra comum, mas sua possibilidade é infinita. No sentido geral, a teoria da relatividade de Einstein anunciou que qualquer coisa que vemos é

aquilo e ainda algo mais. De sua própria maneira científica, ele explica que a realidade de algo inclui suas possibilidades, a sua perspectiva – a realidade não é algo estacionário.

A realidade não se limita ao que vemos ou concebemos através de nossos sentidos. Nossa visão ou estimativa de algo pode ser limitada, porém sem que saibamos, sua perspectiva pode ser ilimitada. Sequer conhecemos a infinita possibilidade que pode existir num grão de areia. Não sabemos que tipo de possibilidade pode existir numa folha de planta. Poderá parecer algo comum, mas pode conter valiosas propriedades medicinais.

DEUS, O BELO

Uma parte do infinito também é infinita. A pedra de Govardhana representa Krishna como controlador e guardião das vacas. Dentro de Govardhana encontra-se aquele meigo e gentil conceito de Deus, o Belo. Imploramos pela misericórdia dEle, por Seu afeto e Seu olhar benevolente.

Isso poderá nos salvar da influência negativa deste meio ambiente material. Quando tentarmos colocar um ponto final em nossa forma de vida material e acertar o curso rumo a Deus, à consciência de Krishna, negligenciando os deveres imperativos que nos sobrecarregam, poderão advir tantas dificuldades para nos atormentar, para nos enredar em nossa viagem rumo à verdade máxima. Mas se nos ativermos à ordem de Krishna, Ele nos protegerá. Krishna confirma isso no *Bhagavad-gita*:

*sarva-dharman parityajya, mam ekam saranam vraja
aham tvam sarva-papebhyo, moksayisyami ma sucah*

Ele diz: “Abandone todos os demais conceitos de dever e apenas renda-Se a Mim. Não tenha medo. Eu o protegerei e libertarei de todas as reações pecaminosas que possam surgir por negligenciar seus deveres ordinários.”

Diferentes tendências e impulsos materiais poderão nos atacar – até mesmo o próprio Indra, o rei do firmamento e controlador de todas as atividades comuns, poderá nos atacar – mas se prestarmos atenção

à nossa meta, se tivermos o cuidado de ler a ordem de Krishna, Ele nos protegerá na sombra de Seus pés de lótus. Ele nos dará abrigo sob a sombra da Colina de Govardhana, onde nenhum Indra conseguirá tocar em nossas cabeças. E com plena fé que Krishna nos dará proteção, devemos tentar buscar o refúgio sob a Colina de Govardhana e orar: “Ó Krishna, protega-me de todas as dificuldades que possam vir a me atacar por ter deixado de lado minhas obrigações comuns.”

Embora muitas anomalias possam tentar nos pegar, Krishna nos protegerá. E em Sua representação como a Colina de Govardhana, aquele maravilhoso controlador das vacas nos salvará de todo tipo de dificuldades. Como isso é possível? Deus faz maravilhas. Seus meios são desconhecidos e inconcebíveis.

* * *

A ILUSÃO DE BRAHMA

A Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna, quem é a causa primordial de toda harmonia, é tão maravilhoso que simplesmente por aproximarmo-nos dEle ficaremos encantados com Seus modos. Ele é conhecido como Urukrama, pois Seus passos são maravilhosos, inimagináveis, desconhecidos e insondáveis. Suas maravilhas são infindáveis. *Ascaryavat pasyati kascid enam ascaryavad vadati tathaiva canyah*: a cada passo na direção dEle, nos sentimos maravilhados. Não encontramos o final desse sentimento. Krishna é infinito; Ele é a maravilhosa maravilha das maravilhas; quanto mais O buscarmos, descobriremos que Suas maravilhas não terminam.

Mesmo o Senhor Brahma, o criador deste universo e o *guru* original de nossa *sampradaya*, ficou atônito ante as maravilhas de Krishna. Certa vez, quando Krishna vivia em Dwaraka, ouviu que Brahma, o criador do universo, viera para vê-LO. Krishna perguntou a Seu mensageiro: “Qual Brahma?” Quando o mensageiro colocou esta questão para Brahma, este pensou: “Existirão também outros Brahmases? Como isso é possível?” E disse para o mensageiro: “Basta informar a Krishna que é o pai dos quatro Kumaras: o Brahma de quatro cabeças.” O mensageiro levou a informação até Krishna.

“Sim, faça-o entrar”, disse Krishna, conhecendo o temperamento de Brahma. Brahma entrou, mas ficou espantado quando viu que tantos Brahmases haviam se reunido ali de todos os universos na Criação. Havia Brahmases com cem, mil e um milhão de cabeças – todos ali presentes. Desde que toda a Criação se baseia na hipnose de Krishna, o Brahma de quatro cabeças podia ver Krishna e todos aqueles outros Brahmases, mas os outros Brahmases não conseguiam se ver. Cada um deles via somente a Krishna. Cada um pensava: “Krishna veio a meu universo e me chamou por alguma necessidade.” Mas o Brahma deste universo podia ver tudo por causa daquela pergunta: “Qual Brahma? Qual o significado de “Qual

Brahma"? Existem outros Brahma's? Estou curioso..." Dessa maneira, o Senhor Brahma, o criador do universo, ficou perplexo diante das maravilhosas possibilidades de Krishna.

Antes, em Vrindavana, Brahma também tivera alguma dúvida sobre a posição do Senhor e pensou: "Quem é esse menino vaqueiro? Seus modos são muito questionáveis. Movimenta-se de tal maneira que parece que não liga para ninguém. Ele está dentro de minha *brahmanda*, de meu universo, mas não se importa em me conhecer. Que atitude é essa? Quem é Ele? Ele não é Narayana. Só Narayana está acima de mim. E estou um pouco acostumado a Seu jeito e modos. Mas esse menino não é Narayana. É impossível que possa existir algo que se situe acima de Narayana. Então quem é Ele?"

Para testar Krishna, Brahma sequestrou todos os meninos vaqueiros e bezerros que O acompanhavam e escondeu-os numa caverna. Depois de um ano, voltou para ver como continuava a vida em Vrindavana, para ver como Krishna se encontrava sem Seus bezerros e os meninos vaqueiros. E descobriu que tudo estava como antes. O Senhor, rodeado de Seus amigos vaqueirinhos, carregava Sua flauta sob Sua axila e um bocado de comida em Sua outra mão. Encontrou tudo continuando tal como era antes.

Então Brahma começou a pensar: "Mas o que é isso? Será que os bezerros e os meninos vaqueiros voltaram sem que eu reparasse?" Novamente, verificou a caverna onde os escondera e encontrou todos lá. Então pensou: "Como isso é possível? Roubei os bezerros e os meninos vaqueiros e os escondi aqui e agora que voltei descubro que ainda estão todos aqui como antes."

Finalmente, perplexo, caiu aos pés de lótus de Krishna, orando: "Meu Senhor, não consegui reconhecê-LO. O Senhor veio para atuar um papel tão simples e comum, de menino vaqueiro. Como alguém poderia acreditar que o Senhor detém uma posição superior ainda à de Narayana? Por favor perdoe tudo que fiz."

Em muitas partes do *Srimad-Bhagavatam* encontramos o Senhor Brahma, o criador do universo, sendo testado por Krishna. E, no entanto, Brahma é nosso *gurudeva*. Ele é o *guru* original de nossa linha. Que ele pudesse ficar desconcertado é tão espantoso e difícil de entender que Madhavacharya eliminou essa seção do *Srimad-Bhagavatam*. Ele não conseguia aceitar esses dois capítulos do *Srimad-Bhagavatam* onde Brahma estava em ilusão, em que tinha alguma compreensão errônea acerca de Krishna. Porém, Sri Chaitanya

Mahaprabhu aceitou tudo em sua totalidade.

Isso é algo muito estranho. Como pode o *guru* original de nossa *sampradaya* ficar confuso sobre Krishna? É *acintya*, inconcebível. Ainda assim, tudo é inteligível através da filosofia de *acintya-bhedabheda-tattva*, a “inconcebível unidade e diferença”. Como podemos acomodar a idéia de que nosso *guru* original fique perplexo, não só uma, mas duas vezes? Isso é *lila*, um passatempo divino. Encontramos um exemplo de *acintya-bhedabheda-tattva* na forma em que Krishna lida com Seus devotos. Krishna em Si é independente de tudo. Mesmo assim, às vezes, Ele Se mostra como sendo completamente subordinado a Seus servos e tendo que fazer o que estes desejarem. E em outras ocasiões, às vezes, os ignora completamente. Esses são os passatempos espontâneos do Doce Absoluto. Às vezes, Ele mostra absoluta submissão a Srimati Radharani, e, novamente, a ignora. Essa é a própria natureza do *lila* de Krishna.

PASSATEMPOS TORTUOSOS

Rupa Goswami forneceu um verso em seu *Ujjvala-nilamani* como base para a correta compreensão de *Krishna-lila*. Quando pensamos sobre os passatempos do absoluto, nós, o finito, teremos de usar esta armadura: *aher iva gatih premnah svabhava-kutila bhavet*. Temos de entender que os passatempos de Krishna são naturalmente tortuosos, movendo-se tal como uma serpente. Uma serpente não consegue se movimentar numa linha reta; move-se em zig-zague. As ondas que fluem do absoluto se movem da mesma maneira. Essa característica do *Krishna-lila* sempre se mantém superior a tudo mais. Krishna nunca poderá ser governado por lei alguma. É com essa consideração inicial que devemos nos aproximar de qualquer estudo do absoluto. Devemos sempre ter em mente que Ele é absoluto, e nós somos infinitesimalis. Ele é *adhoksaja*, transcendental, situado além do mundo de nossa experiência.

Certa vez, perguntei a Prabhupada: “Por que existe uma diferença entre a concepção de Sanatana e a de Rupa quanto à parte final do *Krishna-lila*? Sanatana fechou seu resumo dos passatempos de Krishna em seu *Krishna-lila-stava* em Mathura, e Rupa levou um passo mais em direção de Dvaraka em seu *Lalita-madhava*. Ele

escreveu duas peças que lidam com o *Krishna-lila*: uma sobre Dvaraka e outra sobre Vrindavana. *Vidagdha-madhava* dá-se em Vrindavana; *Lalita-madhava*, em Dvaraka. Porém, Sanatana Goswami gostava de completar os passatempos de Krishna em Mathura.

Segundo Sanatana Goswami, após longo período de separação entre Krishna e Sua família e amigos, como uma roda, o passatempo se movimenta de Mathura novamente para Vrindavana. Depois que Krishna se fôra para Mathura, os residentes de Vrindavana, vencidos pela separação, começaram a pensar: "Krishna se foi há tanto tempo. Nanda e Yasoda perderam seu filho!" A separação se intensifica e desenvolve ainda mais, até que começam a pensar: "Oh, Nanda e Yasoda não têm filho algum!" Então, pensam: "Eles têm de ter um filho", e começam a orar pelo aparecimento de Krishna. Então Krishna aparece como o filho de Nanda e Yasoda. O ciclo está completo e todos estão contentes pensando: "Ó sim, Yasoda tem um filho!" Desse modo, os passatempos de Krishna começam a se desenvolver em Vrindavana e movimentam-se para Mathura, onde Ele mata Kamsa.

Em seu *Krishna-lila-stava*, o seu resumo do *Krishna-lila*, Sanatana Goswami não levou Krishna para Dvaraka de Mathura Mandala. Porém, Rupa Goswami, em sua peça *Lalita-madhava*, mostrou os paralelos entre *Krishna-lila* em Vrindavana e *Krishna-lila* em Dvaraka. E assim, em seu *Lalita-madhava*, Rupa Goswami traça um paralelo entre Lalita como sendo Jambavati, Radharani sendo Satyabhama e Chandravali sendo Rukmini. Dessa forma, ele mostra a transformação entre Vrindavana e Dvaraka.

ALÉM DA EXPERIENCIA

Indaguei sobre essa diferença entre Rupa e Sanatana a Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Prabhupada. Ele simplesmente respondeu que: "É *adhoksaja*, situa-se além de nossa compreensão. Assim, o *Krishna-lila* é "incompreensível" (*acintya*). Nem tudo pode caber em nossa mão. O Senhor Supremo tem "Todos os Direitos Reservados". Se quisermos estar conectados com tal plano de realidade devemos compreender isso.

Portanto, o *Srimad-Bhagavatam* diz: *jñane prayasam udapasya*

namanta eva: é um defeito tentar entender tudo a respeito da divindade. Conhecimento pode ser uma qualificação aqui neste mundo, mas em relação à verdade transcendental de uma ordem mais elevada, a tendência a querer saber tudo é uma desqualificação.

Queremos saber o valor de tudo. Queremos ter em nosso poder a chave de tudo. Mas isso na realidade é um entrave ao progresso. Se nos afirmarmos dessa maneira, por contrapartida perderemos a pouca confiança que possamos ter na divindade, e haverá algum atraso em nos entregarem a chave. Se um servo, ao conseguir emprego na casa do patrão, ficar muito ansioso para ser o encarregado das chaves da casa, então o patrão suspeitará dele. Portanto, querer saber tudo é um tipo de doença inimiga do progresso.

Claro que isso é difícil de aceitar. Mas ainda assim é a verdade. Rendição é tudo. Qual o cultivo de conhecimento que encontramos nas *gopis* – as mais exaltadas devotas de Krishna? Qual era seu conhecimento das escrituras? Nenhum.

Aquilo que entendemos como sendo “pureza padrão”, aquilo que pensamos ser conhecimento – todas essas coisas são desqualificações no tocante a dar prazer ao absoluto. Um exemplo de como nossos padrões equivocados de “pureza” e “castidade” são uma desqualificação, pode ser visto na seguinte história.

UM MÉDICO MÍSTICO

A fim de provar a posição suprema de Srimati Radharani, certo dia, Krishna aparentou repentinamente cair doente. Enquanto jazia doente, Ele mesmo veio numa outra forma, disfarçado de médico, e disse:

– Ó Yasoda, ouvi que seu menino pegou alguma doença. Isso é verdade?

– Sim, sim, quem é o senhor?

– Sou um médico – um médico místico. Gostaria de examinar seu filho. Qual é Sua doença?

– Ele desmaiou; talvez esteja com dor de cabeça.

Então, Krishna transvestido de médico disse a Mãe Yasoda:

– Essa doença é muito séria. Desejo curá-LO. Mas só poderei fazê-lo se conseguir um pouco d'água trazido num pote poroso. É

preciso pegar alguma água do Yamuna num pote que tenha muitos furos. Só uma moça casta pode fazer isso. Uma moça casta deve trazer água num pote poroso. Com o auxílio disso darei um remédio a este menino e Ele voltará à consciência imediatamente.

Então Yasoda procurou loucamente em Vrindavana por uma moça casta. Jatila e Kutila eram respectivamente a sogra e a cunhada de Radharani. Porque elas naturalmente apregoavam que havia dúvida ou suspeita sobre a castidade das outras moças entre as *gopis*, elas próprias em geral eram consideradas como sendo castas. Portanto, Yasoda pediu a uma delas, Jatila, primeiro:

– Leve esse pote poroso e pegue água do Yamuna.

– Mas como isso é possível? Pegar água num pote poroso é impossível.

– Não, o médico disse que se a moça for realmente casta, então conseguirá pegar água num pote poroso.

Jatila não pôde se esquivar do pedido de Yasoda que lhe parecia louco. Seu pedido fôra tão intenso que ela tinha de ir. Mas não conseguia pegar água do Yamuna porque havia tantos buracos no pote. Então, foi a vez de Kutila pegar água no pote. Mas ela não se atrevia a tentar, em vista da tentativa de sua mãe. Ainda assim, Yasoda fôra tão sincera em seu pedido, que Kutila não conseguiu se esquivar da tarefa. Yasoda não podia tolerar por um segundo que seu filho estivesse em tal condição. E assim seu pedido fôra tão intenso que Kutila teve de ir. Mas ela também não conseguiu pegar água, devido aos tantos buracos no pote d'água que a água simplesmente jorrava.

Ficaram atônitas, pensando: “Que podemos fazer? Dentre todas as moças de Vraja, não se encontra nem uma única moça casta? Que coisa horrível!” Assim, Krishna vestido de médico, escolheu Radharani, dizendo:

– Acho que *Ela* é uma moça casta. Peça que vá pegar a água.

E a pedido de Mãe Yasoda, Radharani não pôde evitar a tarefa. Ela teve de ir pegar a água, mas pensava em Krishna e orou: “Só se Você vier em Meu socorro é que será possível; caso contrário, será impossível”. Radharani mergulhou o pote poroso na água enquanto Krishna tocava o pote de dentro d'água. E Radharani com grande suspeita tirou o pote da água e com grande espanto disse:

– A água ficou lá! – Ela havia levado conSigo algumas de Suas servas, as *sakhis*, Suas principais amigas, e todas ficaram

maravilhadas ao verem que Ela pegara a água do Yamuna. Os buracos estavam ali porém a água permanecia dentro do pote. Assim, Ela levou a água até Yasoda e todos ficaram pasmos. E deram aquela água com algum remédio fictício ao menino Krishna, e Krishna Se levantou de Seu estado “inconsciente”.

Essa foi uma tática de Krishna para revelar a posição de Radharani, para mostrar o que é castidade. E o que é castidade? “Castidade” comum não é castidade real. A verdadeira pureza, a castidade verdadeira, encontra-se bem acima de todas as considerações relativas de castidade. E isso é inconcebível, situa-se além de nosso conhecimento e razão, assim como o fato de um pote poroso ser capaz de conter água. Isso é um milagre.

Porém, o Senhor faz maravilhas. Seus modos são cheios de milagres. Devemos estar preparados para isso. Devemos estar preparados para o fato de que todo conhecimento desse mundo, toda nossa experiência, poderá provar-se equivocada. Portanto, é dito que: *“jñane prayasam udapasya namanta eva*: livre-se de suas experiências passadas, daquilo que você prenderá do mundo dos sentidos, o conhecimento empírico (*pratyaksa-jñana*). Sua tendência será sempre a de tentar abrir caminho mundo espiritual adentro pela força do conhecimento mundano. Mas esse verso está dizendo: “Ó pessoas caídas, seu capital é a experiência deste mundo. Porém, isso não será suficiente, não terá valor naquele plano superior. Lá se encontra algo novo; portanto, aproximem-se daquele mundo com uma mente aberta; compreendam que tudo é possível para o infinito. Todas suas expectativas e toda sua experiência passada não têm valor. Por que não param de tentar se esquivar desse ponto?”

O mundo transcendental é algo bem novo para nós. É bastante difícil se tentar sair desta superstição de uma assim-chamada “verdade” daqui. Mas ainda assim é necessário que aceitemos que para Deus toda e qualquer coisa é possível. Ele é o mestre das impossibilidades. Possibilidade e impossibilidade só se encontram em nosso dicionário, no entanto, até mesmo Napoleão queria remover dele a palavra “impossível”. Ele disse que: “Impossível é uma palavra no dicionário de um tolo.”

Como deveremos entender que o *guru* original de nossa *sampradaya* ficou desconcertado? Isso é “impossível”. Precisamos suspender nosso “conhecimento” (*jñane prayasam udapasya namanta eva*). Poderemos considerar que talvez Krishna esteja brincando de

esconde-esconde com Brahma, nosso *gurudeva*. É assim como um jogo de esconde-esconde. Às vezes, Krishna está derrotando outros e, outras vezes, Ele é o derrotado.

KRISHNA E BALARAMA

Quando Krishna e Balarama estão brincando com Seus amigos na selva, em geral, brincam em dois grupos. Krishna fica num grupo e Balarama noutro. Krishna é considerado como sendo menos forte que Balarama. Balarama é a pessoa mais forte dali, e em seguida está Sridhama, portanto Sridhama costumava brincar no lado de Krishna.

Sempre que Balarama era derrotado, ficava irado. Krishna diplomaticamente ajudava Seu próprio time, e quando Balarama via que Seu próprio time estava sendo desleal devido aos truques de Krishna, virava-Se para Seu irmão mais novo e dizia: “Vou castigar Você!” Mas Krishna dizia: “Não; Você não consegue Me punir; Mãe Yasoda deixou Você como Meu guardião. Você não pode Me maltratar.”

Certo dia, Balarama bateu em Krishna, porém Krishna foi até Mãe Yasoda e O denunciou. Balarama ficou muito perturbado e disse: “Bato em Você mais uma vez, e você vai reclamar com Sua mãe dizendo que não amo Você? Krishna, como Você pôde fazer isso?” Afinal Krishna ficou perplexo e aceitou Sua derrota.

Portanto, o *Krishna-lila* se move de maneira tortuosa (*aher iva gatih prema...*). Esse ponto fundamental, o fundamento de nossa compreensão sobre o *Krishna-lila*, foi dado por Rupa Goswami nesse verso. Ele diz: “Não fiquem ansiosos por encontrar razão em tudo nos passatempos da divindade. Eles são naturalmente tortuosos. No *Krishna-lila*, veremos que embora nenhum partido tenha defeito, ainda assim, um irá encontrar defeito no outro e começar uma querela. Lá não existe defeito. Mas ainda assim, pela necessidade do *lila*, encontram-se falsos defeitos, e tem início alguma briga. Esse é o sentido de *lila*, passatempos: o que aqui encontramos pela necessidade, lá flui automaticamente.”

Não podemos tentar aplicar nossa razão ou padrão de avaliação aos movimentos do infinito. E ao tentarmos avaliar, perderemos qualquer avanço que tenhamos feito por contactar tal fluxo de *lila* será; essa será a única consequência de nossa análise.

Portanto, devemos tentar ter um gosto pelo *lila* com uma atitude submissa. Às vezes, a razão, a lógica e a análise são necessárias, mas somente para pregar para as pessoas em geral que têm um entendimento inferior. Apenas para o propósito de pregar para pessoas viciadas na razão é que precisamos aceitar o auxílio da razão. Mas, quando a devoção se torna automática, *anuraga*, então tanto a razão quanto a escritura são deixadas na posição subterrânea. Ali não há lugar para argumentos escriturais. Até certo ponto, a razão é necessária para nosso desenvolvimento até *vaidhi-bhakti*, os estágios elementares da devoção. Porém, acima disso, não têm utilidade.

Anuraga-bhajana é automática; essa é a natureza de *lila*: *aher iva gatih premna*. Tudo ali se movimenta por Sua doce vontade. Doce vontade significa que não é um programa fixo. Movimenta-se de tal forma que não podemos dizer que “Irá passar por essa estrada.”

Quando o Maharaja de Mysore costumava ir à cidade de carro, não dava a seu motorista instruções quanto ao caminho a seguir, pois se fosse combinado qualquer programa fixo, então sua vida poderia correr perigo. Assim, sempre que chegavam a algum cruzamento na estrada, encostava sua bengala a determinado ombro do motorista. Se no cruzamento, o Maharaja quisesse ir para a direita, tocava o motorista em seu ombro direito. Dessa maneira, nunca revelava por qual caminho seguiria, mas só no último momento orientava o motorista para tomar certo rumo.

Do mesmo modo, os movimentos divinos de Krishna são guardados, reservados por Sua doce vontade: “Todos os Direitos Reservados”. Queremos procurar por alguma lei acima de Sua doce vontade, mas isso é inconsistente. Se auto-contradiz. Por um lado dizemos que Krishna Se move por Sua própria doce vontade, mas por outro lado tentamos achar alguma lei que governe Seu movimento. Isso é uma contradição. O *Lila* se move por Sua doce vontade. Ao dizermos que é *lila*, não podemos então dar formato algum a isso. Podemos dizer que foi mostrado num determinado local de uma maneira particular. Mas não podemos ter certeza se hoje seguirá o mesmo rumo.

É por isso que encontramos diferenças nas explicações dadas sobre diferentes *lilas* em diferentes eras. Jiva Goswami explicou que a razão para as diferentes descrições dos passatempos do Senhor nos *Puranas* é que numa ocasião tal *lila* se desenrolou de um modo, e noutra ocasião foi de outra maneira. Assim, encontramos diferenças

até mesmo nas explicações do mesmo passatempo.

Estudiosos poderão desafiar: “Por que em certo lugar do *Padma Purana* o *lila* é mencionado dessa forma, mas o *Bhagavata Purana* revela uma descrição diferente? Por que o *Harivamsa* difere do *Mahabharata*?” Dizemos que em diferentes *kalpas* ou eras, os passatempos são encenados de maneiras diferentes. Por ser Ele infinito, independente e absoluto, determinado *lila* do Senhor poderá ser representado neste mundo de infinitas maneiras. Portanto, pondo de lado todas as dúvidas e suspeitas, nos tornaremos mais generosos e livres de todas as inibições ao nos aproximarmos do absoluto. Nos aproximaremos dEle num tal estado de espírito, e tentaremos cada vez mais pôr de lado nossos preconceitos e precedentes anteriores, os registros de nossa experiência passada.

DEUS MORREU?

Vamos nos aproximar dEle lembrando que Ele ainda está vivo. Não é uma coisa estereotipada. Não devemos esperar apenas o que já foi feito noutra ocasião. Se esperarmos a mesma coisa, isso só irá nos reassegurar pela repetição de que Ele não é algo vivo, que a Divindade se encontra sob a lei da história. Deveríamos pensar que já que no passado Ele Se mostrou de determinada maneira, Ele tem obrigação de Se mostrar sempre daquela mesma forma? Ele não está vivo até hoje? Sera que Ele não pode mostrar algo de novo?

A cada momento, a cada segundo, Ele pode mostrar tudo de uma maneira bem nova. Portanto, nosso coração deve se abrir ao máximo ao nos aproximarmos da autoridade superior do plano do jogo absoluto. Isso significa que a rendição tem de aumentar até não ter limite. A rendição não tem limites, e Sua brincadeira ou *lila* também é ilimitada. Com esse tipo de visão profunda, tentaremos ler a Sua *lila*. Desse modo, embora Brahma e os outros deuses e *gurus* e transmissores de muitos *sastras* possam ter feito determinada descrição de Seus passatempos, teremos de entender que os passatempos de Krishna não estão presos às descrições dos mesmos Krishna não está confinado a uma gaiola.

Portanto, foi por essa razão que Sri Chaitanya Mahaprabhu não hesitou em nos apresentar uma descrição da confusão pela qual Brahma passou (*brahma-vimohana-lila*). Brahma confundiu-se no

Krishna-lila em Vrindavana, e encontramos a mesma situação novamente quando ele foi a uma entrevista com Krishna em Dwaraka. A marca da doce vontade do infinito é tal que nela pode ser acomodada qualquer coisa, e mesmo o Senhor Brahma, o criador do universo, pode ficar perplexo diante de Krishna.

Todos esses passatempos são como uns tantos faróis nos mostrando o caminho a seguir. Brahma é nosso *guru*, mas ele foi iludido por Krishna. E Vedavyasa, o *guru* universal, também foi repreendido por Narada. Narada foi testado muitas vezes. Todos esses exemplos estão nos mostrando o caminho, estão apontando a direção. É dito que *srutibhir vimrgyam*: os livros autênticos sobre a verdade revelada estão apenas mostrando o caminho. Eles dizem: “Vão por essa direção. Aonde? Não sabemos exatamente, mas podem tomar essa direção.” Eles só estão mostrando a direção. Todos os *srutis* – a orientação dada pelos sábios da verdade revelada – nos dão alguma direção: “Sigam por esse caminho, nessa direção, e talvez possam encontrar o que buscam.”

Krishna diz: “*vedais ca sarvair aham eva vedyo*. Todos os *Vedas* têm a intenção de revelar-Me, ao infinito.” Destinam-se a mostrar como o infinito está se movimentando. Se analiso um átomo na minha mão, posso analisá-lo repetidamente e reanalisá-lo sem chegar a lugar algum. Já se encontra em minha mão, e contudo é infinito. Portanto, foi dito que conseguiremos o maior benefício através da rendição. Krishna diz: “Abandone todos seus preconceitos e as limitações extraídas do mundo limitado e fique aberto. Então será fácil o infinito lançar diferentes vislumbres de luz em sua alma e em sua faculdade cognitiva. E desse modo também será fácil limpar seu plano de entendimento, limpar seu espelho, o espelho de seu coração.”

Em conexão com o infinito você descobrirá que o centro se encontra por toda parte, e em nenhum lugar existe a circunferência. Mas para vivenciar isso você tem de tentar viver na eternidade, em Vaikuntha. *Kuntha* significa “medida”. Vaikuntha significa “sem tortuosidade, sem limite, sem medida.” Isso é Vaikuntha.

Quando Krishna abriu Sua boca, Yasoda ficou estarrecida ao descobrir a Criação universal inteira. Yasoda não entendeu nada. “Que vejo? O universo todo? O infinito dentro do finito?” Naquele momento ela quase desmaiou, mas aí o gato dela miou alto. E Krishna, como se estivesse com muito medo do som do gato, agarrou Sua mãe por temor. Então, de repente, a apreensão de Yasoda

desapareceu. Ela pensou: “Ó não... Ele é meu filho! Não tem nenhuma representação do infinito dentro dEle; Ele é meu filho!” E O abraçou.

Quando Brahma sequestrou os meninos vaqueiros e bezerros, pensou que havia deixado alguma lacuna no *lila*, mas acabou descobrindo que esta fluía tal como antes. Nem mesmo a menor parte fora perturbada. Krishna tinha Se expandido em bezerros e meninos vaqueiros. Quando o próprio Krishna tomou a forma de todos os bezerros e meninos vaqueiros, as mães sentiram um tipo de afeição infinita, tanto assim que sem conseguir entender, ficavam encantadas, pensando: “Como são lindos esses meninos!” E as vacas também estavam loucas para mostrar sua afeição por aqueles bezerros. Então, Brahma pensou: “Será que esses meninos vaqueiros e bezerros que roubei vieram aqui sorrateiramente para juntar-se a Ele?” Novamente, foi verificar o local onde os escondera. E viu: “Não, os meninos e bezerros estão onde os guardei nas cavernas da montanha. Encontram-se lá.” De novo, retornou até onde Krishna estava e viu tudo continuando a ser do mesmo jeito. Nesse momento, Brahma se rendeu e foi tranquilizado. Ele disse a seguinte oração:

*naumidya te'bhravapuse tадidambaraya
gunjavatamsa-paripicchala-sanmukhaya
vanyasraje kavalavetravisana-venu-
laksmasriye mrdupade pasupangajaya
- Srimad-Bhagavatam 10.14.1*

«Ofereço minhas orações a Você, ó louvável Senhor quem é o filho do vaqueiro Nanda. Sua tez é da cor azul escura de uma nuvem trovejante e Você está vestido com roupas de seda que brilham como o relâmpago. Seu rosto encantador está adornado de ornamentos *gunja-mala*, e Seu cabelo está decorado com uma pena de pavão. Você fica lindo usando uma guirlanda de flores silvestres, e tal beleza é realçada pelo bocado de alimento em Sua mão esquerda. Você carrega um berrante de búfalo sob Seu braço esquerdo, segura uma flauta e outros emblemas, e Seus pés são macios como uma lótus.»

Esse é o significado geral desse verso. O sentido interno desse verso, contudo, é este: “Ó venerável Ser, submetemos nossas orações ao Senhor. Quem é o Senhor? É invisível, intocável, desconhecido, e impossível de conhecer. Sua tez é da cor de uma nuvem negra, e portanto é muito difícil de ser visto, porém o Senhor pode ser visto

devido à Sua roupa amarela.” Amarelo é a cor de Radharani. Portanto, só com o auxílio da potência de Krishna é que se pode asseverar quem Ele é. *Tadit* significa relâmpago. Com a ajuda do relâmpago conseguimos enxergar uma nuvem negra de noite. Assim, embora Krishna seja desconhecido e incognoscível, Sua potência pode revelá-LO a nós. Brahma diz: “Você é a entidade venerável que passei a conhecer. Agora curvo-me diante de Si. Seu corpo é como o de uma nuvem negra, e isso é alguma representação mística. Negro geralmente não se consegue detectar. Porém, Suas vestes amarelas auxiliam-nos a saber o que Você é. Tem alguma semelhança com a veste amarela de Narayana. Seu corpo negro e vestes amarelas sugerem a personificação de Narayana. Você é desconhecido e incognoscível até para Si mesmo. Mas Sua veste amarela – Sua potência – torna-O conhecido a nós.

“E Você descende até nosso nível como se estivesse na nossa posição. Você está vestido como um vaqueirinho, brincando na selva com um bocado de alimento em Sua mão. Isso nos engana ao tentarmos determinar quem você é. E Você adora coisas comuns. Até a guirlanda em Seu peito é feita de flores silvestres comuns. Seu gosto parece ser pelas coisas inferiores.

“E todos esses sinais são enganadores para nós. Você toma um bocado de alimento em Sua mão e corre atrás das vacas. Isso é sinal de ser de classe inferior. As pessoas de casta mais elevada como brâmanes e *ksatriyas* não podem se mover assim ou se comportar de tal modo com seu alimento. O instrumento que Você carrega – uma flauta de bambu – também não tem sofisticação. E Sua passada é curta. Tudo isso nos desencaminha a termos um conceito inferior de Si. Você está Se escondendo; portanto como podemos compreendê-LO? Que falha há de nossa parte, então, que não reconhecemos Sua supremacia? É difícil aceitar que Você, Krishna, é o mestre de tudo.

“Você usa tantos ornamentos simples. Não achamos nada que seja deslumbrante ou cheio de esplendor aqui em Vrindavana. Estamos acostumados a achar tais coisas em Vaikuntha. Mas isto é novo. Você veio aqui para mostrar Seus passatempos brincalhões. Aqui em Vrindavana, descobrimos um novo conceito. E é maravilhoso, simples e encantador. Simples, no entanto altamente atraente.

“Você se decorou com coisas simples e comuns, porém Você é tão extraordinariamente encantador. Isso é impossível de entender

e de descrever. Em geral, neste mundo, a posição dos vaqueirinhos não tem nenhuma importância real. Eles representam a seção inferior da sociedade. Mas aqui em Vrindavana, tal posição é tão maravilhosa e encantadora que O achamos todo-attrativo – hipnotizando-nos.

"E Seu movimento é muito lento porém seguro. Seu movimento é tal que não Se importa com mais nada neste mundo. Embora Você se encontre numa posição inferior, Sua postura é tal que aparentemente Você não liga para nada neste mundo. Em Você encontramos a mais elevada concepção vestida de maneira bem simples – mas uma maneira muito maravilhosa. Em conexão conSigo, coisas de valor comum se tornam encantadoras. Embora eu seja o criador e tenha criado tudo, não consigo entender este tipo de Criação. Estou orgulhoso por ter criado tantas coisas neste mundo, mas estou atarantado ao ver a beleza do meio ambiente aqui em Vrindavana. Aqui, Seu movimento é lento, mas seguro e belo. Você pode ser o filho de um ser humano que cuida de vacas; esse não é um padrão muito elevado na sociedade ou nas escrituras, mas é a natureza de Sua personalidade que, não importa o que Você faça, aquilo passa a ter a posição mais elevada. Que é isso! Seja quem Você for, minha vaidade foi derrotada. Tomo refúgio a Seus sagrados pés – rendo-me. Por favor, ajude-me a compreender o que realmente Você é."

Dessa maneira, Brahma se rendeu. E assim, Krishna se encontra além da compreensão até mesmo do criador do universo. Ele é infinito. E Ele é infinito não só na consideração do espaço, mas também na consideração do tempo – Ele é infinito em qualquer tipo de consideração. Sua potência infinita está representada na consciência, na existência e também nas relações do amor.

DOÇURA ABSOLUTA

As escrituras nos dão três conceitos do infinito: Brahman, Paramatma e Bhagavan. O conceito Brahman é o infinito que tudo inclui. O que quer que concebamos encontra-se nele. Paramatma é o menor dos menores: *anor aniyān*. Qualquer coisa que se possa conceber como pequena, o Paramatma é ainda menor. E o Bhagavan, ou o conceito pessoal de Deus, é de dois tipos: um é o conceito dEle como o senhor de infinita majestade e poder, e o outro é o conceito dEle como a doçura absoluta.

Jiva Goswami deu o significado essencial de Bhagavan em seu *Bhakti-Sandarbha*. Ele diz: *bhagavan bhajaniya-sarva-sad-guna visistha*. Ele descreve como Bhagavan a este aspecto do infinito: *bhajaniya*, adorável. Quando entramos em contato com Ele, queremos nos render para a satisfação dEle – esse tipo de infinito. Existem vários tipos de infinito. O conceito mais elevado do infinito é *bhajaniya guna visistha*. Ele é tão lindo e atraente que está atraindo todos a se renderem a Ele. Nenhum outro conceito do infinito, nem do espaço infinito, nem do tempo, nem de coisa alguma, consegue se aproximar deste conceito mais elevado do infinito: o infinito todo-atrativo. Todos os demais aspectos do infinito – tempo infinito, espaço infinito, poder infinito – são externos. Porém, o amor infinito que atrai amor e autoentrega é o tipo mais elevado de infinito. E isso é Krishna.

Atração é o elemento mais fundamental em tudo. Tudo o mais pode ser eliminado e esquecido se entrarmos em contato com a atração e o amor. Tudo pode ser ignorado se estivermos em contato com o amor. A realização de nossa existência, de toda existência, de tudo, encontra-se no amor. O amor é o princípio central que é a única realização de toda a existência. O próprio cerne da existência encontra-se ali; isso não pode ser ignorado ou contestado através de quaisquer outras formas ou aspectos de nossa existência substancial. Isso é incontestável e absoluto.

Seja lá o que for que possamos experimentar, a necessidade mais central a ser preenchida permanece: o amor. O amor é o rei absoluto de tudo. Nada consegue persistir quando comparado a ele. Entrando em conflito com o princípio do amor, todos terão de aceitar a derrota. Mahaprabhu evidenciou que esta é a coisa mais substancial neste mundo.

Madhavacarya, em seu conceito sobre como devemos ver o acharya, o mestre espiritual, não conseguiu harmonizar a confusão de Brahma. Afinal, ele é o sampradaya guru, o principal guru da tradição, a *Brahma-Madhva-sampradaya*. Portanto, Madhavacarya omitiu estes dois capítulos sobre a ilusão de Brahma do *Srimad-Bhagavatam*. Mas Mahaprabhu não fez isto. Ele aceitou a edição de Sridhara Swami, que está de acordo com a filosofia *suddhadvaita* de Visnuswami. A *Visnuswami sampradaya* segue o *raga-marga*, a devoção espontânea. Sridhara Swami incluiu estes dois capítulos com seu comentário e Mahaprabhu aceitou-o, o que é corroborado no *Sri Chaitanya-caritamrta*. Madhavacarya não conseguiu acomodar a idéia

de que o guru pudesse ser seduzido. Não pôde tolerar a idéia de que
o guru pudesse não saber de tudo, pudesse não ser onisciente, mas
Mahaprabhu conseguiu.

* * *

DEUS COMO FILHO

Isto pode ser compreendido ao considerarmos que somos adoradores não da paternidade de Deus, mas da qualidade de filho de Deus. Não O adoramos como o criador ou como o controlador, no perímetro, mas no conceito filial, Ele Se encontra no centro. Ele não está na circunferência mas no centro. Não é que Ele esteja de um lado fornecendo tudo, criando tudo situado num plano secundário. Não – Ele Se encontra no centro. Este é o conceito do *Srimad-Bhagavatam*, a qualidade de filho, e depois a de consorte, aqui se encontra uma expressão mais celestial. Ele está lá no centro, e Suas extensões emanam dEle. Portanto, em nosso conceito do absoluto, Seu pai O está controlando, Sua mãe O está maltratando e punindo, e também O vemos cair aos pés de Sua amada. Sem falar no *guru*, até mesmo o próprio Deus pode aparentar ficar confuso quanto a Sua posição absoluta.

E por quê? Amor divino *Prema*. Assim, que coisa altamente preciosa deve ser o amor divino. Indo além da liberação, além da devoção calculista, no plano mais elevado de toda a Criação, o amor eterno reina supremo. E esse amor divino emana dEle tal como os raios de luz emanam do sol.

Portanto, Ele está no centro e Sua estensão encontra-se em todos os lados. Baladeva, de um lado, supre a energia da existência, mantendo tudo no segundo plano (o pano de fundo), e o lado extático é controlado por Sua potência de Srīmati Radharani, que consegue fazer com que o Independente Absoluto se converta numa bolinha para brincar em Suas mãos.

Isso é inconcebível, é incalculável, porém essa é a própria natureza da divindade. O Senhor diz: *aham bhakta-paradhino...* “Sim, aceitei livremente ser subjugado por Meus devotos. Não tenho independência própria. O modo como Meus devotos Me tratam é tão maravilhoso que Me torna subserviente a eles.” O amor divino é tão encantador

que é considerado como sendo a meta última da vida, e Sri Chaitanya Mahaprabhu veio pessoalmente junto com Nityananda Prabhu para divulgar essa notícia para o mundo.

OCEANO DE AMOR

Poderemos provar desta vida divina somente naquele plano do néctar. Poderemos viver nas ondas daquele oceano de amor é o objetivo mais elevado de nossas vidas.

Podemos manter nossas personalidades individuais naquele reino divino. Ao mergulharmos fundo naquele plano de consciência, não será necessário perdermos nossa própria personalidade, nossa própria individualidade. Isso não é nem um pouco necessário. E no entanto, a natureza do amor divino é tal que você ainda continua vivendo, mas vivendo por conta dEle, integralmente convertido a Seu serviço. É algo maravilhoso: pode-se manter a própria personalidade para o interesse de Krishna. Mas não se pode manter algum motivo egoísta, algum conceito de interesse separado. Fundir-se lá não é um fundir-se físico, mortal, não é um fundir-se do tipo perder-se, mas o tipo de fundir-se de que fala o *Srimad-Bhagavatam*:

*martyo yada tyakta-samasta-karma
niveditatma vicikirsito me
tadamrttvam pratipadyamano
mayatma-bhuyaya ca kalpate vai*

“Quem é submetido ao nascimento e à morte alcança imortalidade quando abandona todas as atividades materiais, dedica sua vida à execução de Minha ordem e age de acordo com Minhas diretrizes. Dessa maneira, fica apto a desfrutar da bem-aventurança espiritual derivada de intercambiar doçuras amorosas coMigo.”

E no *Bhagavad-gita* 18.55, Krishna diz:

*bhaktya mam abhijanati, yavan yas casmi tattvatah
tato mam tattvato jñatva, visate tad-anantaram*

“Somente através do amor e da devoção é que posso ser

compreendido como sou. Depois disso, compreendendo-Me plenamente, você poderá se fundir em Meu séquito."

Este "fundir-se" é explicado por Krishna: "Entra em Mim para tornar-se uma pessoa de Minha família. Entra no círculo de Minhas amizades: *visate tad anantaram*. Torna-se como se fosse Meu. Isso significa que sem perder sua personalidade, você pode ser totalmente Meu." Entrar na família do Senhor é um fundir-se vivo, não um fundir-se físico ou morto no Brahman, no espírito. Esse é o resultado de *prema*, o amor divino.

Esse ideal está acima do conceito geral de fundir-se na unidade do Brahman, onde nos perdemos num oceano de consciência como se fosse num sono profundo. Não estamos interessados nisso. Em vez disso, através da consciência de Krishna, nos perdemos nadando no oceano de doçura. Isto foi aceito por Sri Chaitanya Mahaprabhu.

VITÓRIA DA DEVOÇÃO

Certa vez, Radharani deixou o *rasa-lila* quando viu que todas as gopis estavam sendo tratadas quase igualmente por Krishna. Esse tratamento igual para com cada uma delas não A satisfez. Portanto, Ela decidiu demonstrar uma composição de canto e dança para agradar Krishna de um modo muito maravilhoso e transcendental. Radharani mostrou a Sua habilidade de várias maneiras, e então, no momento derradeiro, Ela repentinamente desapareceu. E como Krishna estava ocupado naquela combinação de cantar e dançar, Ele de repente descobriu que Radharani estava ausente. Assim, Ele deixou a todas para buscar por Radharani. Achou-A no caminho, e, após caminhar por algum tempo, Radharani Lhe disse:

– Não consigo me mexer. Não posso mais caminhar. Se quiser continuar, terá de Me carregar. Não consigo ir adiante." E, de repente, Krishna desapareceu.

Um discípulo de Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura perguntou-lhe certa vez por que Krishna desaparecera daquela forma. Mas nosso *guru maharaja* ficou muito perturbado ao ouvir tal pergunta. Neste *lila*, Krishna está aparentemente demonstrando pouco-caso por Radharani. Assim, nosso *guru maharaja*, por sua própria natureza, não podia nem mesmo tolerar tal pergunta. Ele tinha tanta parcialidade

para com Radharani que não estava disposto a ouvir qualquer coisa contra Ela. E assim, num humor um tanto excitado respondeu: “Você encontra alguma devoção aqui? Que *bhakti* se encontra aqui, para você ter me feito esta pergunta?” A pergunta foi rejeitada. Ele não podia tolerar nem mesmo uma indagação referente àquele passatempo.

Quando ouvi a respeito, tentei achar o que Bhaktivinoda Thakura escrevera em suas próprias palavras sobre este verso do *Srimad-Bhagavatam* na sua própria tradução, *Bhagavatarka-Marici-Mala*. Bhaktivinoda Thakura harmonizou as dificuldades no verso. Ele explicou que Krishna pensava que: “Gostaria de ver qual será a mentalidade de separação nEla.” Krishna desapareceu só para poder apreciar a profundidade da separação que Ela sentia dEle. E então, é claro, Krishna retornou após algum tempo.

Mas nosso *guru maharaja* não podia nem mesmo tolerar a idéia. “Onde se encontra a devoção aqui?” Mas Bhaktivinoda Thakura interpretou esse passatempo como significando que Krishna fora impelido a ver o tipo de felicidade em separação que Srimati Radharani experimentaria. Ele tomou isso como exemplo de como o absoluto Se torna subserviente a Seu devoto. E assim descobrimos que o lado negativo, Srimati Radharani, é tão poderoso que o lado positivo, Krishna, perde o poder perto dEla. É como se o positivo perdesse Sua existência separada. Essa é a vitória da devoção.

A devoção é representada como sendo o lado negativo puxando pelo positivo. Existe tanto o suco dentro da fruta quanto quem extrai o suco da fruta. A mais elevada devoção se encontra onde a extração está em sua condição de intensificação máxima – ali temos a vitória dos devotos: onde o absoluto aceita a derrota diante de Seus servos. Isto revela a real presença da devoção, dedicação e rendição.

SENHOR DO AMOR

A rendição é tão poderosa que pode até capturar o absoluto. Estamos aspirando por um tal tipo de potência. E quem possuir isso – estes serão a totalidade de tudo, serão nossos mestres. Para nosso melhor interesse, devemos olhar na direção em que tal poder seja intensificado. Tentaremos olhar para onde quer que encontremos

rendição num estágio intenso, condensado Nossa meta deve direcionar-se a isso. Estamos mendigando por isso. Não somos mendigos de algo que possa ser encontrado neste mundo mundano na dhanam na janam na sundarim. . não aos bens, não aos seguidores ou ao desfrute com mulheres, mas, eliminado tudo o mais, devemos direcionar nossa meta rumo a uma coisa – aquela condição mais intensificada de serviço divino ao Senhor do Amor.

Devemos tentar converter tudo de tal maneira que tudo possa ir para aquele quadrante desconhecido além da jurisdição de nossa experiência sensorial ou aquisição mental, como um foguete enviado ao espaço sideral. O *Srimad-Bhagavatam*, ao destilar a essência de todas as escrituras reveladas, diz que o amor divino é o que há de mais original e desejável. Não devemos nos permitir correr aqui e acolá buscando satisfação grosseira. Devemos concentrar fortemente nossa atenção no amor divino. O amor divino é o que há de mais elevado para nos, é o que há de mais elevado na Criação, de mais elevado na eternidade.

E postarmo-nos na posição negativa é a estratégia para se permanecer na relatividade da região mais elevada de serviço a Krishna. Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura certa vez compôs um verso expressando a atitude certa. *Pujala ragapatha gaurava bange mattala sadhu-jana visaya range*. “A senda do amor divino é adorável para nós e deve ser mantida nas alturas como nossa mais elevada aspiração.”

Ele ordenou que construíssem uma cabana para si em Govardhana e disse: “Vou morar aqui. Não sou qualificado para morar em Radha-kunda. Portanto, vou viver numa posição inferior, porém meus *gurus* – Gaurakisora Das Babaji, Bhaktivinoda Thakura, e outros – estão qualificados para ali servirem. Assim, irei servi-los lá no Radha-kunda, e depois retornarei a uma posição um pouco mais baixa, em Govardhana. Ficarei ali.” Essa é a tática certa para manter uma posição subjetiva no mundo subjetivo.

Senão, caso pensemos que nos encontramos na região mais elevada, essa realidade mais elevada desaparecerá de diante de nós. Somente de uma posição mais baixa poderemos mirar esse plano mais elevado com respeito. Mas sempre que pensarmos que alcançamos essa posição mais elevada, que já estamos lá – não estamos em lugar algum. Essa é a natureza do mundo mais elevado.

Assim, devemos manter uma distância respeitosa. Se tentarmos olhar diretamente, perderemos, mas se tentarmos olhar para tal plano através de uma tela ou desde um lugar escondido, então poderemos ver. É muito singular. Se queremos entrar em contato direto com coisas de uma ordem mais elevada, então elas desaparecem de nossa experiência. Se não conseguimos entrar em conexão direta com algo, poderemos descobrir a respeito através de espionagem – é algo assim como espionagem. Se tentarmos conhecê-lo diretamente, é impossível. Somente por detrás de um biombo é que se pode ter um vislumbre.

Dessa maneira podemos experimentar a mais alta verdade ontológica. Como se fosse por acaso a verdade ontológica vem a nós. Ele nos aceita repentinamente, e conseguimos encontrá-LO. Ele é absoluto. Ele é um autocrata. Ele é independente; podemos obter Sua conexão sempre que por Seu próprio capricho Ele o desejar. Nunca se encontra em minhas mãos Ele não é um objeto para ficar diretamente sob meu controle. Ele está sempre acima.

Através deste sistema, podemos chegar a mais alta realização. Na ordem mais elevada do *lila* de Radha-Govinda, Krishna pede a Radharani para fazer algo, e Ela Se recusa, dizendo: “Não, não vou fazer isso.” E, no entanto, isso tem sido aceito como o mais elevado humor do lado negativo. Negar a Krishna aquilo que Ele quer, se chama *bhama-bhava*. E Radharani está repleta dessa natureza. Mas isso acentua a ânsia, o anseio de Krishna. O sistema todo é tortuoso. E, no entanto, este é o meio recomendado para os mais pobres entrarem em contato com o mais elevado. É um maravilhoso estratagema. A transação direta, a transação clara face-a-face, está ausente aqui. É tudo como um roubo. Tudo lá é um desempenho furtivo. Na área mais elevada, na área da autocracia, tudo é chantagem. E por essa razão essa região é conhecida como *aprakrti* – apenas semelhante ao conceito mais baixo das coisas. Em nossa atual condição de vida, não conseguimos tolerar a autocracia que é considerada como sendo o que há de mais baixo. Porém, no mundo mais elevado encontra-se a autocracia. Portanto, essa região é conhecida como *aprakrti*: a região mais elevada do mundo transcendental que consegue harmonizar tudo.

A beleza daquele plano é tal que mesmo aquilo que aqui é considerado como sendo do tipo mais baixo, é harmonizado por lá. Lá, a força harmoniosa é tão grande, que o que aqui é indesejável,

desagradável e ruim, lá é harmonizado de tal modo que obtém a posição mais elevada. A posição singular de Krishna e tal que por Seu toque mágico o mais baixo prova ser o mais elevado. Por Ele estar lá, nenhuma mácula e mácula, é pura. A consciência de Krishna é o toque de Krishna, a beleza da mais elevada ordem. Assim como a pedra-de-toque não só converte prata em ouro, mas também transforma ferro, chumbo ou qualquer coisa inferior em ouro, a pedra-de-toque de Krishna é tão poderosa que por Seu toque mágico o tipo mais baixo daquilo que se encontra em nossa concepção recebe a mais alta posição.

Raghunatha Dasa Goswami disse que, se você for incapaz de aceitar isto como verdade, então você será lançado para baixo, ao Vaikuntha: "Vá viver lá, onde impera a lei geral, onde há relações justas. Desça para a terra das relações equitativas, relações simples, onde você poderá calcular e continuar a viver mui satisfatoriamente."

UM VAQUEIRINHO

Mas o mundo mais elevado de Vrindavana é uma posição por demais diplomática. Mesmo Mahadeva e Brahma, ambos ficam confusos ao tentar comprehendê-lo. Perplexo por Krishna, Brahma se rendeu a Ele e confessou "Como eu poderia saber que a verdade mais elevada era um vaqueirinho com uma vara sob o braço e um bocado de alimento em Sua mão, procurando por Seus amigos?" Brahma disse "Tenho alguma intimidade com meu pai Narayana, sempre que surge alguma dificuldade, me aproximo dEle para obter alguma instrução e depois ajo de acordo. Mas nunca entrei em conexão com qualquer poder supremo como esse. Um vaqueirinho tomando Seu alimento numa mão e com uma vara na outra, saindo em busca de Seus amigos – e Ele é o mais elevado? Isso é inconcebível. Mas agora vejo que Você está bem acima de meu pai Narayana. Sabemos que Vaikuntha é um campo justo e legítimo. Porém, jamais experimentamos tais passatempos de diplomacia obscura e cheia de tato. Não podemos ser censurados por não termos consciência de que esse tipo de coisa está acontecendo na região mais elevada. É algo maravilhoso e oculto, obscuro. E, no entanto, existe um plano desconhecido para nós onde há tanta opulência e doçura." Thomas

Gray certa vez escreveu:

"As escuras e inexploradas cavernas do oceano
Contêm tantas jóias plenas
dos mais puros e serenos raios;
Muita flor nasce para ruborizar-se sem ser vista,
E desperdiçar sua doçura no ar do deserto."

- *Elegia num Cemitério Rural*

Como é estranho descobrir que o mestre de tudo é um ladrão. Tudo pertence a Ele, e no entanto Ele surge como um ladrão. O mundo inteiro pertence a Ele, mas Ele atua o papel de um debochado. Todos os passatempos de Krishna são maravilhosos. Tudo pertence a Ele, contudo, Ele se comporta como um ladrão, como um de nós. Esse é um plano singular e um tipo de passatempo peculiar.

Lá, todos são iguais, e alguns podem até ser superiores. O pai e a mãe do absoluto podem estar castigando-O, e o Senhor poderá estar chorando. Aqui temos *bhakti*. Onde está *bhakti*? Qual é o sintoma da devoção pura? Onde a autoridade mais elevada se torna submissa ao servo – isso é devoção. *Bhakta-paradhinah*: o mais elevado foi forçosamente rebaixado para servir ao devoto. A devoção possui tal posição singular e poder. *Ksetra-hari prema bhajana*: a última aquisição de devoção é aquela que consegue controlar o Senhor Supremo e trazé-IO forçosamente ao devoto como servo amistoso. O mestre se rende ao servo.

O infinito está à disposição do finito. Podemos conceber isto? Não só isto, mas isso é feito furtivamente e de várias maneiras diplomáticas. Assim, na consciência de Krishna, o finito alcança a posição mais suprema e impensável, quando o infinito vem para serví-lo. Tal posição gloriosa e inimaginável parece impossível. No entanto, tal impossibilidade pode se efetuar via devoção, *raga*, amor. O poder do amor é inimaginável. Embora seja impossível, o infinito é derrotado pelo finito. Qual é essa posição inimaginável? Só pode ser alcançada através do amor.

E quanto adorável, e precioso e valioso é o amor! Nenhum sacrifício é suficiente para se adquirir sequer uma gota desse amor. Assim, somos encorajados a "morrer para viver". E nesse sentido, a morte irrestrita e adorável. Obter tal amor divino é o impossível do impossível,

porém Mahaprabhu veio para nos dar isso. Como Ele é magnânimo!
Ele mesmo tomou a posição de um pesquisador mendigando de porta
em porta "Aliste seu nome. Vim para recrutar todos para aquela região
mais elevada onde o infinito será um escravo do finito Tome uma
gota dessa coisa valiosa." É o impossível do impossível, o inconcebível
do inconcebível

Portanto, abandone seu hábito de correr como um louco, e reuna
e concentre toda sua força para progredir nessa linha, para tentar ir
para o templo do divino amor

No *Srimad-Bhagavatam*, 10.47.61, Udhava diz:

*asam aho carana-renu-jusam aham syam
vrndavane kim api gulma-latausadhinam
ya dustyajam svajanam arya-patham ca hitva
bhejur mukunda-padavim srutibhir vimrgyam*

"As *gopis* de Vrindavana abandonaram seus maridos, crianças, e famílias que são muito difíceis de se renunciar, e sacrificaram até mesmo seus princípios religiosos para tomarem refúgio aos pés de lótus de Krishna, os quais são buscados até mesmo pelos próprios *Vedas*. Oh, conceda-me a fortuna de nascer como uma folha de grama em Vrindavana, para que eu possa tomar a poeira dos pés de lótus dessas grandes almas sobre minha cabeça!"

O risco intensifica o sentimento de amor. Uma parte necessária da forma mais elevada do amor consiste de arriscar as assim chamadas realizações mundanas. A busca do amor divino deve ser empreendida até mesmo arriscando muito da assim-chamada pureza deste mundo. Isso domina a posição mais elevada. Ainda assim, isso deve ser empreendido com muito cuidado. Deve seguir a linha da humildade mostrada por Newton, considerado pelos cientistas de sua época como alguém que sabia tudo. Ele disse: "Nada sei." Esse é o caminho da devida realização. Quanto mais se estiver em meio à genuína pureza, tanto mais se pensará: "Sou impuro." Essa é a natureza da medição infinita. Por ser tão infinito, o encanto não pode ser avaliado a não ser desta maneira.

Quanto mais alcançam, mais desejam, e mais anseio se encontra neles. Essa é a característica da realização do infinito. Quanto mais se progride, mais se acredita estar desamparado para

avançar e avaliar. Nenhuma parte do infinito entra no plano da avaliação.

*mukam karoti vacalam panghum langhayate girim
yat krpa tam aham vande sri gurun dina-taranam*

Não conseguimos compreender o infinito; não nos achamos qualificados para fornecer nenhuma expressão sobre o mesmo, portanto ficamos mudos, pensando: “Que direi?” Porém, Ele nos faz falar, Ele nos faz abrir nossas bocas. Senão o leitor, o conhecedor, fica mudo.

Uma pessoa que busca de modo fidedigno fica muda diante dos modos de Krishna. Não consegue expressar isso. Porém, o poder superior desce e faz com que faça alguma declaração. Dessa forma, a verdade daquela parte chega até aqui. Ela começa a falar, dar vazão a seus sentimentos, pressionada pelo plano mais elevado, por aquela entidade mais elevada. Ela não possui nenhum poder próprio de caminhar, mas o maravilhoso poder do Senhor pode auxiliá-la a cruzar montanhas. Essa é a natureza da graça do todo-poderoso, do absoluto: por Seu poder, tudo pode se mover e viver. *Yato va imani bhutani jayante, yena jatani jivanti, yat prayanty abhisamvisanti:* “Ele é a causa da produção, sustento e novamente retração. Evolução, dissolução e sustentação no meio. Ele é a causa primordial, universal.”

Estamos brigando por ganhos fictícios numa terra estrangeira. Porém, Krishna está ocupado numa busca amorosa por Seus servos há muito perdidos. Ele quer salvá-los a todos e levá-los para o lar. Somente pela graça desse absoluto é que isso é possível. Uma onda está vindo de lá para nos levar de volta ao lar, aonde tudo finalmente entra. Tudo que é criado desaparece na existência sutil no momento da dissolução total deste mundo. Mas, novamente, com uma nova evolução tudo reaparece. E alguns entram no *lila* permanente e não retornam a este mundo de exploração e renúncia.

BUSCA POR KRISHNA

Devemos indagar sobre Krishna. Mas primeiro devemos indagar:

"Quem sou eu? Onde estou? De que maneira devo movimentar-me para me aproximar do domínio mais elevado?" Estamos sempre perguntando, mas por que tipo de coisas? Agora, devemos abrir bem nossos corações e indagar sobre Ele. Essa é nossa maior necessidade. Não podemos evitá-la. E não podemos prever o nível de pensamento daquilo que está contido nessa indagação. Brahman, Paramatma e Bhagavan. Indagar sobre Bhagavan é o mais elevado: é a busca por Sri Krishna, a Realidade, o Belo.

É uma necessidade natural dentro de nós, em nosso próprio interesse; não podemos evitar isso. Um homem sensato que não quer se enganar não pode evitar a busca por Sri Krishna. Indagar pela felicidade é a coisa mais ampla em nossa natureza. Essa é a questão geral de todos os seres animados. Buscar por Sri Krishna significa procurar por *rasa*, a mais alta forma de êxtase.

Se nos examinarmos, veremos e exclamaremos: "O que é que eu fiz? Qual é a minha necessidade? E como estou passando meus dias? Tenho que me arrepender, chorar. Passei meus dias inutilmente, sou um traidor de mim mesmo, estou cometendo suicídio. Minha verdadeira reclamação é contra mim mesmo e contra meus assim chamados amigos. Não temos nada a fazer por aqui." Portanto, leia e chore; faça ou morra! Progrida no caminho certo, ou você estará convidando sua morte. De maneira mais científica, o teor geral da vida, de toda a existência, será este: Buscar por Sri Krishna, a Realidade, o Belo. Essa é a meta mais elevada não só da humanidade, mas de toda a Criação. E por esse meio todos os problemas se harmonizam e se resolvem.

Não pode ser normal qualquer reclamação contra esta tentativa. O desvio dessa instrução geral, o chamado geral, é completamente falso, desnecessário e injuriante. Esta é "a" verdade, a necessidade de todo mundo, onde quer que haja vida. O mais grandioso, amplo e amistoso chamado a todos, ao mundo inteiro – o único chamado amigável – é esse: "Marche rumo a Krishna." É o único chamado. Todos os demais tópicos devem ser silenciados, devem ser interrompidos, e o verdadeiro bem-estar do mundo permanecerá se apenas este chamado permanecer. Assim, os *Upanisads* dizem: *yasmin vijñate sarvam idam vijñatam bhavati yasmin prapte sarvam idam praptam bhavati.*" Indague sobre aquilo que ao ser conhecido, nada mais restará a ser conhecido. Tente alcançar aquilo que ao

ser obtido, nada mais restará a obter."

Está sendo emitido um chamado abrangente, e este é realmente não-sectário. Parece ser considerado como sendo sectário pelos pensadores anormais. Mas para cada pessoa de pensamento normal, é a coisa mais universal e geral com que se pode lidar.

No presente, estamos numa terra estrangeira brigando por ganhos fictícios. Mas uma onda doce está vindo do alto para nos salvar e levar a todos para o lar. Somente pela graça da busca amorosa do Senhor aos Seus servos perdidos é que isso é de todo possível. E tudo que se espera de nós é que nos juntemos à busca por Sri Krishna e marchemos rumo ao domínio divino. Vamos juntarnos à marcha universal rumo ao domínio divino, vamos salvar-nos e ir de volta ao lar, de volta para Deus!

* * *

DEVOÇÃO DESPROVIDA DE CONHECIMENTO

*bhidya-te hrdaya-granthis
chidyante sarva-samsayah
ksiyante casya karmani
mayi drste'khilatmani*

"Nossa aspiração interna por rasa, por êxtase, encontra-se sepultada em nossos corações que estão atados e selados. Porem, ouvir e cantar as glórias de Krishna arrebenta o selo do coração e permite que este desperte e se abra para receber Krishna, o reservatório do prazer, o próprio êxtase personificado."

Aqui, o Srimad-Bhagavatam está dizendo: "Existe um no em nossos corações, mas este nó sera arrebatado pela consciência de Krishna. Nesse momento, o fluxo de nossa tendênciia inata pelo amor divino (svarupa sakti) inundará o coração por inteiro. Quando o nó do coração for despedaçado e à medida em que a alma adormecida desperta, o conceito interno de Goloka emergirá e inundara todo seu ser"

Mas isto parece ser um problema difícil. Como é possível que todas nossas dúvidas possam se aclarar? É possível ao finito conhecer tudo? Uma tal declaração parece um tanto inconsistente. Parece absurda. Contudo, os *Upanisads* dizem: "Quem O conhece, conhece tudo; quem O alcança, obtém tudo." Como o finito saberá que obteve tudo, que chegou a conhecer tudo? Isso parece absurdo, porém é confirmado nas escrituras. E se este problema for resolvido, então todos os problemas serão resolvidos automaticamente. O finito vivenciará a satisfação integral; todas suas tendências perquiridoras ver-se-ão satisfeitas. Isso é confirmado não só nos *Upanisads*, mas também no

Srimad-Bhagavatam.

Logo que cheguei à Gaudiya Math pela primeira vez, me misturava aos devotos com muito cuidado. Eu pensava: “Eles dizem que o que ensinam é a única verdade e que tudo o mais é falso – essa é uma pílula amarga de se engolir. Eles dizem: “Todo mundo está sofrendo de ignorância. E o que nós afirmamos é a coisa certa.” Pensei: “O que é isso! Uma pessoa sensata não pode engolir facilmente uma pílula dessas.” Eu também não conseguia digeri-la tão facilmente de princípio. Mas o que eles diziam havia sido confirmado por Sri Chaitanya Mahaprabhu, pelo *Srimad-Bhagavatam*, pelo *Bhagavad-gita* e pelos *Upanisads*. Todas essas autoridades dizem: “Sim, é assim mesmo. Ao conhecê-IO, se conhece tudo o mais. Ao alcançá-IO, se obtém tudo o mais.”

O *Srimad-Bhagavatam*, 4.31.14, num verso similar ao da linha acima dos *Upanisads*, também diz que todas as dúvidas são aclaradas pela consciência de Krishna, e, como resultado, alcançamos o conhecimento real. Lá está escrito:

*yatha taror mula nisecanena
trpyanti tat-skandha-bhujopasakhah
pranopaharac ca yathendriyanam
tathaiva sarvarhanam acyutejya*

«Regando-se a raiz de uma árvore, todas as folhas e galhos são automaticamente nutridos. De modo semelhante, por suprir alimento ao estômago, todos os membros do corpo são nutridos. Da mesma maneira, ao satisfizermos o conceito central do Supremo Absoluto, todas nossas obrigações são automaticamente satisfeitas.»

Se colocamos alimento no estômago, o corpo todo é alimentado. Se derramamos água na raiz da árvore, a árvore inteira é nutrita. Da mesma maneira, se cumprimos nosso dever para com o centro, então tudo estará feito. Essa é a grandeza, a posição misteriosa do centro absoluto: Ele possui controle sobre o todo completo. Esta é a peculiar posição do centro no sistema do todo orgânico.

Se determinada posição do cérebro for capturada, então o corpo inteiro será controlado: basta uma agulha naquela seção em particular do cérebro para que todas as funções do corpo sejam paralisadas. A posição peculiar do centro absoluto se assemelha a isso. Desse modo, o impossível se torna possível.

Suponhamos que eu seja uma moça pobre que nada possui. Normalmente, não seria possível adquirir qualquer coisa. Mas se me casar com um homem rico dono de uma grande propriedade, posso ter o comando sobre muitas coisas através de minha relação com ele. Embora possamos ser pobres, nosso relacionamento com um patrão poderoso nos torna senhores de muitas coisas. Igualmente, o Centro Absoluto controla tudo, e nosso relacionamento afetuoso com Ele poderá nos conceder comando sobre muitas coisas. É desse modo que é possível para a alma finita tomar posse de tudo – através do elo sutil da afeição.

Através de Krishna tudo é possível. E quanto mais nos aproximamos de Ele, mais obteremos Sua influência inspira Seus devotos, e todas Suas qualidades preenchem seus corações (*sarva maha-guna-gana vaisnava-sarire, krsna-bhakte krsnera guna sakali sancare* – Sri Chaitanya-caritamrita, Madhya-lila, 22.75. Dessa maneira, embora não seja ele mesmo um senhor, através do elo do amor o devoto poderá ser senhor de qualquer coisa. Essa é a linha de pensamento explicada pelo *Srimad-Bhagavatam* e pelos *Upanisads*.

Sem uma verdadeira conexão com o centro absoluto, suas tentativas de conhecer tudo serão inúteis. Se você tentar conhecer mesmo uma partícula de areia, passar-se-ão vidas e vidas, milhões de vidas passarão, e você continuará a analisar a areia, sem encontrar o final da tentativa de compreender mesmo uma partícula.

O CENTRO ABSOLUTO

Somos instruídos a que: “Se você quer indagar, indague sobre o centro”. Esse é o chamado dos *Upanisads*: “Não desperdice seu tempo tentando analisar a menor parte desta Criação, buscando ser seu senhor; isso não é possível. Sua indagação deve estar devidamente orientada.” Krishna diz: “Eu sou o centro, e digo: Conheça-Me e através de Mim você será capaz de conhecer tudo, pois conheço tudo e controlo tudo. Sua conexão coMigo poderá dar-lhe essa capacidade. Aproxime-se de tudo por Meu intermédio. Nisso, você será capaz de conhecer a devida posição de tudo. Senão, você se familiarizará somente com um aspecto parcial da realidade, o que será externo e incompleto. E você passará milhões de vidas sem fim tentando conhecer e entender a realidade.” O *Bhagavatam* diz:

*athapi te deva padambhuja-dvaya-
prasada-lesanughrita eva hi
janati tattvam bhagavan mahimno
na canya eko'pi ciram vicinvan*

“Somente quem é abençoado com a misericórdia do Senhor pode conhecer Sua verdadeira natureza. Por outro lado, aqueles que tentam empiricamente compreender Suas glórias inconcebíveis podem estudar e especular para sempre sem chegar à conclusão acertada.”

Aqui, através do *Bhagavatam*, Krishna nos diz: “Você pode se devotar por uma eternidade numa direção errônea, sem nenhuma possibilidade de alcançar o final do entendimento. Mas se você tentar se aproximar do centro absoluto, então poderá instantaneamente conhecer o que é o quê.” Essa é a orientação dada pelos *Upanisads* e pelo *Srimad-Bhagavatam*, essa é a direção que devemos tomar, e isso é devoção.

É tão satisfatório que, uma vez que você tenha alcançado isso, não se preocupará em conhecer qualquer outra coisa. Precisamos apenas nos concentrar no serviço a Krishna. O *Srimad-Bhagavatam*, 10.14.3, declara:

*jñane prayasam udapasya namanta eva
jivanti san-mukharitam bhavadiya vartam
sthane sthitah sruti-gatam tanu-van-manobhir
ye prayaso 'jita jito 'py asi tais tri-lokyam*

“Abandonando com desgosto todas as tentativas de compreender a Suprema Verdade, aqueles que desejam realizar o Senhor devem render-se completamente a Ele. Devem ouvir o Seu santo nome e Seus passatempos transcendentais de devotos auto-realizados. Em qualquer que seja a situação em que se encontrarem, devem progredir dedicando plenamente sua mente, corpo e palavras ao Senhor. Dessa maneira, o infinito, que jamais alguém consegue conquistar, passa a ser conquistado por meio do amor.”

Só conseguimos nos aproximar do Senhor Supremo através da submissão, e quando O alcançarmos, nem ligaremos por conhecer mais nada. Não ligaremos para o que está acontecendo ou não no

mundo exterior. Nos ocuparemos profundamente no serviço a Ele para Sua satisfação. Lá, em Seu serviço, descobriremos preenchido o objetivo de nossas vidas. E esse conhecimento externo das “coisas lá fora” parecer-nos-á entulho. Perceberemos: “Qual a necessidade de desperdiçar tempo com toda sorte de cálculos – o néctar está aqui! É muito mais profundo do que o que se encontra no plano externo.” E nesse momento, voltaremos toda nossa atenção para o Seu serviço.

Frequentemente, se pergunta por que Sri Chaitanya Mahaprabhu ignorou o varnasrama-dharma – o sistema de estratificação social védico, e por que nossa escola devocional aceita qualquer pessoa de qualquer posição social? Precisamos atravessar as restrições do sistema de casta (varnasrama-dharma), do oferecer os resultados de nosso trabalho a Krishna (krsna karmarpanam), da devoção misturada com o desejo de desfrutar dos frutos do trabalho (karma-misra-bhakti) e da devoção misturada com o desejo de desfrutar da liberação (jñana-misra-bhakti). Tudo isso foi rejeitado por Sri Chaitanya Mahaprabhu. Seu slogan era eho bahya age kaha ara “Estas coisas são externas; vá mais fundo, aprofunde-se.” Quando Sri Chaitanya Mahaprabhu perguntou o que estaria situado muito além e acima de todos esses diferentes conceitos de teísmo, Ramananda Raya sugeriu jñana-sunya-bhakti, devoção sem misturas, pura. Quando isso foi sugerido por Ramananda Raya, Mahaprabhu disse: “Sim, aqui começa o verdadeiro teísmo.”

CARMA E JÑANA

Isso significa que carma, o trabalho fruitivo, e jñana, o cultivo do conhecimento, são desnecessários. Pode-se começar uma vida de bhakti independente de carma e jñana – a partir de qualquer posição. Bhakti só precisa ser desenvolvida através de sukrti, da piedade devocional acumulada, e através de ruci, de nossa sinceridade e ânsia por Krishna. Isso é o que é necessário, e não nossa aspiração por conhecer qualquer coisa e a tudo (jñana), ou de termos tanta energia sob nosso controle (carma). Essas duas sendas nos levam à exploração e à renúncia. Porém, onde quer que se esteja, se quisermos entrar em contato com o Senhor, precisaremos ter apenas um pouco de inclinação por ouvir a respeito dEle de uma fonte apropriada, de um verdadeiro santo. E assim, pode-se principiar na escola bhakti.

independente de qualquer posição havida no sistema social de varnasrama.

Para se tornar consciente de Krishna, não é preciso ser um homem sábio, nem um homem muito energético, nem ser senhor de opulência e poder – o único requisito exigido é que se tenha um anseio sincero pelo Senhor. Deve-se encontrar alguma docura, algum sabor em Suas palavras e Suas atividades ao ouvi-las de uma fonte apropriada – de um santo genuíno. Esse sabor levará a pessoa gradualmente cada vez mais adiante, rumo ao domínio mais elevado.

Se desejarem ser bem sucedidos em sua busca pelo infinito, os buscadores de conhecimento e poder – os *jñanis* e carma – terão afinal de se livrar de seus apegos, libertarem-se de seu círculo e chegar a essa posição. Terão de depender do sabor. Gosto é tudo. A qualificação mais importante para um devoto é o gosto pelos assuntos relacionados a Ele. Isso é tudo. E não importa onde a pessoa se encontre. Através de seu gosto por Krishna, a pessoa progredirá desde *ruci* até à meta final da vida.

Por isso, somos advertidos: “Abandone tudo e, até mesmo rejeitando todos os conceitos de sociedade e religião como sendo externos, renda-se exclusivamente a Krishna”. Sem hesitar, devemos nos refugiar no Senhor com plena confiança e exclusividade, abandonando a má associação, e até mesmo negando os princípios reguladores que governam a sociedade e a religião. Isto é, devemos abandonar todo apego material. *Saranagati*: busque o refúgio absoluto de Sua proteção.

A TREPADEIRA DA DEVOÇÃO

Um devoto pensa: “Krishna é muito, muito doce. Não posso evitá-lo, não consigo viver sem saborear Sua docura.” Esse sentimento é a verdadeira semente que pode produzir a trepadeira de *bhakti*, a trepadeira da devoção. E esta crescerá gradualmente até tocar os pés de Krishna.

A trepadeira crescerá e, no entanto, não tentará encontrar apoio em qualquer lugar dos planos de consciência dentro deste mundo, porém crescerá cada vez mais alta. Finalmente, ao alcançar o conceito pessoal do Absoluto, experimentará algum tipo de satisfação. Contudo, não parará por aí. Subirá até Goloka. Não parará na devoção calculista.

de Vaikuntha Atravessando aquele plano, ascenderá ao estágio da devoção espontânea, automática

DE VOLTA A DEUS

Lá encontraremos o Senhor do Amor. O amor é o fator de veneração e adoração existente por todo aquele plano. A característica essencial daquele reino é a relação de amor divino com o objeto central. E encontraremos nossa satisfação ao conseguirmos serviço em determinada posição em relação a Ele. É isso que todo mundo precisa. entrar na terra do amor e obter alguma ocupação no serviço amoroso da representação central de docura absoluta, beleza e amor. E aquele centro absoluto mais elevado adveio como Sri Chaitanya Mahaprabhu a fim de convidar Seus servos há muito perdidos a retornarem para Sua casa e, dizendo: "Vim para convidá-los e levar a todos para Meu lar – venham coMigo!" Que oportunidade afortunada temos! Ao aceitarmos Sua proposta e ao conseguirmos ingressar nessa linha, quão felizmente poderemos retornar ao lar, de volta a Deus

Esta é a essência mesma de todas as religiões. Cada alma está buscando pelo amor divino seja consciente ou inconscientemente. Ainda assim, diferentes variedades de obstáculos estão aparecendo para nos dissuadir de nossa campanha. Porém, o coração não ficará satisfeito a não ser e até que chegue lá. Uma vez iniciada, nossa jornada rumo a Krishna nunca poderá ser detida em lugar algum. Poderá ser uma mera questão de atraso; poderá se passar um longo, longo tempo, eras e mais eras, mas nosso sucesso final não poderá ser obstado.

Somente Krishna consegue nos atrair de verdade. Não conseguimos apreciar nada mais a partir do fundo de nosso coração e aceitamos isso como nosso destino final. Desejamos apenas beleza e amor e não poder e conhecimento.

MENDIGOS DO AMOR

Poderá parecer que desejamos poder. Às vezes, pensamos que precisamos ter de tudo; desejamos essa capacidade controladora. Queremos que tudo passe a ficar sob nosso controle, que qualquer

coisa que queiramos se realize. Mas isso não é o que realmente queremos. Poderá parecer que desejamos poder, mas afinal o poder não consegue nos satisfazer. E, às vezes, poderemos pensar que queremos saber tudo. Pode ser que não desejemos o poder de controlar a tudo, mas queiramos saber tudo; não gostamos de ser ignorantes. Porém, essa também não é a meta final que poderá satisfazer nossa necessidade interna. Isso não é o que realmente queremos. Precisamos ficar inteirados da nossa verdadeira necessidade – a busca interna de nossos corações. Se o fizermos corretamente, descobriremos que somos todos mendigos do amor e da afeição. A adoração é a necessidade mais íntima em toda parte. E isso só pode ser completamente satisfeito nos passatempos de Krishna em Vrindavana.

Esta conclusão foi difundida por Vedavyasa, o compilador das escrituras védicas. Até mesmo os eruditos contemporâneos admitem que Vedavyasa disseminou todas as possíveis linhas de pensamento filosófico nos *Vedas*, *Puranas*, *Mahabharata* e *Vedanta-sutra*. E em seus últimos dias, na sua maturidade filosófica, ele deu o *Srimad-Bhagavatam*, o qual culmina no conceito do amor divino, *Krishna-prema*.

“QUEREMOS KRISHNA”

Beleza, amor, afeição e harmonia são o anseio mais íntimo de toda alma vivente e não o poder, o conhecimento ou qualquer outra coisa. Este é o diagnóstico de toda a Criação no tempo e no espaço: a causa em comum é uma só. Mas é raro uma alma chegar a um estágio tão claro de anseio pela realidade que lhe permita entender este ponto. Encontramos poucas almas neste mundo realmente conscientes de sua necessidade mais íntima, que percebem que: “Queremos Krishna! Queremos Vrindavana!”. Tais almas sinceras não são facilmente encontradas. Isso é mencionado em vários lugares nas escrituras (*Manusyanam sahasresu... narayana parayana... brahmanam sahasrebyo...*).

Só existe uma meta – não é preciso muitas – somente uma, *aquela* meta, aquela que estamos desejando e que é uma relação de amor divino.

É impossível obter uma compreensão intelectual da consciência de Krishna. Assim como uma abelha não consegue provar mel

lambendo o exterior de uma jarra de vidro, não se pode adentrar no domínio do espírito mais elevado através do intelecto. Como sujeitos, somos subordinados ao Senhor Supremo. Portanto, deve haver seva, serviço. Seva é o fator todo-importante. No *Bhagavad-gita*, menciona-se que *pranipata*, aproximar-se com respeito, *pariprasna*, indagar sinceramente, e seva, a atitude de serviço, são necessários para se entrar no domínio do amor divino. Krishna ficará satisfeito e descerá somente através do serviço, e só então conseguiremos compreender a natureza do plano superior. Isto é conhecimento védico.

Somos *tatastha-sakti*, potência marginal, e se quisermos conhecer qualquer verdade a respeito da realidade superior, devemos compreender que esta é mais sutil que nossa existência, que é supra-subjetiva. Ela pode nos tocar, porém nós não conseguimos subir até esse domínio por nossa própria doce vontade. Somente o conseguiremos se recebermos a graça que pode nos fazer subir.

Quem tiver esta compreensão conseguira combater todos os intelectualistas existentes. O intelecto não tem capacidade para entrar na área subjetiva superior. Esta verdade suprema é *atindriya-manasa-gocarah*: situa-se além do plano dos sentidos, da mente e do intelecto. Esta expressão *manaso vapuso vaco vaibhavam tava gocarah*, em que Brahma admite diante de Krishna que Ele se encontra além do alcance de seu corpo, de sua mente e das palavras, não foi só uma declaração insincera superficial. Se quisermos conhecer a verdade absoluta, somente conseguiremos vivê-la numa condição e atitude submissas. Dessa maneira, Ele poderá ficar satisfeito com nossa tentativa e revelar-Se a nós. A revelação divina não é uma questão de pesquisa neste mundo – deveríamos ter um coração sincero e disposto a servir.

Os cientistas têm descoberto coisas maravilhosas. Porém, essas tantas coisas já não existiam? Ou seriam os cientistas seus criadores? Essas verdades maravilhosas já estão aí. Apenas algumas delas estão sendo descobertas. Não são criação dos cientistas, logo eles não são superiores a essas verdades. E em todo caso, só conseguem conhecer uma parte delas, e mesmo isso com algum esforço. Porém, embora possam continuar a pesquisar, pesquisar e pesquisar, a natureza consciente da realidade, a razão superior da divindade, é desconhecida deles. O que quer que descubram é apenas parte da cobertura externa, não é o verdadeiro espírito, a substância. Na te-

viduh svartha-gatim hi visnum. No *Srimad-Bhagavatam*, 7.5.30, está escrito:

*matir na krsne paratah svato va
mitho 'bhipadyeta grha-vratanam
adanta-gobir visatam tamisram
punah punas carvita-carvananam*

O *Srimad-Bhagavatam* nos ensina que através do intelectualismo podemos tentar entender o mundo da realidade superior, mas haveremos de retornar perplexos em nossas tentativas. Se tentarmos pressionar a entrada nesse domínio por meio de nossa inteligência, voltaremos insatisfeitos e desanimados e vagaremos repetidamente aqui neste mundo mortal. O mundo da experiência sensorial vai e vem através de suas diferentes fases, mas não consegue entrar naquele plano espiritual. O único requisito para se entrar naquele mundo e a submissão a um agente verdadeiro da divindade. Este poderá revelar o processo e, se pudermos aceitar isso, conseguiremos entrar naquele mundo; caso contrário, teremos de vagar neste mundo de experiências sensoriais.

Alguns eruditos pensam que o conhecimento tem importância primordial. Segundo eles, se quisermos entrar naquele reino, devemos primeiro adquirir conhecimento através da erudição e depois tentar o amor. Acham que através do conhecimento por si só, podemos compreender o que é o amor divino, e então seremos capazes de ingressar naquele domínio. Não aprovam a idéia de *jñana-sunya-bhakti*, ou da “devoção-livre-de-conhecimento”.

Certa vez, o fundador do Bharat Seva Asram Sangha queria que eu me juntasse à missão dele. Disse-lhe: “Minha cabeça já foi comprada pelos ensinamentos de Sri Chaitanya-deva.” Ele disse: “Sim, também O reverencio, mas digo que primeiro você deve aprender a indiferença ao prazer mundano, conforme pregava Buda. Então, você poderá vir a estudar o *Vedanta* de Sankara, entender o que é o conhecimento propriamente dito e realizar que este mundo todo é nada, e que o Brahman, o espírito, é tudo. Nisso, você poderá se aproximar do *prema-dharma*, o amor de Sri Chaitanyadeva, que também penso ser o objeto de realização mais elevado.” Retruquei: “Você diz isso, mas Sri Chaitanyadeva não disse que deveríamos ir à

escola Budista para aprender abnegação e depois para a escola Shankarista para adquirir conhecimento Vedantista antes de chegar até Ele. Ele disse que, a partir da posição em que nos encontramos, devemos obter a associação de um verdadeiro santo Vaisnava e continuar com *savana-kirtana*, o ouvir e o cantar das glórias do Senhor.” O homem ficou mudo. Não conseguia falar; foi silenciado.

De outra feita, o presidente da Arya Samaj veio ver-me em Karachi e me disse que: “Se o finito pode conhecer o Infinito, então Ele não é infinito”. Repliquei: “Se o Infinito não puder dar-se a conhecer ao finito, então Ele não é infinito”. Não consegui responder a meu argumento.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Portanto, não é através de qualquer qualificação de nosso lado que o absoluto pode ser percebido. Ele somente será conhecido por aquele a quem Ele decidir Se dar a conhecer. Isso é explicado nos Upanisads: Ele não pode ser conhecido através de palestras ou debates, por meio de uma memória aguçada ou de uma vasta inteligência, ou ainda pela genialidade ou por um intelecto sobrenatural. Pode-se ter estudado extensamente todas as escrituras reveladas, porém isso não é qualificação Krishna reserva para Si toda independência. Só existe um jeito de conhecê-LO. Ele será conhecido por aquela pessoa a quem Ele decidir Se dar a conhecer. De outra maneira, por Sua doce vontade, todos os direitos estão reservados.

Como podemos atrair Sua doce vontade? Eis a questão. Como poderemos atrair Sua doce vontade? Isso só pode ser feito através de saranagati, a rendição, pelo aumento do nosso lado negativo. Devemos pensar “Sou tão pobre, sem Sua graça, não posso viver”. Devemos pensar assim para tentar despertar a misericórdia no Seu coração. Devemos apelar para Sua compreensão de que nos encontramos em necessidade extrema dEle e que sem Sua graça não conseguimos viver. Somente tal tipo de sentimento sincero de necessidade consegue atrair Sua atenção para nós. Caso contrário, não temos nenhuma possibilidade de capturá-LO. Portanto, a abordagem negativa tem sido recomendada para capturá-LO. Nossa oração exclusiva e que somos os mais necessitados e sinceros. Só isso pode atrair Sua atenção para nós. E isso não é uma opinião ou

especulação, e um fato. Esta é a realidade

Certa vez em Badarikasrama, conheci um *sannyasi* erudito que se posicionou como um ateu no decorrer de nossa discussão. Ele argumentava: "Qual a evidência da existência de Deus ou da alma?" Então, citei um verso do *Srimad-Bhagavatam*, 11.22.34:

*atma parijñana-mayo vivado
hy astithi nastiti bhidartha-nisthah
vyartho 'pi naivoparameta pumsam
mattah paravrtta-dhiyam sva-lokat*

Expliquei-lhe que embora *atma*, o espírito, seja auto-refulgente, existe uma constante rixa entre dois partidos opostos. Um partido diz: "Deus existe!" O outro diz: "Deus não existe!" O *Srimad-Bhagavatam* diz que o *atma* é auto-refulgente, mas ainda assim verificamos que uma classe de homens diz: "Ele existe, podemos vê-LO, Ele pode ser visto." Esta rixa não tem fim porque um dos partidos não tem olhos para ver o que é autoevidente. Esta rixa é uma inútil perda de tempo, mas ainda assim nunca irá terminar; continuará para sempre. Por quê? Porque existem aqueles que têm olhos para ver Deus, e aqueles que não têm olhos para vê-LO ou a si próprios. Uma dessas classes de homens desviou-se da consciência de Deus. Há uma barreira entre eles e a consciência de Deus, entre eles e a autoconsciência. Logo, a desavença só continuará devido à ignorância deles.

Aqueles que têm olhos para ver dirão: "O sol existe; ali está o sol". E aqueles que não tem olhos dirão: "Não, não, não existe sol". Esse argumento continuará para sempre, mas isso não significa que o sol não exista. Ele pode se mostrar.

Com relação a isso foi feita uma analogia. Um menino nasceu numa masmorra, numa prisão escura. E cresceu sem ter nenhuma experiência da luz do sol. Um de seus amigos de fora da prisão costumava vir e visitá-lo. Certo dia, o amigo do menino disse:

– Vamos ver o sol. Venha comigo, vou lhe mostrar. O menino replicou:

– Sim, eu vou." Porém começou a levar uma lanterna consigo. Seu amigo comentou:

– Não é necessário levar a lanterna.

O menino disse:

– O que você está dizendo! Você pensa que sou idiota? Alguém consegue ver alguma coisa sem ajuda de uma lanterna? Não sou burro!"

Então, seu amigo o pegou pela mão à força e mostrou-lhe o sol e o menino disse:

– Oh, isso é o sol! Por sua luz tudo pode ser visto.

A alma é assim. Deus é assim. Ele só pode ser visto através de luz própria, e é só através de Sua luz que podemos ver qualquer coisa. Ele é auto-refulgente. Por meio de Sua própria luz Ele pode Se mostrar a alguém. Ele é a fonte de todo conhecimento. Este é o conceito apropriado de Deus. Ele está existindo automaticamente. Não pode ser visto por meio de nosso conhecimento, assim como o sol não pode ser visto com auxílio de qualquer outra luz. Não é necessário tentarmos adquirir consciência de Deus através do intelecto ou do conhecimento. O conhecimento de Deus é independente. Pode ir e vir por sua própria vontade. E se Ele vier a mim, tudo virá a mim. Porém, nada pode forçá-LO a colocar-Se diante de nossa visão. O sol não pode ser levado para dentro de nossa masmorra, mas é preciso que busquemos o sol e vejamos as coisas pela graça dele; da mesma maneira, o Senhor é auto-refulgente. Ele só pode ser visto por Sua própria luz.

O intelectualismo é uma desqualificação. Estamos interessados em *jñana-sunya-bhakti*, devocão livre de conhecimento. Afeição, atração, simpatia – estas coisas resultam de se ter um coração. Os cientistas acham que os animais não tem um cérebro verdadeiro, não possuem nenhuma inteligência. Contudo, vemos que até mesmo sem ter muito cérebro, um animal consegue viver, porém sem um coração, um animal não consegue viver, ninguém consegue viver. Como o cérebro é uma representação de um computador, os animais não têm um verdadeiro computador para calcular. Animais podem seguir o conhecimento intuitivo, e assim conseguem funcionar inconscientemente. E podemos ver que a intuição pode ir além do cálculo cerebral. Tantas aves e bichos conseguem compreender que está para ocorrer um terremoto, porém, até agora, nenhum cálculo humano jamais conseguiu compreender precisamente quando irá acontecer um terremoto. Há muitas coisas que nosso cérebro não consegue sentir, não consegue captar, ao passo que até mesmo os animais conseguem receber algum indício de antemão. E após longa

e profunda pesquisa, os homens não conseguem encontrar o que está além de sua razão. A posição da razão e do intelecto é explicada no *Srimad-Bhagavatam*, 10.14.3:

*jñane prayasam udapasya namanta eva
jivanti san-mukharitam bhavadiya-vartam
sthane sthitah sruti-gatam tanu-van-manobhir
ye prayaso 'jita jito 'py asi tais tri-lokyam*

"Rejeitando com aversão qualquer tentativa dentro da linha intelectual, devemos nutrir em nós um espírito submisso, tentando viver nossas vidas na associação com os tópicos sobre o Senhor. É claro que isso não significa qualquer tópico sobre o Senhor; estes devem provir de uma fonte genuína. E não importa que posição tenhamos no momento. Quem prestar atenção sincera aos ensinamentos de Seus agentes divinos através do pensar, do falar e do agir, poderá conquistar a Ele que de outra maneira seria invencível."

Esta é a senda da realização recomendada pelo *Srimad-Bhagavatam*, que condena a senda da realização intelectual:

*sreyah srtim bhaktim udasya te vibho
klisyanti ye kevala-bodha-labdhyate
tesam asau klesala eva sisyate
nanyad yatha sthula-tusavaghatinam*

"Ó Senhor, aqueles que desejam ter um conceito claro de Sua pessoa através de seus intelectos percebem que suas tentativas são inúteis. Seus esforços findam apenas em frustração, tal como quem tenta pilar cascas de arroz vazias" (*Srimad-Bhagavatam*, 10.14.4)

Assim, *jñana*, conhecimento, é como uma casca de arroz vazia. Energia e conhecimento são apenas aspectos externos. A verdadeira substância, o arroz, é a devoção – o amor. Isso é a coisa interna e saborosa. O demais são coberturas (*jñana-karmady-anavrtam*). Mas o que se encontra dentro da cobertura tem sabor, é eterno, auspicioso e lindo: *satyam, sivam, sundaram*. Beleza é a realidade, êxtase é a realidade; tudo o mais é apenas uma cobertura externa. Se nos ocuparmos da cobertura, não conseguiremos obter a substância que se encontra dentro. Então, nossa vida vira um desapontamento:

*naiskarmyam apy acyluta-bhava-varjitam
na sobate jñanam alam niranjanam*

*kutah punah sasvad abhadram isvare
na carpitam karma yad apy akaranam*

"A mera saída de circulação não é considerada como sendo realização na vida de ninguém. Embora no estágio da liberação não encontremos nenhuma contaminação de morte, nascimento, doença e debilidade, ainda assim essa não pode ser considerada a perfeição. Então, que dizer de carma, uma vida laboriosa de trabalho que não é feito para a satisfação de Krishna?" (SB 1.5.12)

Krishna é a única coisa que pode trazer realização tanto no trabalho quanto no descanso: Ele é o princípio harmonizador de ambos. Se o trabalho for feito como um serviço a Krishna, então nosso trabalho se converte em ouro: deixa de ser ferro. E só tem algum valor a renúncia que estiver relacionada ao serviço divino.

ADÃO E EVA

Aqueles que sofrem devido ao trabalho árduo naturalmente querem descansar. Dependem do trabalho para viver, no entanto, pensam que este é inútil e indesejável: se desejamos viver, temos de trabalhar; ainda assim, esta é considerada uma vida de desonra. Em geral, nossa aspiração é por uma vida sem trabalho; buscamos por uma vida tranquila de descanso onde não sejamos servos de nosso trabalho. Esta é a tendência geral em nossa vida de luta e trabalho.

Na Bíblia, Adão e Eva estavam rendidos a Deus no céu, e seu sustento era automático; quando caíram, tiveram de ganhar seu pão com o suor de suas frontes. Foram forçados a labutar para sobreviver. E esta é uma forma de vida baixa e desonrosa. Porém, se quisermos viver, teremos de trabalhar. Pensamos: "Será que existe uma vida que se possa viver sem trabalhar?" Encontramos essa tendência em nossa vida desde o início da existência. Portanto, aspiramos por ficarmos livres de carma.

BUDA E SHANKAR

Mas as escolas budista e sankarista pretendem descobrir um lugar onde possamos viver sem trabalho. Buda diz que a própria vida é desnecessária; que na realidade não existe trabalho, nem vida, nem existência. Segundo a escola budista, podemos dispensar a existência. É uma mania manter nossa existência no mundo da labuta, portanto, devemos dispensar esta nossa existência. Por que afinal deveríamos viver? Assim, os budistas advogam *nirvana*, o cessar da existência.

E Shankaracharya diz: “É claro que a vida existe, porém esta vida é indesejável. Estamos sempre sofrendo prejuízos, e há uma força que está sempre nos diminuindo, para no final morrermos. Somos desafiados pela morte lenta, pelo veneno lento.” É verdade que a vida no mundo da mortalidade é indesejável. Então, qual a solução? Shankar diz que indesejável é a tentativa de mantermos nosso próprio eu individual. Não existe possibilidade de manter a individualidade e ao mesmo tempo desfrutar de verdadeira paz, da paz eterna. Portanto, teremos de abrir mão do encanto da vida individual.

Segundo Shankar, existe um só Espírito Universal, e esse é um conceito cheio de bem-aventurança. Somos meros reflexos disso. Esse Espírito reflete-se em tudo. De alguma maneira criou esse misterioso ego ou consciência individual. Não devemos ficar muito ansiosos por manter esse ego individual; temos de dissolvê-lo. E quando isso for feito, descobriremos que só resta o Espírito.

Em nossa condição atual não pode haver cura da doença da mortalidade. A cada momento estamos nos perdendo de alguma maneira ou outra. Isso não pode ser resolvido. Porém, Buda e Shankar proporcionaram uma compreensão apenas parcial. Entretanto, o *Srimad-Bhagavatam* diz: “A devida solução é praticar abnegação, desapego do meio ambiente, vendo-o em relação ao serviço a Krishna. O conhecimento através do qual você obtém a perfeição enquanto mantém a própria individualidade, o interesse e a perspectiva, é possível apenas por meio de *bhakti*, a devoção, a dedicação. Pela exploração, você tem de morrer. E pela renúncia, a pessoa se funde numa espécie de zero (*Viraja, Brahmaloka*), nalgum lugar desconhecido, para nunca mais se levantar dali novamente. Mas eu recomendo o tipo de renúncia e conhecimento adotados pela devoção: a dedicação a Krishna. Se você aceitar isso, então seu eu interior,

seu verdadeiro ser, poderá viver para sempre uma vida feliz.”

Naiskarmyam significa nenhum sofrimento no trabalho. A função inata da alma é o trabalho por amor. Em nossa concepção comum, o trabalho leva a uma reação. Enquanto trabalhamos, as coisas diminuem e desaparecem atacadas pela morte. Porém, essas dificuldades foram todas eliminadas pelas recomendações dadas no *Srimad-Bhagavatam*. O *Srimad-Bhagavatam* advoga *vairagya* e *jñana* contidas em *bhakti*, a vida de dedicação. O *Bhagavatam* diz: “Livre-se da exploração e da renúncia. Você não precisará depender delas. Elas podem ser absorvidas pela dedicação. A renúncia e o conhecimento encontram-se completos na devoção, e ao mesmo tempo você pode manter sua individualidade.”

O *Srimad-Bhagavatam* harmonizou conhecimento e renúncia suprindo a própria vida de ambos na devoção. Atraves da devoção, podemos manter nossa individualidade, nossa atividade, nossa perspectiva, e ao mesmo tempo encontrar imensa paz e êxtase na vida. O *Srimad-Bhagavatam* nos oferece uma vida feliz e eterna simplesmente acrescentando dedicação a *jñana* e carma.

Você trabalhará ou energizará; mas isso não ficará sob a jurisdição de carma, que produz uma reação. Sua energia será usada para o centro. O *Bhagavad-gita* nos diz: “Trabalhem apenas para o centro, ou ficarão atados a uma reação”. Desse modo, ficou claro que se nos dedicarmos ao centro mais elevado será possível obtermos uma vida muito saudável. Isso não é desonroso, nem cansativo. Tampouco é ignorância. Portanto, devemos adotar este caminho recomendado pelo *Srimad-Bhagavatam*.

Se estivermos atentos a isso e tentarmos seguir o conselho que vem da fonte real, das pessoas verdadeiramente santas, iremos nos ajustar devidamente; desenvolveremos uma compreensão correta. E tudo se harmonizará. Quem tiver esta realização será vitorioso frente a todas as possíveis sugestões ou conceitos de conhecimento. Só através da devoção, da dedicação a Krishna, poderemos facilmente nos livrar da ignorância no mundo do sofrimento.

Ser um devoto significa servir; o serviço é tudo. Nossa vida correta encontra-se em dedicar-nos e na autodoação e não no autoengrandecimento. Podemos viver em serviço. Todas as dificuldades serão removidas se nos ativermos à linha da dedicação. Lá, encontraremos tudo: a nossa individualidade, o meio ambiente

mais favorável e a nossa perspectiva mais elevada. Somente precisaremos mudar nosso ângulo de visão. E esse ângulo de visão deve ser adquirido através do centro. O que percebermos, deveremos tentar estudar sua posição de acordo com o centro. Deveremos localizar ou calcular sua posição em relação ao centro. E com esse ângulo de visão, obteremos alívio de tudo o que é indesejável. Esse é o ensinamento do *Srimad-Bhagavatam*.

Essa é a especialidade da filosofia *Bhagavata*. Tente sempre estabelecer o conceito do amor divino, do sentimento divino e da emoção divina acima do intelectualismo e da maestria sobre a energia. Os mestres do poder e os mestres do conhecimento não possuem valor algum se forem destituídos da maestria do amor. Por outro lado, a vida será um sucesso para a pessoa que, mesmo sem conhecimento e sem poder, for capaz de entrar na região do amor. Seus movimentos não serão mais considerados trabalho reativo (*carma*), e seu conhecimento e conhecimento real sobre Krishna (*sambandha-jñana*). O verdadeiro conhecimento sobre Krishna, Sua parafernália e sobre a identidade das pessoas no mundo espiritual, não se encontra dentro da jurisdição do tipo de conhecimento que podemos obter conduzindo uma pesquisa científica. Não é assim; realiza-se em si mesmo.

E Devarisi Narada foi até Vedavyasa para recomendar-lhe: "Você deve introduzir isto mui claramente em seu livro novo. Nos *Vedas*, *Upanisads* e no *Mahabharata* anteriormente você tratou de diferentes aspectos do conhecimento e do trabalho. Mas isso não ficou tão claro. E agora você deve descrever o sucesso da vida de modo bem claro e definitivo em sua forma mais plena, independente de conhecimento e energia." É possível nos restabelecermos em nossa fortuna perdida, independente da energia e da pesquisa intelectual.

O LACRE DO EGO

Apenas temos de quebrar o lacre do ego, e o amor divino fluirá naturalmente e automaticamente ajudará sua própria causa. Existe um arranjo assim para nós, por meio do qual poderemos retornar ao lar. Não vamos achar que se trata de uma jornada trabalhosa, entediante. Seremos levados por nossa atração natural, independente de orientação externa. Nossa tendência interna pelo amor divino consegue compreender seu próprio terreno; ela tem esse dom natural.

de atração Haverá uma atração automática por nosso lar; não será necessária pesquisa científica alguma

Em vez disso, precisaremos parar com nosso intelectualismo, ambição e aspiração. Isso é desnecessário. É uma corrida infrutífera. Nunca irá nos ajudar a chegar à meta. O coração rejeitará isso. Não haverá lugar para qualquer desconfiança. É uma escolha infalível, natural, completa. Assim, devemos tentar encontrar essa coisa natural que não pode ser adquirida como resultado de qualquer programa de pesquisa extensa. É bastante natural. O que deve ser removido e descrito para sempre e apenas o artificialismo que existe dentro da gente.

E as reações que adquirimos após tanto tempo em nossa falsa jornada irão se evaporar por si sós. Não apresentarão problema algum. Isso é certo. Não haverá reação alguma, e nenhuma necessidade de se encontrar qualquer nova descoberta ou invenção. Uma vez que alcançarmos esta realização, perceberemos que nossa civilização de conhecimento progressivo é inteiramente redundante.

Não é necessário intelectualismo algum. Assim como uma criança conhece sua mãe, podemos reconhecer nosso verdadeiro lar. Em meio a tantas vacas, um bezerro correrá para sua própria mãe. São dirigidos por algum tipo de cheiro instintivo ou por uma orientação natural. Da mesma maneira, são desnecessários qualquer esforço, investigação, experimento ou suspeita. A devoção a Krishna é automática, natural, feliz, e espontânea; trata-se de uma vida espontânea, de um fluxo automático e de um movimento natural.

O amor é nosso verdadeiro interesse O amor independe de tudo. É a substância mais profunda de nossa existência. A recomendação é que tentemos mergulhar a fundo na realidade "Mergulhe a fundo na realidade e você encontrará seu lar naquele reino divino. Você é filho daquele solo" Esta é a mensagem do *Srimad-Bhagavatam* e de Sri Chaitanya Mahaprabhu. E não se trata de um conceito muito parco, um sonho abstrato ou nebuloso, mas é a realidade mais intensa e concreta.

Sri Chaitanya Mahaprabhu demonstrou isso com Seu caráter, com Sua busca tão intensa por Sri Krishna e pelo modo intenso e profundo com que Ele Se ocupou no *lila* de Krishna, ignorando tantos fatos que parecem concretos no mundo externo. Esquecendo de tudo, desprezando a tudo aquilo que é tão importante para nós, Ele

negligenciou todas as demais funções e considerações de dever. Ele Se ocupou no Krishna-lila tão profunda e intensamente – mergulhando a fundo nele – que este capturou todo Seu coração a tal ponto que Ele foi visto como estando externamente desamparado.

* * *

O SANTO NOME

Para ser efetivo, o som do santo nome de Krishna deve ter uma qualidade divina. O santo nome de Krishna que é infinito, pode acabar com tudo de indesejável dentro de nós, porém o nome deve ser investido de um conceito espiritual real. Não deve ser apenas uma mera imitação física produzida apenas com a ajuda dos lábios e da língua. Esse som não é o santo nome. Se for para ser genuíno, o santo nome de Krishna, Hari, Vishnu ou Narayana deve ser *vakuntha-nama*: deve ter existência espiritual, fundamento divino. Esse princípio é tudo na vibração do santo nome.

Estamos preocupados com uma vibração sonora que contenha profundidade espiritual. A imitação física do santo nome não é o nome propriamente dito; não é *sabda brahma*, o som divino. Desde o plano do conceito mundano, poderá surgir apenas uma imitação do som. O santo nome de Krishna significa som divino; deve ter algum fundamento espiritual. Algo de espiritual deve ser distribuído através do som físico.

No caso de uma cápsula de remédio, a cápsula não é o medicamento; o remédio se encontra dentro. Externamente, uma cápsula poderá se assemelhar a outra, porém dentro de uma delas poderá haver remédio e, na outra, cianureto. A cápsula em si não é o remédio. Portanto, Krishna não é o som do nome de Krishna: Krishna se encontra dentro do som. O santo nome tem de ser sobrecarregado com o devido espírito e não com um sentimento mundano.

Mesmo os seguidores da escola impersonalista de Shankara tem fé que o nome não está confinado à jurisdição do som físico. Consideram que se encontra dentro do plano mental, dentro do plano de *sattva guna*. Infelizmente, eles pensam que o santo nome é um produto de *maya*, ou do conceito equivocado, e assim concluem que os nomes de Hari, Krishna, Kali e Shiva são todos apenas uma e a mesma coisa. A Missão Ramakrishna e a escola de Shankara ambas

pregam dessa maneira. Porém, esse conceito também se origina no plano do equívoco.

SOM DIVINO

O som divino do puro nome (*suddha-nama*) deve se originar de além da região do conceito equivocado, ou *maya*. *Maya* se estende até ao mais elevado planeta do mundo material, Satyaloka. Além de Satyaloka encontra-se o rio Viraja e o mundo da consciência, Brahmaloka, e depois vem o céu espiritual, o Paravyoma. O nome puro de Krishna deve ter sua origem no Paravyoma, o céu espiritual E se ainda quisermos examinar mais, perceberemos que o santo nome de Krishna realmente provém do plano mais original de toda existência: Vraja, Goloka. Segundo esta compreensão, se for para ser considerado como sendo o genuíno nome de Krishna, o som deve ter sua origem no plano mais elevado do mundo espiritual, em Vrindavana.

O mero som físico não é o santo nome de Krishna É necessário um verdadeiro conceito do santo nome, não só para libertar-nos deste mundo de conceito equivocado, mas também para se obter o serviço a Krishna em Vrindavana. Só esse verdadeiro nome de Krishna, que tem sua origem no plano de Vrindavana, pode nos elevar e levar até lá

Senão, embora o espírito esteja dentro do nome, se o som que vibrarmos se basear em qualquer outro conceito, só podera nos levar até àquela camada conceitual Isto é bastante científico; não é irrazoável. A mera palavra Krishna não é o santo nome Importa é o significado do som e a profundidade do sentido, o profundo conceito do significado do nome. Isso é tudo – isso tem importância plena para nossa propósito.

Há uma boa história que ilustra esse ponto. Quando nosso mestre espiritual, Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura, era menino, ele visitou com o pai o local sagrado de Kulinagrama, localizado no município de Hooghly perto de Calcutá. Kulinagrama era o vilarejo onde o grande devoto Haridasa Thakura e outros Vaisnavas famosos costumavam viver, tendo sido o lar de quatro gerações de devotos.

UM TEMPLO MAL-ASSOMBRADO

Ao visitar aquele antigo local sagrado e bem nos arrabaldes de Kulinagrama, quando entravam no vilarejo, passaram por um templo antigo. De repente, um velho saiu do templo e humildemente perguntou-lhes: "Passem a noite aqui. De manhã, poderão entrar no vilarejo e visitar todos os locais". Bhaktivinoda Thakura e nosso *guru maharaja*, que na época era um menino, passaram a noite na casa do templo.

Logo ao cair da noite, enquanto descansavam, Bhaktivinoda Thakura experimentou algo incomum. Percebeu que tijolos estavam sendo lançados de várias direções. Ele pensou: "Como isso pode estar acontecendo e por quê? Quem jogaria tijolos grandes desse jeito?" Então, ficou um pouco apreensivo que talvez houvesse fantasmas morando ali, criando perturbações. Começou a cantar alto o Hare Krishna *maha-mantra*. Após algum tempo, a perturbação desapareceu, e Bhaktivinoda Thakura e Srila Bhaktisiddhanta passaram o resto da noite ali tranquilamente.

Pela manhã, entraram no vilarejo e começaram a visitar diferentes locais sagrados. Após algum tempo, um dos cavalheiros locais notou-os e disse:

– Chegaram hoje de manhã cedo a nosso vilarejo. De onde estão vindo? E onde passaram a noite?

Bhaktivinoda Thakura explicou:

– Ficamos naquele templo bem do lado de fora do vilarejo". Um deles disse:

– Oh! Como puderam ficar lá? Tantos fantasmas moram lá e jogam pedras e tijolos em qualquer um que passe pelo local à noite. Como conseguiram ficar lá?

Então, Bhaktivinoda Thakura disse:

– Sim, é isso mesmo. Mas quando percebi tal perturbação, comecei a cantar alto o Hare Krishna *maha-mantra*, e logo o problema acabou.

Os aldeões então perguntaram a Bhaktivinoda:

– Quem é o senhor e de onde está vindo?"

Então ficaram sabendo que se tratava de Bhaktivinoda Thakura. Já tinham ouvido falar dele, e alguns tinham lido seus livros. Deram as boas vindas a ambos e lhes mostraram todos os locais sagrados

que ainda não haviam visto.

Em dado momento, disseram a Bhaktivinoda Thakura:

– O cavalheiro que antes era sacerdote daquele templo transformou-se em fantasma após sua partida deste mundo. Desde então, verificamos regularmente as perturbações causadas por aquele fantasma. Por que ele se tornaria um fantasma? Como sacerdote daquele templo, costumava cantar regularmente o santo nome de Krishna. Somos testemunhas de tal fato; todos nós já o ouvimos. Por que ele foi transformado em fantasma? Não conseguimos entender isso. Por favor, explique.

SOM SUPERFICIAL

Bhaktivinoda Thakura lhes disse que o sacerdote devia estar repetindo apenas as sílabas do nome, o *nama-aksara*. O que produzia era apenas um som *mayik*, um som físico, superficial. Não tinha essência espiritual; o nome que estava sendo cantando era um nome sem vida. Era *nama-aparadha*, um cantar ofensivo. Bhaktivinoda perguntou-lhes:

– Como era o caráter dele?

– Não era um homem bom. Cometia muitos atos pecaminosos. Isso nós sabemos. Porém, não podemos negar o fato de que cantava o nome do Senhor quase sempre. Como poderia virar um fantasma? Perguntaram eles.

Bhaktivinoda Thakura explicou que o som físico do nome não é o nome propriamente dito. O sacerdote estivera cometendo ofensas ao santo nome (*nama-aparadha*), e como resultado se tornara fantasma.

Eles perguntaram:

– Então, como poderá ser liberto de tal condição miserável?

Bhaktivinoda disse:

– Só poderá ser liberto de sua condição fantasmagórica se encontrar um *sadhu* fidedigno que tenha uma conexão genuína com Krishna, e ouvir dele o santo nome, ou a devida explicação do *Bhagavad-gita* ou o *Srimad-Bhagavatam*. As escrituras mencionam que esta é a única maneira de se tornar livre do enredamento da natureza material.

Após esta discussão, Bhaktivinoda Thakura e Bhaktisiddhanta

Saraswati deixaram Kulinagrama.

A partir desse dia, todos os problemas causados pelo fantasma no templo de Kulinagrama cessaram. Os habitantes do vilarejo ficaram espantados, e um deles disse:

– Esse sacerdote que tinha se tornado um fantasma deve ter sido liberto de sua condição fantasmagórica após ouvir o santo nome cantado por Bhaktivinoda Thakura. Quando a perturbação começou, Bhaktivinoda cantou alto o nome; gradualmente, por ouvir o santo nome de Krishna de seus santos lábios, essa alma oprimida foi liberta de sua condição como fantasma.

Depois disso, muitas pessoas viajavam para ver Bhaktivinoda Thakura. Diziam-lhe:

– Temos confiança de que o senhor é um grande Vaisnava – após ouvir o santo nome de Krishna de seus lábios, um fantasma foi liberado.

Esta história foi publicada nos jornais, e Srila Bhaktisiddhanta Prabhupada costumava recontar a história que vivenciara pessoalmente com Bhaktivinoda Thakura.

O ponto é que o simples som externo do nome não é o nome real. O mais importante e a realização espiritual por trás do nome – esse é o verdadeiro nome. Senão, um gravador pode pronunciar o santo nome de Krishna. Até mesmo um papagaio pode pronunciar o nome – porém, o som físico não é a coisa em si. Ao fundo tem de haver verdade espiritual, que é consciente. Esse super-conhecimento encontra-se além do conhecimento deste plano mundano

NAMA SUPRAMENTAL

Esta compreensão é confirmada por Rupa Goswami Prabhu em seu verso:

*atah sri-krsvna-namadi, na bhaved grahyam indriyah
sevonmukhe hi jihvadau, svayam eva sphuraty adah*

Diz ele que o nome, a forma, as qualidades e os associados eternos de Krishna – tudo a Sua volta não é mundano, porém puramente espiritual. Não pode ser percebido através de nossos sentidos grosseiros. Simplesmente por vibrar o som *Krishna*, nossas línguas

não conseguem produzir Krishna, nossos narizes não conseguem capturar a fragrância transcendental de Seu corpo, nossos olhos não conseguem ter uma visão de Sua bela figura que é supramental. Isto é verdadeiro não só para nossos sentidos físicos, mas também para a mente. Nossas mentes não conseguem conceber Krishna. Ele é transcendental e supramental. Sua existência transcende todo conhecimento que possuímos.

Não podemos ser o sujeito e fazer de Krishna nosso objeto Ele é o sujeito. Ele existe além do *atma* e do *paramatma*. Nunca devemos esquecer disso. Devemos sempre lembrar do plano em que Ele existe. Como almas finitas somos *tatastha jivas* – potência marginal do Senhor. A diminuta alma pode pensar e conhecer apenas o que for mais grosseiro que ela mesma. Porém ao tentar conhecer aquilo que é mais sutil que ela própria, vê-se incapaz. Só é possível uma conexão com esse reino espiritual mais elevado quando a área superior deseja trazer o inferior para aquele plano. Portanto, compreendê-LO so é possível através de rendição (*sevomukhe hi jihvadau*).

ESCRAVIDÃO DIVINA

Se pudermos aceitar a corrente da rendição – se pudermos morrer como somos e entregarmos nosso eu mais íntimo à disposição dEle – a vontade dEle poderá facilmente levar-nos até a plataforma espiritual. Nossa alma se tornará uma folha de grama naquela corrente, e assim será levada até o centro do infinito. Não é que possamos entrar ali e andar orgulhosos como fazemos aqui nesse mundo material grosseiro. Aqui andamos com nossos pés, porém lá andaremos com nossas cabeças. Só através da graça do Senhor sobre nossas cabeças conseguiremos atrair aquele plano para que nos eleve.

Tudo lá é qualitativamente superior à nossa existência. A substância daquele reino divino, a atmosfera, o ar, o éter – tudo lá é superior a qualquer valor que possamos ter. Só aqueles com sincero espírito de serviço poderão obter ingresso lá. E lá serão levados à mais elevada posição do amor divino pelos residentes daquele plano, que são veneráveis, generosos, afetuoso e cheios de bons desejos.

Como nossa perspectiva temos a chance de ir até lá, mas sempre por uma questão de graça – e nunca por uma questão de direito. Devemos aceitar este credo desde o início. Ainda assim, a atmosfera

lá é tão feliz e amorosa que ninguém por lá sente qualquer distinção entre escravo e mestre. Um escravo lá não tem a sensação de ser escravo. Todos são membros de uma família. Tendo obtido o estado de escravidão divina, a pessoa considera: "Sou um escravo – a generosidade de Krishna e de Seus associados eternos é a minha fortuna." Porém, pelo poder de Yogamaya, aqueles que são levados a subir até aquele plano esquecem que são escravos. Essa é a grandeza e a magnanimidade daquela atmosfera onde o amor está fluindo intensamente. Na realidade, é pelo amor deles e não por nossa própria fortuna que poderemos de alguma maneira obter ingresso naquela terra elevada e nobre.

Mas para realizarmos isso, temos de realizar a posição espiritual do nome, da forma e dos associados eternos de Krishna. O nome de Krishna não é material. Não podemos captar o nome de Krishna simplesmente por vibrarmos as sílabas do nome com nossa língua. Ravana queria capturar Sitadevi e pensou que o conseguira. Porém, o fato é que ele não conseguia nem mesmo tocar o santo corpo de Sitadevi.

O que Ravana capturou era apenas uma representação mundana de Sitadevi, um dublê material, uma imitação que era como uma estátua de Sitadevi. A própria Sitadevi é outra coisa; não é feita de carne e osso. Sitadevi e Seu plano divino são completamente inaproximáveis por alguém daqui neste mundo. Uma pessoa mundana não consegue ver, sentir ou entrar naquele plano – sem falar de arrebatar Sitadevi e levá-la embora. As escrituras explicaram que a captura de Sitadevi foi apenas um "show". Ravana foi enganado. É claro que o sequestro aparente de Sita por Ravana aconteceu para servir a algum propósito, para ensinar algo às pessoas deste mundo mundano. Mas no sentido real, nenhum Ravana pode entrar em conexão com qualquer um dos associados eternos do Senhor que se encontram vivendo em Vaikuntha. Da mesma maneira, nenhuma pessoa mundana consegue tocar no nome de Vaikuntha simplesmente por imitar seu som.

Recentemente, perguntaram-me sobre um menino que fora morto num acidente. Contaram-me que ele gritara o nome de Krishna na hora da morte. Perguntaram: "Qual foi o destino dele?" Expliquei que sermos jovens ou velhos no plano de carne e osso não é nenhuma qualificação para a realização espiritual. Deve-se examinar a

mentalidade da pessoa. Segundo a hora e o local determinado e a concepção da pessoa envolvida, aquele som pode ser o nome genuíno, ou pode ser *namabhasa*, a sombra do nome real.

NAMA NACIONAL

Quando Gandhi foi baleado, gritou: "Rama! Rama!" Ele foi baleado no peito, e seus óculos foram projetados na rua. Em meia hora ele morreu, porém pronunciou as palavras: "Rama! Rama!" Estava a caminho para dar uma palestra religiosa, porém sua própria mentalidade estava cheia de pensamentos sobre progresso nacional. Portanto, no caso dele, a vibração do santo nome pode ter agido no plano da construção da nação. Para entender o destino de uma pessoa na hora da morte, devemos perguntar: "Qual era a mentalidade dela?"

Às vezes, cantar o nome pode resultar em *namabhasa* – a sombra do santo nome Ser ou não o *suddha nama*, o nome genuíno, dependerá do sistema mental da pessoa que canta o nome. Depende da relação dela com Krishna, de sua intenção

GOPI, GOPI, GOPI!

Alguns dias antes de Sri Chaitanya Mahaprabhu tomar *sannyasa*, Ele cantava *gopi, gopi, gopi*. Ouvindo isso, um brâmane tântrico veio dar alguns conselhos ao Senhor.

– Pandit, – disse ele – Você é um sábio; conhece as escrituras. Ainda assim, Você está cantando o nome *gopi, gopi?* Que benefício obterá disso? As escrituras dizem que se cantarmos o nome de Krishna, obteremos algum benefício. Isso Você encontrará em muitos lugares nas escrituras, em especial nos *Puranas*. Por que então Você canta *gopi, gopi?*

Irritado com a ignorância do brâmane, Sri Chaitanya Mahaprabhu, num humor de seguidor das *gopis*, pegou uma vara e começou a admoestá-lo:

– O senhor veio do campo inimigo para nos converter em seguidores de Krishna? – E correu atrás do brâmane para bater-lhe com a vara.

Nesse exemplo, vemos que Sri Chaitanya Mahaprabhu cantava *gopi, gopi* e negligenciava o nome de Krishna. Aparentemente, quando Ele foi aconselhado a cantar o nome de Krishna ficou irado – mas

qual é o pensamento subjacente aqui?

Se queremos compreender o efeito de alguém cantar o santo nome, devemos examinar seu propósito subjacente. Às vezes, seu cantar poderá ter algum efeito, mas nem sempre. Todavia, Jiva Goswami menciona o seguinte exemplo como evidência de que o santo nome pode ter algum efeito mesmo se a pessoa não está ciente de seu pleno significado.

Uma vez, um javali selvagem atacou um maometano, e este gritou: “*Harama! Harama!*” *Harama* significa “esse abominável porco! Por outro lado, *Ha Rama* significa “o Senhor” que permitiu que um javali me atacasse. De algum modo, o Senhor Rama foi invocado, e o santo nome teve uma influência divina sobre o maometano, que obteve a liberação.

Outro exemplo dado nas escrituras é o de Valmiki. Antes de se tornar um santo, o sábio Valmiki era um ladrão. Porém, o grande sábio Narada tinha um plano para beneficiá-lo. Narada pensou: “Esta pessoa é o criminoso mais notório e hediondo que jamais vi. Experimentarei com ele para ver a potência do santo nome. Vou pedir que ele cante o santo nome de Rama.” Ele tentou, porém Valmiki não conseguia pronunciar o santo nome de Rama. Então, Narada disse-lhe para cantar *mara* – a palavra para “assassinato” – em vez disso. O bandido disse:

– Sim, posso fazer isso. Isso é justamente o oposto do nome de Rama. Ele começou a cantar: “*mara-mara-mara-ma rama-rama-rama-rama*”. Desta maneira, após algum tempo, *mara* se converteu em *rama*. Valmiki começou a cantar o nome de Rama, e gradualmente sua atitude mental modificou-se. Portanto, é possível o nome ter um efeito em alguém mesmo se a pessoa não tiver uma concepção acertada do significado. A isto se chama *namabhasa*: a sombra do nome. Esta pode provocar a liberação. Porém, um verdadeiro devoto não se interessa por liberação. Ele quer entrar no domínio do serviço divino.

O som e seu efeito dependem da atitude com que o aceitamos e da qualidade que conseguimos conceber, porque o verdadeiro *vaikuntha nama* é infinito. Naquele plano, o nome divino é igual a substância invocada. Quando o aspecto sonoro é idêntico ao aspecto original da coisa que nomeia, isto é *vaikuntha nama*. Aqui neste mundo, o nome de um homem pode ser Padmalochan – olhos de lótus – mas na realidade ele pode ser cego. O nome e a figura podem ser inteiramente diferentes. Porém, em Vaikuntha, no mundo infinito, o

nome e o nomeado são idênticos e uma só unidade.

Entretanto, para experimentarmos o *vaikuntha nama*, devemos evitar tanto *nama aparadha*, as ofensas ao santo nome, quanto *namabhasa*, a sombra do santo nome. Pelo *namabhasa*, obtemos algum alívio deste enredamento mundano, e pelo *nama aparadha*, ficamos enredados neste mundo *mayik*, de ilusão. Mas o som físico comum não pode representar o nome verdadeiro, que é sobrenatural.

É dito que um nome de Krishna pode remover mais ignorância e pecado que um homem é capaz de cometer. Mas qual é a qualidade de tal nome? Podemos cantar o nome físico de Krishna tantas vezes sem obter o resultado de um só nome verdadeiro. Há uma grande diferença entre o som comum do nome, o nome *mayik* superficial e o nome puro. O nome puro é uno e idêntico a Krishna, porém isso só descende até nosso nível por Sua graça. Não conseguimos vibrá-lo simplesmente por meio de mover nossa língua e nossos lábios. O nome puro de Krishna não acontece da boca para fora, mas do coração. E por fim vai além do coração e alcança a terra de Krishna. Quando Krishna desce, Seu nome passa pelo coração e movimenta os lábios e a língua. Essa vibração é o santo nome de Krishna, o *krsna nama*.

PODER NEGATIVO

O *krsna nama* surge quando Krishna na forma do som desce do mundo transcendental até o coração, e do coração, controlando cada aspecto do sistema nervoso, chega aos lábios e ali começa a dançar. A iniciativa se encontra no mundo transcendental. Esse som não é produzido a partir do plano físico. O som espiritual tem de descer até este plano; Ele pode descer, mas nós não conseguimos subir até lá tão facilmente. Ele é o Supersujeito; nós somos um objeto para Ele. Não podemos interferir na independência dEle. Só pelo poder negativo da rendição poderemos atrair o Supremo Positivo a que descenda até nosso nível.

E assim o santo nome não é um subproduto de nossos sentidos. Pode ser vivenciado apenas ao nos aproximarmos dEle com uma atitude servil intensa. Nessa ocasião, o próprio Krishna poderá descer por Sua graça, atraído por nossa natureza servil. Então, Ele poderá influenciar este elemento e produzir som e dança transcendentais

dentro do plano mundano. Isso é o santo nome, o *vaikuntha nama*, o verdadeiro nome de Krishna. Não conseguimos produzi-lo com nossos lábios. Krishna não é o som que criamos por nossa produção física ou mental. Ele é independente de qualquer som que possamos produzir e, no entanto, por controlar a tudo, Ele pode aparecer em qualquer lugar, em qualquer forma, em qualquer plano... em qualquer som.

E isso é confirmado no *Bhagavad-gita*, 4.6, onde Krishna diz: "Ao vir até aqui pelo poder de Minha potência interna, removo a influência da potência externa e apareço em qualquer lugar e em todo lugar e em qualquer parte." A onda mundana é forçada a retroceder, assim como um aeroplano voa pelo céu e empurra a influência do ar e do vento enquanto passa à força. Removendo a influência das ondas materiais, Ele aparece dentro deste mundo pelo poder de Sua própria potência.

O Senhor diz: "Tenho Minha própria potência, e por seu poder, removo esta energia material grosseira. E assim vivo e me movimento neste mundo." As leis da natureza material não se aplicam a Ele. Ele tem poder especial. E com ajuda desse poder especial, Ele subjuga as leis da natureza material e chega até aqui. Ele faz o que quer com Sua própria potência. Onde quer que Ele vá, as leis da natureza material se retiram de lá e satisfazem Sua vontade. Assim, Ele pode aparecer dentro do reino do som como o santo nome.

A importância real do nome não está só no arranjo das sílabas, mas no profundo significado dentro desse som divino. Alguns eruditos argumentam que no *Kali-santarana Upanisad*, o Senhor Brahma diz que o Hare Krishna *maha-mantra* só e devidamente pronunciado quando o nome Rama precede o nome de Krishna. "Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare / Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare."

KRISHNA NAMA

No *Kali-santarana Upanisad*, o Hare Krishna *maha-mantra* é dado desta maneira. Mas dizer que o nome de Rama tem de preceder o nome de Krishna no mantra é um entendimento superficial. Dizem que por vir dos *Upanisads*, o mantra Hare Krishna é um mantra védico, e portanto, desde que as pessoas comuns não podem ter acesso aos

mantras védicos, Sri Chaitanya Mahaprabhu reajustou esse mantra revertendo a ordem das palavras. Desse modo, dizem que dessa maneira foi eliminada a preocupação de ser um mantra védico, e assim Sri Chaitanya Mahaprabhu concedeu-o a todos sem quebrar as injunções dos Vedas. Alguns devotos em Uttar Pradesh que têm grande afeição por Sri Chaitanyadeva gostam de expressar essa opinião.

Porém, nós acreditamos que mencionar “Hare Rama” primeiro é apenas superficial. Refere-se à idéia de que como o Rama *avatara* apareceu primeiro e o Krishna *avatara* depois, o nome de Rama, “Hare Rama”, deve vir primeiro no *maha-mantra*. Uma leitura mais profunda considerará que quando duas coisas similares estão conectadas, a prioridade será ordenada não com base no precedente histórico, mas considerando a concepção mais elevada. O santo nome de Krishna é mais elevado que o santo nome de Rama. Isso é mencionado nos *Puranas*: três nomes de Rama equivalem a um nome de Krishna. O nome de Krishna é superior ao nome de Rama. Onde ambos se conectam, a primeira posição deve ser dada para aquele que é superior. Portanto, o nome de Krishna deve vir primeiro no *maha-mantra*.

Isso é um ponto. Outro ponto é que no plano eterno, tudo está se movendo numa ordem cíclica. Num ciclo eterno, não se consegue determinar o que vem primeiro e o que vem depois, e assim, no plano do *lila* eterno, não se consegue determinar se Krishna fica antes de Rama ou Rama antes de Krishna. Considerando isso também, e já que os nomes Krishna e Rama são eternos e não relacionados a qualquer evento histórico, podemos iniciar o mantra de qualquer lugar.

RAMA SIGNIFICA KRISHNA

Porém, acima destas considerações, nossa *sampradaya* deu outra consideração, mais elevada. Uma compreensão mais profunda irá revelar que o Hare Krishna mantra não se refere ao *Rama lila*. No nome Rama do mantra Hare Krishna, os Gaudiya Vaisnavas encontram Radha-Ramana Rama. Isso quer dizer: “Krishna, que dá prazer (*raman*) a Srimati Radharani.” Na nossa concepção, o mantra Hare Krishna é a indiscriminada consciência de Krishna, e não a consciência de Rama. A concepção mais elevada dada por Sri Chaitanya é sempre *svayam bhagavan, krishna lila, radha-govinda lila*. Esse é o propósito real do

advento e dos ensinamentos de Sri Chaitanya. Considerando isso, o mantra Hare Krishna não menciona de jeito algum o *Rama lila* de Ayodhya. Não há conexão alguma com isso na concepção do mantra Hare Krishna.

E a concepção interna do mantra é responsável por nossa realização espiritual. Ao pronunciar o nome de Rama, se a pessoa quer dizer Dasarathi Rama, sua atração a levara até lá, para Ayodhya; se quer dizer Parasurama, será atraída para outro plano. E se Rama significa Radha-Ramana Rama, irá para Goloka. A concepção interna do devoto o guiará a seu destino.

Meu nome original era Ramendra Chandra. Quando recebi iniciação, Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura me deu o nome de Ramendra Sundara. Perguntei-lhe: "Qual o significado de Ramendra?" Ele me disse: "Nós consideramos que Rama não significa Dasarathi Rama ou o Senhor Ramachandra, o filho do rei Dasaratha. Significa Radha-Ramana Rama – Krishna, o amante de Radharani."

O nome "Hare" também pode significar coisas diferentes conforme nossa concepção. Que o significado da palavra Hare no mantra seja tomado como sendo Radharani também é determinado pelo desenvolvimento espiritual ou qualificação (*adhikara*) do cantor. Quando se está firmemente estabelecido em conceber Radha-Krishna ao fundo de tudo – quando se encontra *svayam-rupa*, a forma original de Deus, subjacente em todo tipo de concepção de todas as coisas boas – só então é que se encontrará esse tipo de significado e nada mais.

Para os principiantes, a palavra "Hare" no mantra Hare Krishna pode ser concebida como significando Hari. Este é um significado. Também pode significar Nrsimhadeva. E assim como "Rama" pode significar Dasarathi Rama. "Krishna" pode referir-se a diferentes tipos de Krishna. Também há um Krishna em Vaikuntha, onde os *vaibhavas* ou expansões do Senhor, somam vinte e quatro. Em Vaikuntha, temos primeiro Narayana, e depois quatro expansões: Vasudeva, Sankarsana, Pradyumna e Aniruddha. Cada um destes têm cinco agentes, totalizando ao todo vinte e quatro. Um desses é o Krishna de Vaikuntha. E depois existe o Krishna de Dwaraka e o Krishna de Mathura.

Dessa maneira, há várias concepções de Krishna. Porém, a concepção mais elevada de Krishna é o Krishna de Vrindavana: Radha-Govinda. Quando a pessoa não consegue sair daquele plano,

ela concebera a divindade apenas como Hari-Hara. Não verá nada mais a não ser Radha-Krishna. Aqueles que estão completa e perfeitamente instalados em *madhura-rasa* – e que possuem o tipo de visão mais elevado – não podem descer daquele plano. Se o fizerem, será somente no interesse de Radha-Govinda. Nesse caso, o devoto podera ir a qualquer lugar, mas seu verdadeiro interesse encontrase bem guardado a chave em Vrindavana. Um devoto so deixa Vrindavana devido ao serviço de Radha-Govinda.

Para aqueles que são seguidores da linha de Vrindavana, o “Hare” no mantra Hare Krishna só pode significar Hara: Srimati Radharani. Hara significa “Radha, que até consegue capturar a atenção de Krishna, Hari.” A palavra *harana* significa “roubar”. Quem consegue roubar a mente dAquele que é muito perito em roubar – que consegue roubar até a mente de Krishna – Eia é Hara. Radharani demonstra a capacidade de roubar em sua mais alta capacidade. E “Krishna” significa “Aquele que é muito atraente no sentido absoluto.” Ambos são representados no mantra

RUPANUGA MANTRA

Os seguidores da *rupanuga sampradaya* jamais podem se desviar dessa consciência no seu cantar do *maha-mantra*. E com essa concepção, eles continuam com o serviço de Hari-Hara, Radha-Krishna. Eles se absorvem em *radha dasyam*. Não conseguem pensar em mais nada além disso. E uma vez tendo alcançado plenamente esse plano, nunca podem descer daquele nível, do interesse de Radha-Krishna. Eles não podem se permitir ficar fora desse círculo.

Essa é a posição de nossa mais alta aspiração, e conforme o *adhikara* ou a qualificação espiritual de um devoto, esse tipo de significado despertará na mente dele. Será despertado, descoberto pelo *sadhana*. Nessa ocasião, a cobertura do coração será removida e o amor divino brotara espontaneamente da fonte do coração como a função interna da alma.

* * *

O SERVIÇO A SRI RADHA

Certa vez, o Diwan de Bharatpur tinha vindo em peregrinação com sua família ao mais sagrado dos locais, Sri Radha-kunda, o lago sagrado de Srimati Radharani. Ele e sua família estavam circumambulando o Radha-kunda. Eles se jogavam de cara no chão, prestando reverências deitados com os braços esticados. A cada vez que prestavam reverências assim, marcavam o lugar com as pontas dos dedos que tocavam a terra. Depois lentamente se levantavam, davam um passo à frente onde aquele lugar fora marcado, e novamente caíam duros, prestando reverências com grande respeito e adoração. Dessa maneira, circumambulavam todo o Radha-kunda. Ao ver tal adoração intensa, Paramananda Prabhu, discípulo íntimo de nosso *guru maharaja* Srila Bhaktisiddhanta Saraswati Thakura, sugeriu a Prabhupada que o Diwan e sua família deviam ter grande respeito por Radharani para circumambularem o Radha-kunda de tal modo.

Na ocasião, Prabhupada disse: "O ângulo de visão deles para com o Radha-kunda e Radharani é diferente do nosso. Eles reconhecem e reverenciam Krishna. E porque Radharani é a favorita de Krishna, eles também possuem alguma reverência pelo Radha-kunda. Porém, nossa visão é justamente o oposto. Nossa interesse é por Radharani. E só porque Ela quer Krishna temos alguma conexão com Ele."

E assim, os Gaudiya Vaisnavas só conhecem Radharani. O interesse deles é só por Ela, por Seus deveres e Suas necessidades. Estão prontos a servir Ela em todas as circunstâncias, e não conseguem contemplar qualquer serviço sem Ela. Essa é a mais alta realização dos Gaudiya Vaisnavas, esse é o caráter especial

do partido de Mahaprabhu, e isso foi anunciado por Raghunatha Dasa Goswami em seu *Vilapa-kusumanjali* (102):

*asabharair-amrta-sindhu-mayah kathancit
kalo mayatigamitah kila sampratam hi
tvam cet krpam mayi vidhasyasi maiva kim me
pranair vraje na ca varoru bakarinapi*

Este verso é uma oração direta a Radharani. Expressa um determinado tipo de esperança que é tão doce e reconfortante que é comparada a um oceano ilimitado de néctar. Ele diz: “Existe uma esperança que me sustenta e nutre minha existência. E com essa esperança, de algum modo, estou passando meus dias, arrastando minha vida por estes tempos entediantes. Esse nectáreo oceano de esperança está me atraindo e mantendo vivo. Porém, a minha paciência chegou ao final. Não consigo aguentar mais. Não consigo mais esperar.

“Se Você não mostrar a Sua graça para comigo neste momento, Sri Radha, estou acabado. Perderei a minha perspectiva para sempre. Não terei nenhum desejo de continuar com a minha vida. Será tudo inútil. Sem Sua graça, não suporto viver mais um momento. E Vrindavana, que me é mais querida até que minha própria vida – estou desgostoso com ela. É doloroso; está sempre me apertando. Sem falar de qualquer outra coisa, estou desgostoso até com Krishna. É vergonhoso pronunciar palavras assim, mas não consigo ter nenhum amor por Krishna a não ser que, e até que Você me leve para dentro de Seu campo confidencial de serviço.” Esta é a oração de Raghunatha Dasa.

Quando Srila Bhaktisiddhanta Saraswati começava a explicar este verso, sua figura se transformava. Ele ficava cheio de emoção; sua face se parecia com a de um fantasma.

Neste verso, Raghunatha Dasa Goswami, correndo risco extremo, diz: “Ó Radha, se eu não receber o Seu favor, não quero nada. Quero a Você e somente a Você. Ter uma relação independente com qualquer outra pessoa, eliminando-A, é impossível em minha vida. Você deve ser a primeira, e depois os outros. Sem Você, nunca poderemos nem mesmo pensar numa relação separada com

Krishna.”

Bhaktivedanta Swami Maharaja escreveu que sem a companhia de Radharani, Krishna não é belo. Tudo é relativo – dependente. Um professor depende do estudante, e o estudante depende de seu professor. Embora Krishna seja o desfrutador, Ele é completamente dependente da desfrutada, Srimati Radharani. Ambos estão correlacionados; um não pode ser separado do outro. Como a desfrutada, Radharani também é absolutamente dependente de Krishna, que é o desfrutador.

Radharani diz: “Meu destino está perdido para sempre porque Me entreguei, Me vendi a muitos lugares. Quando ouvi a flauta, Me dediquei à canção da flauta. Quando ouvi o nome de Krishna, Me dediquei àquele som. E quando vi uma linda pintura de Krishna, Me dediquei inteiramente àquele retrato. Portanto, Me vendi completamente em três lugares, sem nenhuma possibilidade de qualquer felicidade ou paz em Minha vida. Se eu tivesse Me dedicado apenas a uma só coisa, poderia haver uma possibilidade de paz, porém, por ter Me dedicado a três diferentes lugares, não tenho esperança.

“Ao ver o retrato de Krishna, não Me pude conter. Não houve outro jeito senão entregar-Me àquela bela figura, e assim dediquei-Me completamente. O nome de Krishna também Me comprou totalmente. E o doce som da flauta – isso também Me atraiu para o extremo da dedicação. Portanto, como posso esperar tranquilidade em Minha vida? Isso é impossível, Minhas amigas.” Radharani não o sabia na época, mas a fonte da flauta de Krishna, Seu nome e Sua beleza são um só ser. Se Ela pudesse ter percebido como os três são um só, então teria sido possível para Ela ter a mente tranquila. Mas é difícil entender esse princípio.

Como é que esse som da flauta de Krishna, o som de Seu nome e um retrato Seu não diferem dEle? Idealismo. Nas palavras de Hegel: realismo ideal. A idéia absoluta não é para ser rejeitada como uma coisa abstrata; em vez disso, é a base de toda existência. A realidade está ali, porém é realismo ideal. E Nityananda, Baladeva, dá o fundamento da realidade de Vrindavana: “*nitaiyer koruna habe, braje radha-Krishna pabe, dharo nitai-carana du'khani.*

Depois de descrever a posição de Radharani em seu

Saranagati, Bhaktivinoda Thakura diz: “Quero servir àqueles que possuem o serviço a Radharani em seu coração. Desejo servir a poeira dos pés daqueles cuja única fortuna é o serviço a Sri Radha. Desejo cair diante deles e tomar a poeira de seus santos pés. Se você não puder fixar sua mente no serviço a Radharani, então todas as suas tentativas de servir a Krishna são inúteis. Se você não conseguir ter sinceridade no serviço a Srimati Radharani, então todo seu trabalho para Krishna foi para o inferno.” Não conseguimos conceber um sol sem calor, nem conseguimos conceber Deus sem Sua potência. Assim também, nenhuma concepção de Krishna é possível sem Srimati Radharani. Não podemos conhecer qualquer Madhava sem Radha.

Ela é a outra metade de Krishna – ou na linguagem de Srila Bhaktisiddhanta: a metade predominada. O serviço devocional como um todo é representado por Ela, porque tanto a intensidade quanto a amplitude de Seu serviço a Krishna são sem paralelo. Existem tantos exemplos de donzelas castas e piedosas na antiga história dos *Puranas*: Saci, a fiel esposa de Indra; Sati, a esposa do Senhor Shiva; Laksmidevi, a deusa da fortuna; Satyabhama, a esposa de Krishna em Dwaraka; Rukmini, a principal rainha de Krishna em Dwaraka; e mesmo as antagonistas de Radharani, lideradas por Chandravali. Todas elas representam diferentes aspectos de Radharani. Todas surgem da potência principal conhecida como Radha.

O nome Radha vem da palavra *aradhana*: a pessoa que pode servir, que pode adorar, que pode oferecer respeito, que realmente ama Krishna, que pode prestar-Lhe serviço amoroso. Todas essas outras donzelas que são famosas por sua castidade e piedade não passam de representações parcias de Radharani. Se notarmos as escrituras e examinarmos com atenção a posição dessas damas virtuosas, descobriremos que a fonte de toda sua castidade e devoção é Srimati Radharani. Ela é a origem da devoção. E assim Bhaktivinoda diz: “Curvo-me e tomo a poeira dos santos pés daqueles cuja única fortuna é o serviço a Radharani. Não anseio por nada mais.” É muito afortunada a pessoa que sabe disso e sempre trilha esse caminho com um coração sincero.

É o ideal que nos torna grandes, não alguma posse material. Quem

tem o mais elevado ideal é realmente afortunado. O ideal mais elevado é a posse mais valiosa. E coisas menos valiosas devem ser eliminadas se for para concentrarmos nossos esforços e salvárnos do empenho inútil. Chaitanya Mahaprabhu veio para nos mostrar o ideal mais elevado – a senda do amor divino. E na vida dEle e nos ensinamentos do *Srimad-Bhagavatam*, encontramos o amor divino por Deus em sua intensidade máxima. Todo o *Srimad-Bhagavatam* destina-se a ilustrar o ideal do amor divino que alcança sua mais elevada expressão em Srimati Radharani.

O *Srimad-Bhagavatam* canta mui gloriosamente a respeito do relacionamento de amantes de Radha e Krishna. Os *Vedas* e outros *Puranas* não são tão expressivos sobre tais passatempos confidenciais, todavia encontramos uma sugestão das glórias de Radha e Krishna no *Srimad-Bhagavatam*. E os Goswamis expressaram mais plenamente a devoção de Radharani em seus escritos. No *Padyavali* de Rupa Goswami, A encontramos dizendo: “Meu Senhor, as pessoas dizem que tenho má reputação por causa de Minha conexão com Você. Não sinto problema algum em Meu coração devido a isso. Minha preocupação é que não pude entregar-Me completamente a Você. As pessoas em geral dizem que estou ilicitamente conectada com Você, mas o que Me perturba é que não pude realmente Me entregar a Você. Sinto que não sou digna de Seu serviço. Esse é o único problema em Meu coração.”

E o êxtase do amor divino aumenta na separação. Um dia, quando Krishna brincava com Seus amigos vaqueiros nas terras pastoris de Vrindavana, Krishna repentinamente sentiu extrema separação de Radharani. Enviou seu melhor amigo Subala a Radharani, dizendo-lhe:

– Vá até Minha Radha e traga-A. Sem Ela, não posso viver. De repente, desejo tanto a companhia dElas, que não consigo mais aguentar. De alguma maneira, consiga trazê-IA.”

– Como é possível trazê-IA aqui para a selva em plena luz do dia? – Subala disse.

– De alguma maneira, consiga-o. – respondeu Krishna.

Subala pensou: “Que devo fazer?” Subala tinha uma conexão muito íntima com a família do esposo de Radharani. Foi até a casa de Radharani e disse para as amigas dela:



Sri Sri Radha e Krishna

– Krishna não consegue mais tolerar a separação de Radharani. Ele está tão ansioso por encontrar-Se com Ela que está enlouquecendo. De algum jeito, façam um arranjo para que Se encontrem.

“Como isso seria possível?” perguntaram as *gopis*. Subala explicou-lhes que Krishna se encontrava ali perto, na selva. Discutiram entre si o que fazer. Subala era um belo jovem que se parecia com Radharani. Assim, Subala vestiu as roupas de Radharani e Ela vestiu a roupa de vaqueirinho de Subala.

Quando Radharani foi descoberta usando a roupa de Subala, Ela foi intimada pelos membros de Sua família:

– Subala! Que você está fazendo aqui?

Nas roupas de Subala, Radharani disse:

– Está faltando um bezerro e a mãe dele está mugindo. Por isso, vim até aqui para procurar o bezerro.

Portanto, deram um bezerro a Radharani, e Ela o carregou sobre Seu peito para dentro da floresta. Dessa maneira, Radharani foi disfarçada de Subala, enquanto Subala, que vestira a roupa de Radharani, permanecia no quarto dEla.

Radharani tinha uma pista de onde Krishna estaria Se escondendo próximo à beira da floresta. Ela foi procurá-LO. Afinal, quando Radharani viu Krishna, aproximou-Se dEle na roupa de Subala. Krishna estava louco. Não podia detectar que Radharani havia chegado, e sim confundiu-A com Subala. Ele disse:

– Oh, Subala, você voltou sem Radharani! Você não conseguiu trazê-IA?

Radharani começou a gracejar:

– Não – disse Ela. – Foi impossível para mim trazê-IA durante o dia.

Então o que devo fazer? Não posso mais tolerar a Minha vida – disse Krishna.

– Se Você mandar, posso ir até Chandravali e trazê-la.

– “Não, não – disse Krishna, – coalho não pode satisfazer a sede por leite. Não é possível!

Krishna estava abatido pelo desapontamento. Então Radharani abraçou-O, dizendo:

– Meu Senhor, Você não consegue reconhecer Sua serva?

Falhou em Me reconhecer!

Então Krishna ficou novamente cheio de júbilo.

Embora os passatempos de Radha e Govinda sejam mencionados nas escrituras, tudo isso são assuntos muito elevados. Não são para se expressar comumente em palavras, mas ainda assim, às vezes, somos forçados a falar sobre isso porque o elevado ideal do amor divino dado pelo *Srimad-Bhagavatam* é a meta suprema da vida. É claro que a erudição de Srila Sukadeva Goswami e de Sri Gauranga Mahaprabhu ajudaram até certo ponto a estabelecer a dignidade da proposta de que o amor se encontra acima do conhecimento. Foi admitido por todos que Sukadeva obteve a mais alta realização dentre os eruditos no conhecimento; os sábios foram unâimes em admitir que ele detinha a posição mais elevada. Por isso, quando Sukadeva Goswami veio inaugurar o princípio de que o amor divino se encontra acima de tudo o mais, os sábios tiveram que prestar atenção. Chaitanya Mahaprabhu demonstrou aos sábios que a Sua inteligência e erudição excediam a de todo mundo. Assim, quando Ele chegou com as novas sobre o amor divino, foi mais fácil para os homens comuns aceitar esse como sendo o ideal mais elevado e tentar alcançá-lo.

Assim, Vasudeva Ghosh diz: *yadi gaura na ha'te tabe ki haita kemane dharitam de*. Se Mahaprabhu não tivesse aparecido nesta Kali-yuga, como então poderíamos tolerar viver? Como poderíamos manter nossas vidas? O que Ele deu – a própria essência da vida, o próprio sabor, o encanto da vida – sem isso, achamos ser impossível que qualquer pessoa viva neste mundo. Isso foi inventado, descoberto por Gauranga. Se Ele não tivesse vindo, como poderíamos viver? É impossível viver destituído de algo tão sagrado e agradável como o amor divino. Sem Chaitanya Mahaprabhu, como poderíamos saber que Radharani permanece suprema no mundo do amor divino? Recebemos todas essas coisas dEle, e agora pensamos que a vida vale a pena viver. Caso contrário, viver seria suicida.

E servir àqueles que conseguem servir a Radharani é o meio de aproximar-se da vizinhança dEla. Ao servir aos servos dos servos, nos é assegurado o sucesso em conseguir a graça de Krishna. Se de alguma maneira pudermos ser incluídos no grupo dos servos de

Srimati Radharani, nosso futuro estará assegurado.

No grupo dos servidores de Radharani, aspiramos a ser rūpanugās, seguidores de Sri Rupa. E os seguidores de Sri Rupa terão grande sinceridade ao aterem-se às ordens de Sri Rupa, assim como ele faz com Lalita. Desse modo, através de Rupa Goswami, nosso serviço devocional está indo até o plano mais elevado. E nosso mais elevado benefício só se encontra lá. Nem mesmo nossa conexão com Radharani ou Lalitadevi é a meta mais elevada da vida, mas nossa aspiração mais alta é servir na Rūpanuga-sampradaya, isso quer dizer que nossa realização mais elevada encontra-se na conexão de Sri Rupa.

Radha-dasya tem sido mencionado como a realização mais elevada. Por quê? A qualidade e a quantidade de *rasa* que Radharani pode extrair de Krishna nunca será encontrada em qualquer outro lugar. Portanto, se nos situamos logo atrás de Radharani, teremos permissão de provar não só da quantidade, mas também da qualidade mais elevada de *rasa*.

Nenhuma outra pessoa consegue extrair tanto *rasa* de Krishna. O tipo mais pleno, mais elevado de qualidade é extraído de Krishna: Ele Se dá total, inteira e profundamente. Portanto, se estivermos no grupo de Sri Rupa, poderemos receber um gostinho desse tipo de *rasa*.

No acampamento de Radharani, quando Krishna e Radha desfrutam de passatempos mui solitários num local ermo, as *sakhis* mais cresidas não podem se aventurar a entrar no aposento e assistí-los. As meninas mais novas, as *manjaris*, são enviadas. A líder desse grupo jovem pode entrar onde ambos, Radha e Govinda, se encontram mui intimamente conectados, quando até mesmo as *sakhis* não se aventuram a ir, por temor de causar alguma interrupção. Porém, Rupa e as *manjaris* podem entrar ali naquela hora devido à sua tenra idade. Esse tipo de *rasa* que não pode ser obtido nem mesmo através das *sakhis* só pode ser obtido através das *manjaris*.

Bhaktivinoda Thakura ora para obter admissão lá. Ele tem uma aspiração de uma qualidade tão elevada. Ele diz: *rūpanuga hoite sei doy*. Ele corre para se alistar no grupo de Rupa, que pode nos conceder esse tipo de perspectiva futura. E Prabhodananda

Saraswati descreveu o pré-requisito para se entender todas essas coisas:

*yatha yatha gaura padaravinde
vindeta bhaktim krta punya-rasih
tatha tathotsarpati hrday akasmat
radha padambhoja sudhambhurasih*

“Quanto mais você se render aos pés de lótus de Sri Gauranga, mais você se achará seguramente situado no serviço a Radha-Govinda. Não tente se aproximar de Radha-Govinda diretamente; se o fizer, poderá haver alguma dificuldade. Porém, os pés de lótus de Sri Gauranga o levará até lá seguramente.”

Em meu poema sânscrito dedicado a Bhaktivinoda Thakura, expliquei todos esses pontos:

*sri-gauranumatamsvarupa-viditam rupagrajenadrtam
rupadyaih parivesitam raghu-ganair-asvaditam sevitam
jivadyair abhiraksitam suka-siva-brahmadi sammanitam
sri-radha-pada-sevanamrtam aho tad datum iso bhavan*

“O que foi sancionado por Sri Chaitanya Mahaprabhu através de Seu advento era conhecido intimamente apenas por Sri Svarupa Damodara Goswami. Foi adorado por Sanatana Goswami e servido por Rupa Goswami e seus seguidores. Raghunatha Dasa Goswami provou plenamente dessa coisa maravilhosa e realçou-a com sua própria realização. E Jiva Goswami apoiou e protegeu-a com sua própria realização. O sabor dessa verdade divina é a aspiração de Brahma, Shiva e Uddhava, que a respeitam como a meta suprema da vida. Qual é essa maravilhosa verdade? *Sri-radha-pada-sevana*: que o mais alto néctar de nossa vida é o serviço a Srimati Radharani. Isso é muito maravilhoso. Ó Bhaktivinoda Thakura, o senhor é nosso mestre. Está em seu poder permitir que nos concedam a Sua graça. O senhor se encontra numa posição que lhe permite conceder a todos a mais elevada dádiva jamais conhecida pelo mundo. Encontra-se à sua disposição. Ó Bhaktivinoda Thakura, por favor seja bondoso para conosco e conceda-nos a sua misericórdia.”

Foi desse modo que Sri Chaitanya Mahaprabhu, nosso mais benevolente Senhor, veio buscar Seus servos há muito perdidos para dar-lhes esse mais elevado ideal do amor divino.

GAURA HARI BOL!

* * *

SRI CHAITANYA SARASWAT MATH

*Kolerganj, P.O. Navadvip, District Nadia
W. Bengal, PIN 741302, Índia*

Um Convite ao Leitor

As pessoas interessadas no assunto deste livro estão convidadas a tornar-se membros d'**O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA** da Sri Chaitanya Saraswat Math do Brasil. Ao fazê-lo, passarão a receber as publicações mensais.

Para maiores informações e outras publicações:

O CLUBE DO LIVRO VAISNAVA

Rua Mário de Andrade, 108
Caucaia do Alto - Cotia - SP
06720-000

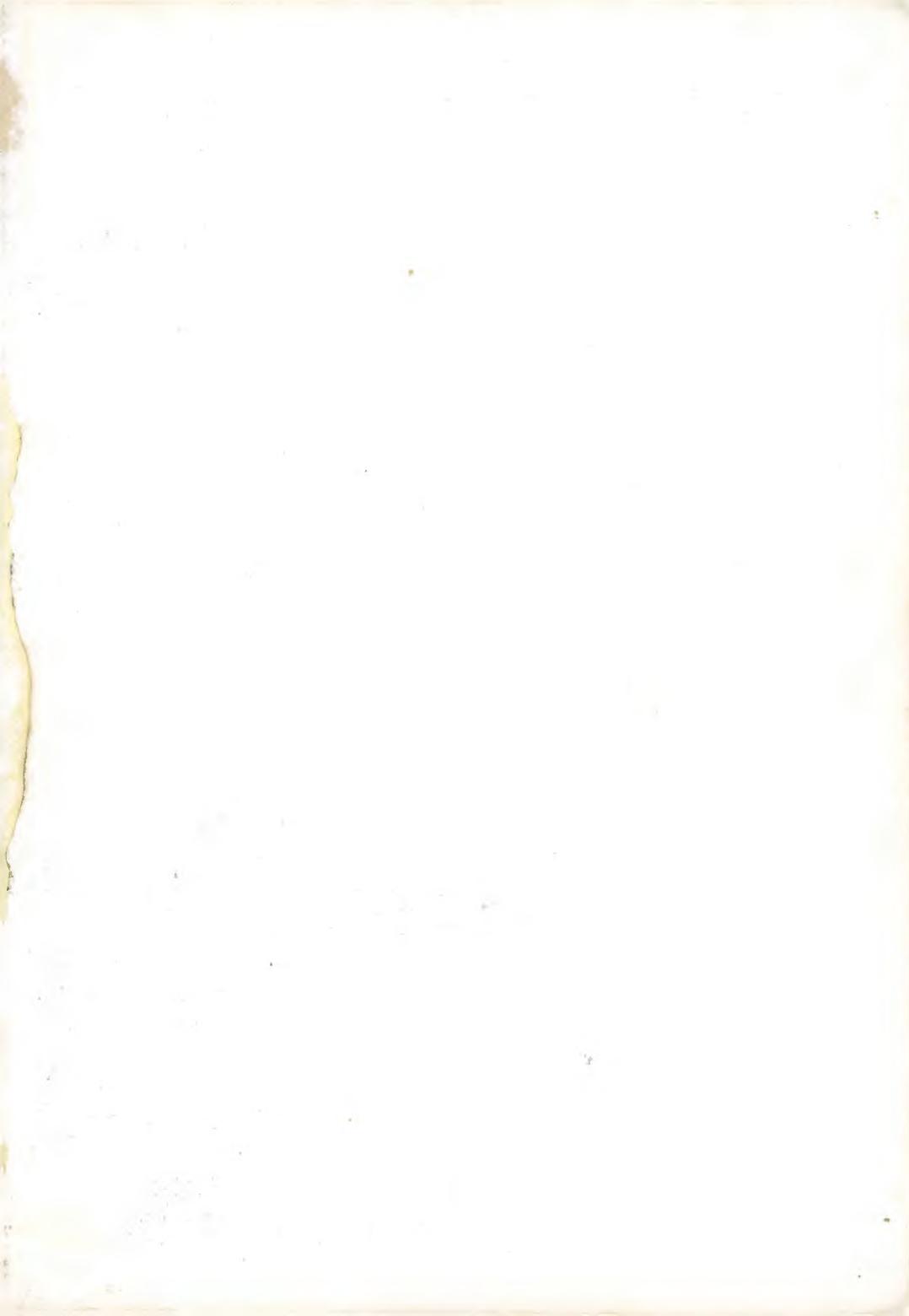
0xx11 7921-1253

bhuvana@u-net.com.br

Visite o Sri Chaitanya Saraswat Math na Internet:

<http://www.scsmath.com>

PAPERCRON
IMPRESSÃO DIGITAL A LASER
TELEFAX: (012) 331-9804/331-9511



“O amor, a beleza, a afeição e a harmonia são o anseio mais íntimo de toda alma viva e não o poder, o conhecimento ou qualquer outra coisa.

Este é o diagnóstico de toda a Criação no tempo e no espaço; a causa em comum é uma só.

Mas é raro uma alma chegar a um estágio tão claro de anseio pela realidade que lhe permita entender este ponto. Encontramos poucas almas neste mundo realmente conscientes de sua necessidade mais íntima, que percebem que:

‘Queremos Krishna! Queremos Vrindavana!’

Krishna se encontra em toda parte.

Basta conseguirmos desenvolver a visão correta e o rosto soridente do Senhor irá surgir por trás da tela. Krishna é lindo e Ele está esperando ansiosamente para aceitar nossos serviços.”